

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**ETNOZOOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MATO GROSSO CAMPUS JUÍNA –
BIODIVERSIDADE *IN LOCO*.**

EDILSON LUIZ CÂNDIDO

2013



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**ETNOZOOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIENCIA E TECNOLOGIA DO MATO GROSSO CAMPUS JUÍNA –
BIODIVERSIDADE *IN LOCO*.**

EDILSON LUIZ CÂNDIDO

Sob a Orientação da Professora
NEDDA GARCIA ROSA MIZUGUCHI

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ

Agosto de 2013

EDILSON LUIZ CÂNDIDO

304.27

C217e

Cândido, Edilson Luiz, 1976-
Etnozootologia no Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Mato
Grosso Campus Juína - biodiversidade in
loco / Edilson Luiz Cândido. - 2013.
149 f.: il.

Orientador: Nedda Garcia Rosa Mizuguchi.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2013.
Bibliografia: f. 90-95.

1. Etnozootologia - Teses. 2. Relação
homem-animal - Teses. 3. Biodiversidade -
Teses. 4. Educação - Teses. 5.
Conhecimento e aprendizagem - Teses. 6.
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Mato Grosso (Campus Juína) -
Teses. I. Mizuguchi, Nedda Garcia Rosa,
1960-. II. Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação Agrícola. III. Título.

Lenildo Gonçalves, Dr. UFRJ

AGRADECIMENTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE AGRONOMIA

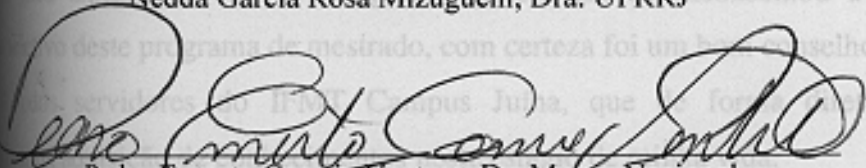
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

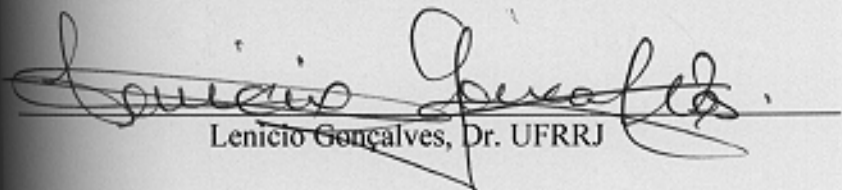
EDILSON LUIZ CÂNDIDO

trabalho submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em**
Educação Agrícola, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração
em Educação Agrícola.

DIPLOMA APROVADO EM 27/08/2013.


Nedda Garcia Rosa Mizuguchi, Dra. UFRRJ


Pedro Ernesto Correia Ventura, Dr. Museu Nacional


Lenicio Gonçalves, Dr. UFRRJ

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Professora Nedda Garcia Rosa Mizuguchi, pela atenção, dedicação e paciência;

A minha esposa Vivia e meu filho Otávio, pelo incentivo e apoio;

A Coordenadora da Turma de Meio Ambiente, Prof. ^a Rosa Cristina Monteiro, pelo seu carinho e atenção para com a turma.

Aos professores do PPGEA e toda equipe administrativa, que sempre nos recebeu de braços abertos nas semanas de credito em Seropédica;

Aos colegas da Turma 1-2011, que se somaram à minha lista de amizades;

Aos alunos do IFMT – Juína, que participaram da pesquisa de forma alegre e contagiante;

Aos moradores do entorno do IFMT – Juína, que me receberam em suas casas de forma acolhedora com cafezinhos, lanches e até mesmo uma pinguinha;

Aos meus pais, Júlio e Zulmira, que não tiveram oportunidades profundas na educação, mas sempre me ensinaram sua importância;

A minha irmã Edna, que sempre foi um porto seguro no que tange a bons conselhos e exemplos.

Ao meu amigo José Alves Junqueira Junior, que me aconselhou a participar do processo seletivo deste programa de mestrado, com certeza foi um bom conselho!

A todos servidores do IFMT Campus Juína, que de forma direta ou indireta contribuíram na aquisição de conhecimentos neste estágio de minha vida.

RESUMO

CÂNDIDO, Edilson Luiz. **ETNOZOOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MATO GROSSO CAMPUS JUÍNA – BIODIVERSIDADE *IN LOCO***. 2013. 149p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013.

A relação homem-natureza é um fato recorrente no cotidiano social, de forma direta ou indireta, produzindo saberes populares em relação à interação da vida. Tais conhecimentos vêm sendo estudados pela Etnobiologia, sendo a Etnozoologia uma de suas ramificações. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso Campus Juína tem como característica ser um campus inserido em uma área ambiental ainda preservada, podendo-se observar diariamente a riqueza da biodiversidade local. Assim, este trabalho teve como objetivo o levantamento de saberes de estudantes e moradores do entorno da escola em relação à fauna, no intuito de promover a integração ao saber científico do ensino de ciências, respaldando-se na Teoria da Complexidade de Edgar Morin e nos Temas Geradores de Paulo Freire. Houve a participação de 88 estudantes do primeiro ano do curso Técnico em Agropecuária e 44 moradores vizinhos à instituição, sendo que a coleta dos dados realizou-se através de conversas informais gravadas, seguindo um roteiro de questionamentos sobre o conhecimento e a interação com a fauna local. O conjunto dos moradores citou 117 etnoespécies, enquanto 144 foram citadas pelos estudantes. Interações alimentares, afetivas, zooterápicas e fóbicas foram relatadas. Conclui-se que o conhecimento do ambiente local pode ser uma ferramenta importante para trabalhar a Educação Ambiental e Ciências no IFMT-Juína.

Palavras chave: Etnozoologia, educação, biodiversidade.

ABSTRACT

CÂNDIDO, Edilson Luiz. **ETHNOZOOLOGY IN FEDERAL INSTITUTE OF EDUCATION, SCIENCE AND TECHNOLOGY CAMPUS JUÍNA MATO GROSSO - BIODIVERSITY IN LOCO**. 2013. 149p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013.

The relationship man-nature is a recurrent fact in everyday social life, directly or indirectly, producing popular knowledge regarding the interaction of life. Such knowledge has been studied by Ethnobiology, once Ethnozoology has been one of its branches. The Federal Institute of Education, Science and Technology Campus Juína Mato Grosso is characterized by being a campus inserted into an environmental area still preserved and we may observe daily the wealth of local biodiversity. Thus, this study aimed to survey the knowledge of students and residents surrounding the school in relation to fauna, in order to promote the integration of scientific knowledge to science teaching, supporting up on the Edgar Morin's Complexity Theory and Generator Themes by Paulo Freire. There was the participation of 88 students from the first year of the technical course in Agriculture and 44 neighboring residents to the institution, and the data collecting was conducted through informal conversations recorded, following a script of questions about knowledge and interaction with the local fauna. The group of residents cited 117 ethnospecies, while 144 were cited by students. Affective, zootherapeutic, phobic and feeding interactions were reported. We conclude that knowledge of the local environment can be an important tool to work with Environmental Education and Science at IFMT-Juína.

Keywords: Ethnozoology, education, biodiversity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa do Mato Grosso com localização do município de Juína. (Adaptado de Guia Geográfico, 2012).....	3
Figura 02 - Localização de Juína no mapa de vegetação e uso das terras do Estado de Mato Grosso – 1999. (Adaptado Embrapa - Monitoramento por Satélite, 2005).	4
Figura 03 - Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas, onde está inserida a microbacia da região de Juína MT. (Adaptado de Oliveira, 2010).....	5
Figura 04 - Início da colonização de Juína, em 1976. Fonte Casa da Cultura do Município de Juína, 2012.....	7
Figura 05 - Imagem da árvore figueira. Segundo informações da população local já derrubada, hoje no lugar é ocupado por área urbana, Bairro Modulo II. Fonte Casa da Cultura do Município de Juína, 2012.	8
Figura 06 - Impacto causado por garimpo de diamante. 1986. Fonte: FUNDAÇÃO JULIO CAMPOS (1993).	9
Figura 07 - Sucuri capturada no início da colonização do município. Imagem Casa da Cultura de Juína, data indefinida.	10
Figura 08 - Gavião Real capturado em 1979 no município. Casa da Cultura de Juína, 2012.	10
Figura 09 - Fachada de entrada do IFMT Campus Juína. Imagem, 2012.....	12
Figura 10 . Etnozootologia no pensamento complexo.....	15
Figura 11 - Imagem mostrando a área de coleta de dados por entrevistas com moradores do entorno do IFMT Juína. (GOOGLE MAPS, 2012).	16
Figura 12 – Gráfico contendo resultado de quantidade de moradores por residência.	18
Figura 13 - Morador ajudando na construção de uma casa para o sogro. A maioria das casas da região é de madeira. Imagem, 2012.	20
Figura 14 – Gráfico das atividades agrícolas nas propriedades dos moradores.	20
Figura 15 – Gráfico de atividades pecuárias nas propriedades de moradores.....	21
Figura 16 – Gráfico com quantidade de citações da fauna local e sua classificação taxonômica.	23
Figura 17 – Gráfico com distribuição taxonômica de etnoespécies.	24
Figura 18 - Bicho Preguiça. Fotografia, 2012.	31
Figura 19 - Capivara. Fotografia, 2012.....	31
Figura 20 - Barrigudo. Fotografia, 2012.....	31
Figura 21 - Macaco Aranha. Fotografia, 2012.	31
Figura 22 - Macaco Cuxiú. Fotografia, 2012..	32
Figura 23 - Macaco prego. Fotografia, 2012.....	32
Figura 24 – Papa pinto. Fotografia, 2012.....	32
Figura 25 – Cobra Jararaca. Fotografia, 2012.	32
Figura 28 - Araçari. Fotografia, 2012..	33
Figura 29 - Arara Canindé, 2012.	33
Figura 30 - Araracanga. Fotografia, 2012..	33
Figura 31 – Macaco Bugio. Fotografia, 2012.	33
Figura 32 - Sapo. Fotografia, 2012.....	33
Figura 33 - Jabuti. Fotografia, 2012.	33
Figura 34 - Aranha comum na região chega a ter 10 cm de tamanho. Imagem, 2012.	33
Figura 36 – Fauna silvestre local utilizada na alimentação humana, citada por moradores. ...	38
Figura 37 - Couro de onça pintada. Imagem Casa da Cultura Juína, ano indefinido.	39
Figura 38 - Periquito do Encontro Amarelo, filhote criado na casa de um dos entrevistados.....	41
Figura 39 – Gráfico com relação de afinidade por animais citados por moradores.	42
Figura 40 – Gráfico com a relação de fobia (medo) de animais citados por moradores.	43

Figura 41 – Gráfico contento citações quanto ao saber da importância da preservação da fauna silvestre.	44
Figura 42 – Gráfico com relação de fontes de conhecimento sobre leis de proteção da fauna.	45
Figura 43 – Gráfico com distribuição de idade dos alunos entrevistados.	48
Figura 44 – Gráfico com distribuição das cidades de origem de alunos entrevistados.	49
Figura 45 – Gráfico com tempo de moradia de alunos no município de Juína.	50
Figura 46 – Gráfico demonstrando percentuais para existência de laminais d'água e matas nas propriedades.	52
Figura 47 - Aula pratica da disciplina de Zootecnia na avicultura de corte. Imagem, 2011...	53
Figura 48 – Gráfico contento relação de nº de citações sobre a fauna regional com divisões taxonômicas.	54
Figura 49 – Gráfico com distribuição taxonômica de etnoespécies citadas por alunos.	55
Figura 50 - Onça abatida na região. Imagem cedida por aluno, 2012, sem data da imagem. .	67
Figura 51 - Alunos alojados do campus IFMT Juína com jibóia capturada perto do refeitório do campus. Roniel Lobo da Silva, 2012.	70
Figura 52 - Aluno segurando jararaca capturada dentro do campus. Imagem cedida pelo aluno Roniel Lobo da Silva, 2012.	70
Figura 53 - Aluno soltando tatu. Imagem, 2012.	71
Figura 54 - Bugio acidentado na rede elétrica do campus. Imagem cedida por Thaís Vasconcelos Silva, 2012.	71
Figura 55 - Jacaré abatido na região. Imagem cedida por aluno entrevistado, 2012.	73
Figura 56 - Trairão pescado em rio da região. Imagem cedida por aluno, 2012.	74
Figura 57 - Cocar etnia indígena <i>Rikbaktsa</i> com penas da avifauna regional. Imagem capturada no Museu Salesiano Indígena em Juína MT, 2012.	77
Figura 58 - Mutum criado como animal doméstico. Imagem cedida por aluno, 2012.	78
Figura 59 – Aluno do campus, com seus 7 anos de idade em companhia de uma anta. Imagem cedida pelo aluno Roniel Lobo da Silva, 2012.	78
Figura 60 – Loro, papagaio silvestre de estimação. Imagem cedida por aluno, 2012.	79
Figura 61 - Jacamim criado como ave doméstica. Imagem cedida por aluno, 2012.	79
Figura 62 - Arara de estimação. Imagem cedida por aluno, 2012.	80
Figura 63 - Jabuti criado em casa de aluno. Imagem cedida por aluno, 2012.	80
Figura 64 – Gráfico com importância da fauna silvestre citada por alunos.	83
Figura 65 - Mapa Conceitual com teia de conhecimentos faunísticos inter-relacionada com o IFMT- Juína.	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Mamíferos da fauna local citados por moradores.....	25
Tabela 02 – Répteis da fauna local citados por moradores.	26
Tabela 03 – Aves da fauna local citadas pelos moradores.	26
Tabela 04 – Peixes da fauna local citados pelos moradores.....	27
Tabela 05 – Anfíbios da fauna local citados por moradores.	27
Tabela 06 – Invertebrados da fauna local citados pelos moradores.....	28
Tabela 07 – Fauna silvestre citada por mais de 50% dos moradores entrevistados.	29
Tabela 08 – Fauna silvestre citada por 25% a 50 % dos moradores entrevistados.....	29
Tabela 09 – Fauna silvestre citada por menos de 25% dos moradores entrevistados.....	29
Tabela 10 – Mamíferos domésticos citados por moradores.	35
Tabela 11 – Aves domésticas citadas por moradores.....	35
Tabela 12 – Fauna silvestre citada por moradores com diminuição de visualizações.	36
Tabela 13 – Atividades agrícolas citadas por alunos que declararam que a família possui propriedade rural.....	50
Tabela 14 – Mamíferos silvestres da fauna regional citados por alunos.....	56
Tabela 15 – Répteis da fauna regional citados por alunos.	57
Tabela 16 – Aves silvestres da fauna regional citadas por alunos.	57
Tabela 17 – Peixes silvestres da região citados por alunos.	58
Tabela 18 – Anfíbios da região citados por alunos.	59
Tabela 19 – Invertebrados da região citados por alunos.	59
Tabela 20 – Etnoespécies citadas por mais de 50% dos alunos.	60
Tabela 21 – Etnoespécies citadas por 25 a 50% dos alunos.....	60
Tabela 22 – Etnoespécies citadas por menos de 25% dos alunos.....	61
Tabela 23 – Mamíferos domésticos citados por alunos.	64
Tabela 24 – Aves domésticas citadas por alunos.....	64
Tabela 25 – Peixes domésticos citados por alunos.	64
Tabela 26 – Réptil doméstico citado por aluno.	64
Tabela 27 – Animais da fauna silvestre que estão sumindo da região, citados por alunos.	65
Tabela 28 – Fauna silvestre visualizada dentro da área do IFM Juína, citada por alunos	68
Tabela 29 – Animais silvestres da região utilizados na alimentação, citados por alunos.	72
Tabela 30 – Utilização de couro de animais na região, citados por alunos.....	75
Tabela 31 – Utilização medicinal da fauna, citados por alunos.	75
Tabela 32 – Utilização artesanal da fauna regional.	76
Tabela 33 – Animais silvestres domesticados (xerimbabos).....	77
Tabela 34 – Animais citados por alunos conforme afinidade.	81
Tabela 35 – Animais representados por fobia de alunos entrevistados.	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS	2
2.1	Geral.	2
2.2	Específicos.	2
3	REVISÃO DE LITERATURA	3
3.1	Juína MT: Da ocupação ao seu atual contraste socioambiental.	3
3.1.1	O Município.....	3
3.1.2	Uma história recente.	5
3.1.3	A ocupação e o Meio Ambiente	6
3.2	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso campus Juína. IFMT – JUÍNA MT.	11
3.3	Da Etnobiologia e Etnozoologia ao pensamento Complexo na Educação.	12
4	MATERIAL E MÉTODOS	16
4.1	Motivações e público alvo.	16
4.2	Metodologia	16
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5.1	Entrevistas nas comunidades do entorno do IFMT- Juína.....	18
5.1.1	Identificação do entrevistado.....	18
5.1.2	Natureza e características das propriedades visitadas e atividades exercidas por entrevistados.....	19
5.1.3	O IFMT Campus Juína e os moradores de seu entorno.	21
5.1.4	Conhecimento Etnozoológico.	23
5.1.4.1	A fauna local.....	23
5.1.4.2	Os animais que estão desaparecendo da região, segundo moradores.	36
5.1.4.3	Animais silvestres utilizados na alimentação.	37
5.1.4.4	Uso do couro, pelo e pele.	38
5.1.4.5	Uso medicinal	39
5.1.4.6	Atividades místicas.	40
5.1.4.7	Xerimbabo: criação de animais silvestres como animal de estimação.	40
5.1.4.8	De que animal (is) você mais gosta?.....	41
5.1.4.9	De que animal (is) você tem medo?.....	42
5.1.4.10	Importância da proteção da fauna silvestre.	43

5.1.4.11	As leis ambientais que protegem os animais.	45
5.2	Entrevistas com alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso Campus Juína.	48
5.2.1	Identificação dos entrevistados.....	48
5.2.2	O IFMT- Juína e seus alunos.....	52
5.2.3	Conhecimento Etnozoológico.	54
5.2.3.1	Animais que conhecem na região.	54
5.2.3.2	Animais que estão desaparecendo da região.	65
5.2.3.3	Percepção da Fauna dentro da área do IFMT – Campus Juína.	67
5.2.3.4	Animais silvestres utilizados para a alimentação na região.	72
5.2.3.5	Utilização de couro.	74
5.2.3.6	Animais com uso Medicinal.	75
5.2.3.7	Uso Artesanal.....	76
5.2.3.8	Animais silvestres em cativeiro (xerimbabo).	77
5.2.3.9	De que animal (is) você mais gosta? = Filia.....	81
5.2.3.10	De que animal (is) você tem medo?.....	82
5.2.3.11	Importância da proteção de animais silvestres.	83
5.2.3.12	As leis que protegem os animais.....	84
5.3	O Saber Etnozoológico e a Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso Campus Juína.	84
5.3.1	Organizando o conhecimento etnozoológico na sua complexidade.	85
6	CONCLUSÕES	88
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
9	ANEXOS	96

1 INTRODUÇÃO

A relação homem e natureza é um fato recorrente no cotidiano social, seja ela de forma direta ou indireta. A forma como o meio natural se apresenta nas relações comuns do dia- dia traz à tona conhecimentos empíricos de forma diferenciada em certos grupos sociais, destacando-se a atividade agrária contextualizada da agricultura familiar ou de grande escala executada pelos grandes latifundiários. São pessoas que em sua atividade de sustento e profissional estão ligados diretamente com o meio natural, tendo como característica a relação com a vida silvestre de uma forma íntima e direta.

Tais conhecimentos vêm sendo estudados pela Etnobiologia, que é parte integrante de uma ciência denominada Etnologia, que busca registrar a compreensão cultural e social de diferentes grupos sociais. A Etnobiologia tem por finalidade o levantamento dos saberes biológicos construídos por intermédio da relação do homem com seu ambiente. A Etnozoologia faz parte de estudos com finalidades específicas dentro da Etnobiologia, sendo uma visão complexa e transversal de saberes tradicionais em relação a conhecimentos científicos da Zoologia, tendo as mesmas premissas outras etnografias como a Etnobotânica e Etnoecologia, com relação respectivamente à Botânica e Ecologia.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso, Campus Juína tem como característica ser um campus inserido em uma área ambiental ainda preservada, onde se pode observar a riqueza da biodiversidade local tanto da flora como da fauna. Portanto, o reconhecimento do ambiente local no cotidiano escolar agrícola é uma importante ferramenta para trabalhar a percepção ambiental de alunos, apoiando a educação ambiental e ciências no contexto ensino/aprendizagem, enfatizando assim sua vocação agrária.

Como o que nos é ensinado ver e admirar influencia nossas perspectivas de análise, bem como a utilização ou não das nossas sensações para o entendimento do que nos cerca, parece bastante evidente ser o conhecimento uma peça importante na compreensão da interação homem/natureza. Faz-se necessário, então, desenvolver um aprendizado que envolva elementos de ordem científica, mas também ética e estética, em que essa interação seja explicitada e favoreça a conscientização ambiental e estimule ações relativas à preservação ambiental.

Portanto, a busca dessa integração entre os saberes torna-se mais importante quando o contexto dos educandos é o campo. A educação do campo ainda hoje se distancia da realidade do campo, assemelhando-se à educação formal urbana. Na educação do campo a Aprendizagem deve ser parte das situações vividas, vistas e observadas, constituindo suas interrogações; o papel da escola é facilitar ou ajudar os educandos a encontrarem as respostas.

A característica ambiental da área do IFMT- campus Juína e seu entorno, se torna uma importante ferramenta didática no ensino de Ciências e Educação Ambiental voltada para a preservação da vida silvestre, a ser trazida à tona em conjunto com alunos do curso técnico em agropecuária, que serão profissionais que estarão diretamente em contato com a relação natureza - sustentabilidade.

No ensino da biologia, por exemplo, é demonstrado que a inclusão dos conhecimentos tradicionais ecológicos nas salas de aula permite que os estudantes percebam como esses saberes têm contribuído para estudos no campo da ecologia e, do mesmo modo, como os conhecimentos ecológicos têm contribuído para os sistemas tradicionais de conhecimento, mais especificamente, para a preservação ambiental.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral.

Levantar e registrar os saberes e conhecimentos sobre a fauna local e do entorno do IFMT Campus Juína.

2.2 Específicos.

- Identificar o conhecimento e interações que os moradores do entorno do IFMT-Juína e seus estudantes têm sobre a fauna local;
- Registrar o conhecimento e interações que os moradores do entorno do IFMT-Juína e seus estudantes têm sobre a fauna local
- Construir material didático para o ensino de Ciências e Biologia no IFMT-Campus Juína, destacando a biodiversidade local.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Juína MT: Da ocupação ao seu atual contraste socioambiental.

3.1.1 O Município.

Segundo IBGE (2012), Juína conta com uma população de 39.255 habitantes e é delimitado em uma área de 26.396 km², localizado na Mesorregião Norte Mato-grossense.

Situado a 724 km da capital mato-grossense Cuiabá, o município tem como limítrofes no estado de Mato Grosso as cidades de Aripuanã, Castanheira, Brasnorte, Sapezal e Comodoro. Fazendo divisa também com o estado de Rondônia, conforme a figura 01 a seguir.

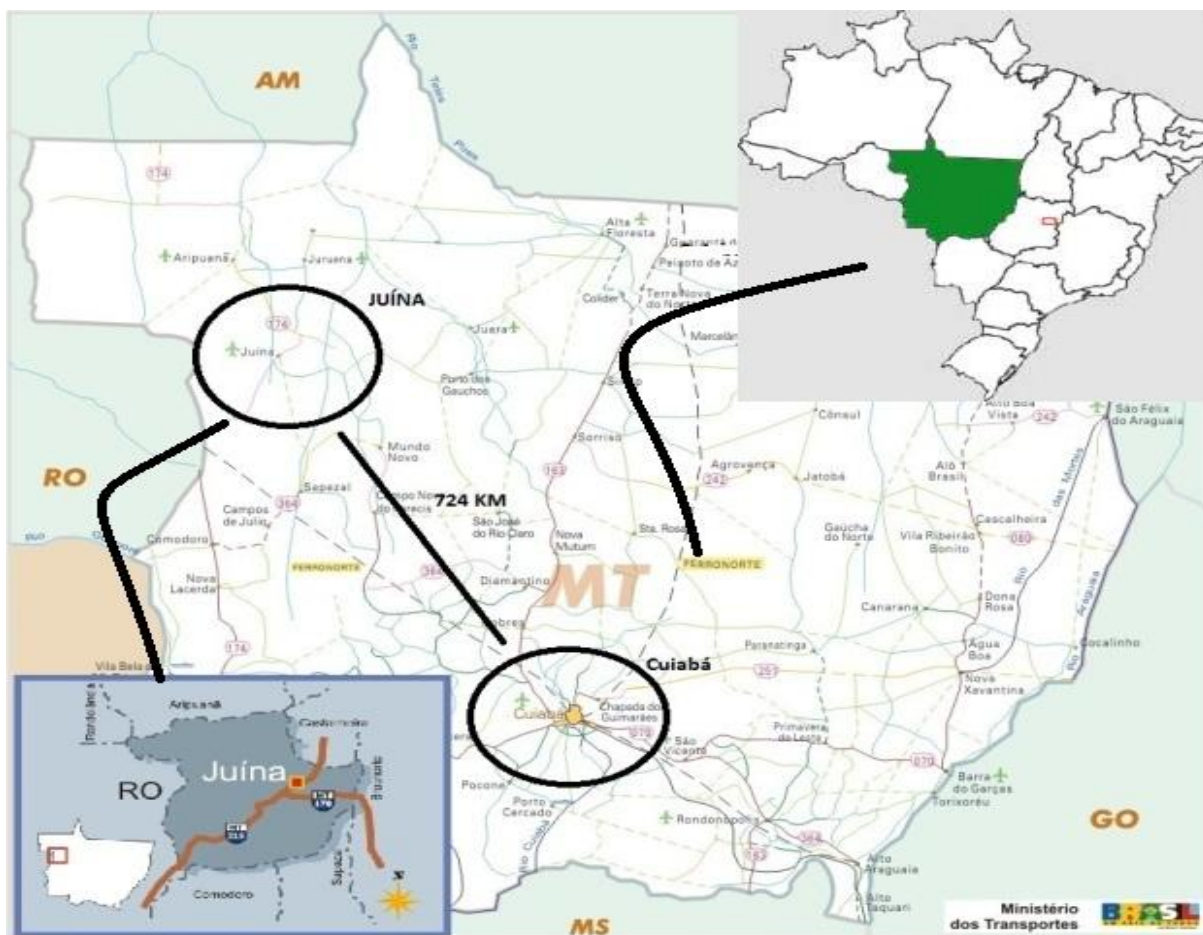


Figura 01 - Mapa do Mato Grosso com localização do município de Juína. (Adaptado de Guia Geográfico, 2012).

Ferreira (2001) descreve o clima de Juína como Equatorial quente e úmido, com três meses de seca, de junho a agosto e no período de chuva há precipitação anual de 2.250 mm, com intensidade máxima em janeiro, fevereiro e março, tendo temperatura média anual de 24°C, maior máxima de 40°C, menor mínima de 0°C.

A região norte mato-grossense se apresenta como um mosaico vegetativo. Conforme BRASIL (1980) apud Embrapa (2005), a cidade se encontra numa região de transição entre o Cerrado e Amazônia, constituindo-se de quatro classes principais de formação vegetal: Cerrado (savana), Floresta Ombrófila Densa Tropical, Floresta Ombrófila Aberta Tropical e Floresta Estacional Decidual Tropical.

Segundo a Fundação Júlio Campos (1993) a vegetação de Juína é constituída fundamentalmente por associações resultantes de transição ou contato entre florestas e cerrado. A figura 02 demonstra a localização do município de Juína em relação ao mosaico vegetativo do estado do Mato Grosso.

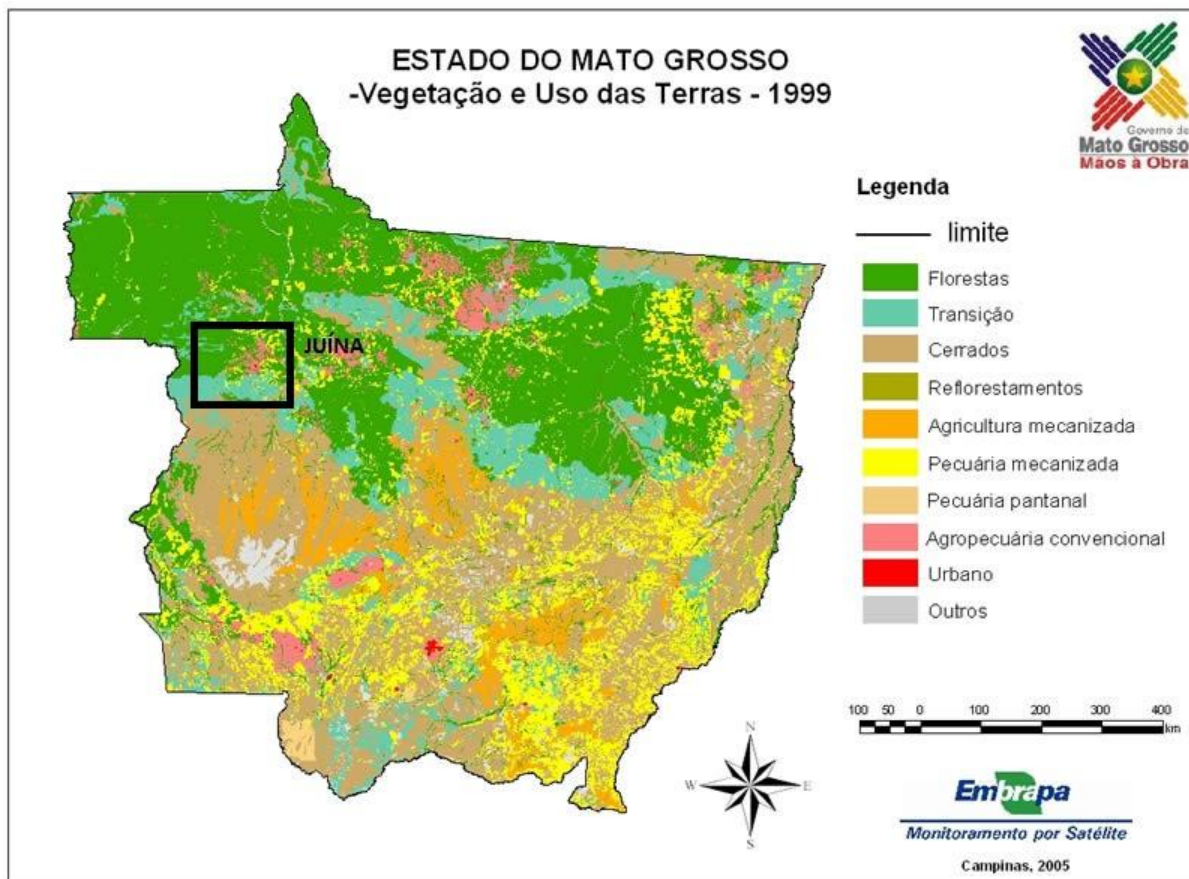


Figura 02 - Localização de Juína no mapa de vegetação e uso das terras do Estado de Mato Grosso – 1999. (Adaptado Embrapa - Monitoramento por Satélite, 2005).

Conforme a figura 03, a bacia hidrográfica local faz parte da sub-bacia do Rio Tapajós, que é pertencente a grande bacia Hidrográfica do Rio Amazonas. Localmente é constituída pelo Rio Juruena e o alto curso do Rio Aripuanã. Os demais rios de importância são todos formadores destes dois cursos d'água.

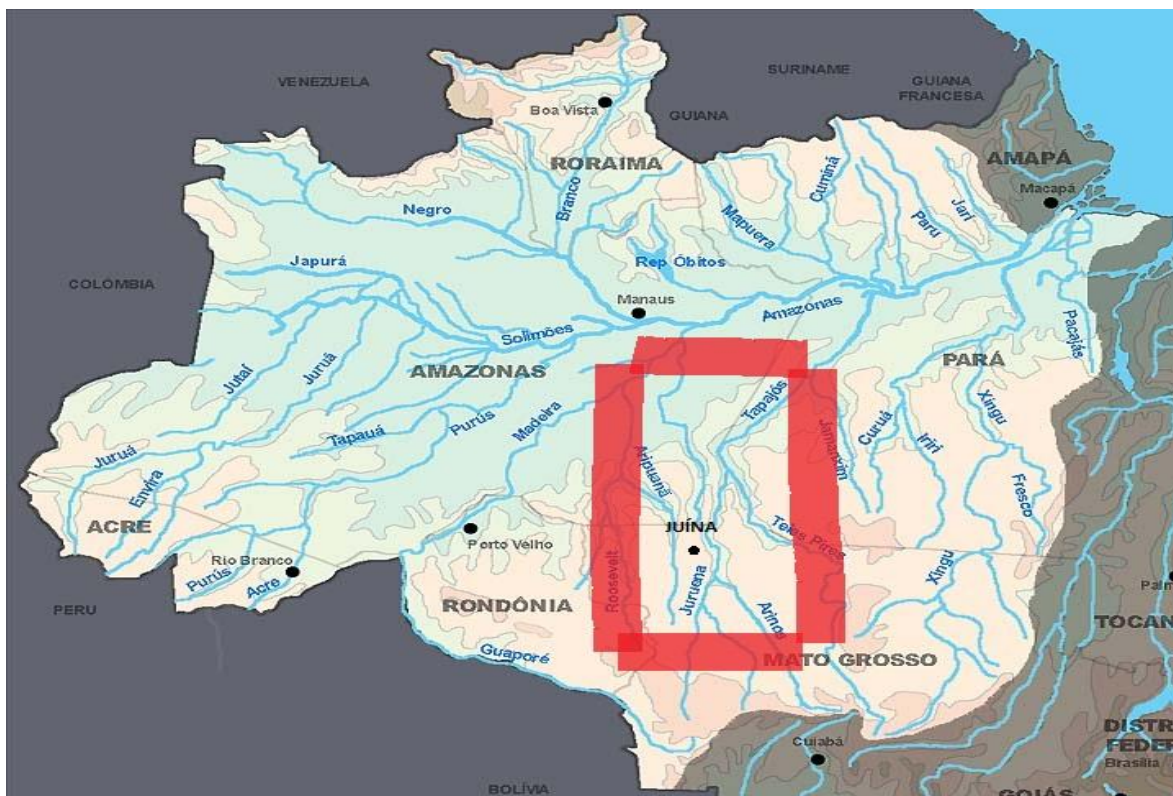


Figura 03 - Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas, onde está inserida a microbacia da região de Juína MT. (Adaptado de Oliveira, 2010)

3.1.2 Uma história recente.

A primeira notícia da penetração do homem branco na região vem de 1742, quando Leonardo de Oliveira, desceu o rio Juína e prosseguiu viagem pelo rio Juruena abaixo até o estado do Pará. Pela região passou a Comissão Rondon e a linha Telegráfica, Estes estudos atingiram a região do atual município de Juína. Houve contatos com os povos TupiMondê, entre eles a etnia Cinta Larga, contatos esses nem sempre pacíficos. Com a relação promovida por contatos de seringueiros, castanheiros e caçadores de pele animal, a hostilidade não índia foi estabelecida. (FUNDAÇÃO JULIO CAMPUS, 1993)

Ainda conforme a Fundação Júlio Campos (1993), na década de 50 algumas operações se tornaram de proporção alarmante, provocando o extermínio de quase todas as aldeias Cinta Larga da região. Uma dessas Chacinas foi denominada pelo nome Massacre do Paralelo 11, ocorrida em 1963, contando com uma grande repercussão na mídia internacional e gerando críticas por prática de genocídios de índios no Brasil.

Neto (2007) comenta que após 1937 houve uma intensificação nas tentativas de ocupação em áreas do Mato Grosso, mas efetivamente os efeitos surgiram somente na década de 70 na transformação da região em “Fronteira Agrícola” e incentivos do governo federal.

Habitado antes da chegada dos homens brancos pelos povos indígenas Cintalarga, *Rikbaktsa* e *Enawenê-nawê*, o município de Juína teve seu início da ocupação não indígena através da construção da rodovia AR-1, que liga a cidade de Vilhena, no Estado de Rondônia, à de Aripuanã, que possuía difícil acesso na década de 1970, sendo conhecida por Terra Esquecida. O Projeto Juína, que previa a implantação de uma cidade no meio da selva

amazônica, foi idealizado por diretores e funcionários da Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso (CODEMAT) e diretores da SUDECO, Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste, e foi formalizado a 23 de janeiro de 1976. A influência do então senador Filinto Müller levou à aprovação de lei no Congresso Nacional dando poderes ao Estado de Mato Grosso para a licitação da imensa área destinada ao futuro município. À prefeitura do município de Aripuanã foram cedidos 117 mil ha às margens do rio Juruena e mais 65 mil ha às margens do rio Aripuanã. A área do projeto, aproximadamente 411 mil ha na região do Alto Aripuanã e Juína-Mirim, do km 180 a 280 da rodovia AR-1, ocupou as terras de maior fertilidade. Elaborado em 1977, foi aprovado pelo INCRA através da portaria nº 904, de 19 de setembro de 1978 (IBGE, 2012).

3.1.3 A ocupação e o Meio Ambiente

A Amazônia juntamente com o Cerrado são os biomas que experimentam as maiores taxas de conversão de florestas em uso agropecuário. Na Amazônia, esta conversão se deu principalmente para o estabelecimento de pastagens, com florestas sendo derrubadas e queimadas anualmente. (FERREIRA, 2001)

O estado do Mato Grosso se apresenta como um dos estados mais afetados pela questão do desmatamento relacionados ao processo de ocupação a qual assume proporções preocupantes, principalmente em importantes biomas como a floresta amazônica e o cerrado. Diversos estudos mostram que, com o processo de desmatamento, há a extinção de diversas espécies da fauna e da flora, muitas vezes, irreversível, causando consequências desastrosas para a sobrevivência e equilíbrio de todo o ecossistema, mais o agravante do avanço em direção às áreas de preservação permanente (ZERWES e SCHWENK, 2011).

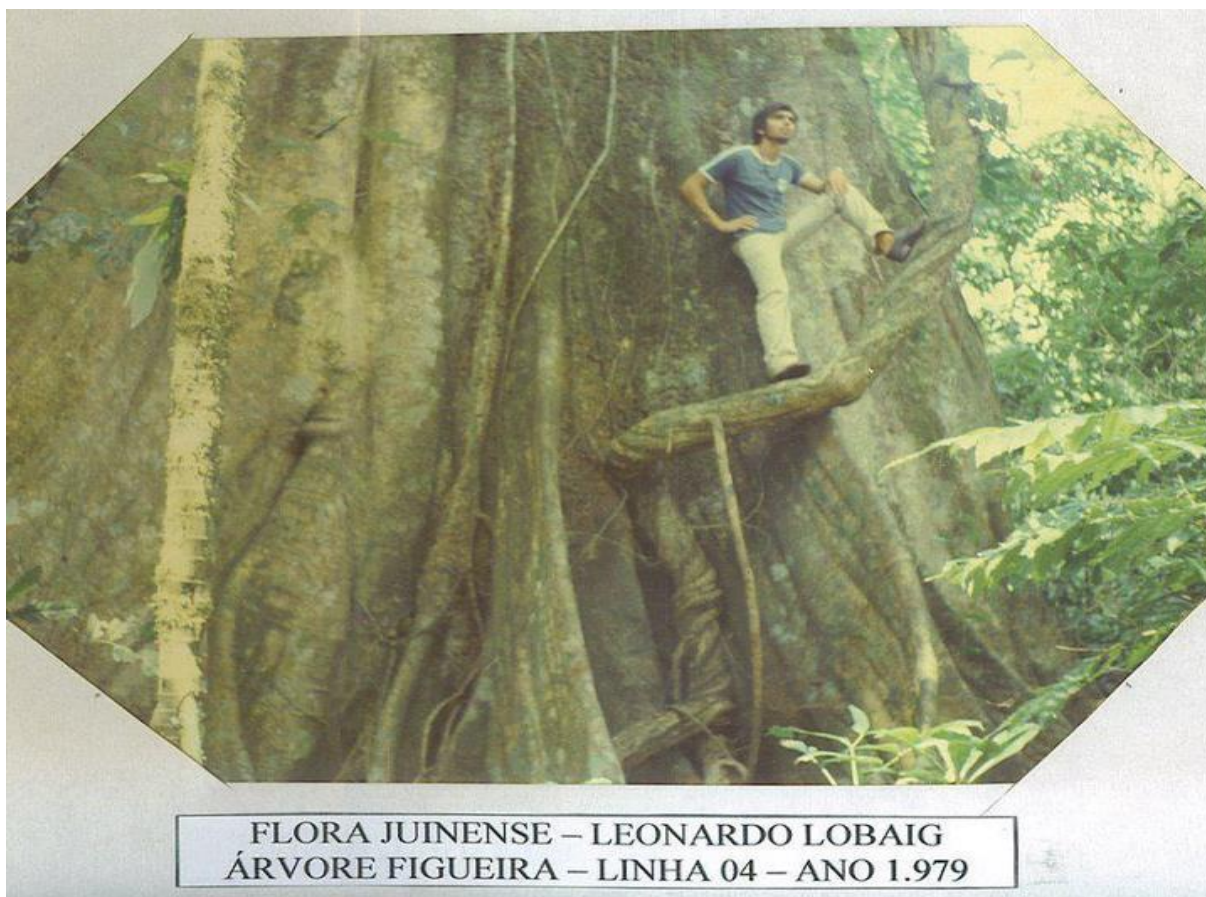
Ainda segundo Ferreira (2001), a ocupação desordenada a partir de 1970 trouxe o grande problema das queimadas, utilizada para limpeza de terra para cultivo, renovação de pastagens e limpezas de restos culturais.

Conforme Alchapar (2009), Juína passou por um extremo processo de desmatamento no início de colonização, algo incentivado pela esfera pública. A figura 04 demonstra que foi necessário desmatamento para implantação da área urbana do município de Juína. As regras naquela época eram outras, pois era necessário o desmate de 50% da propriedade para que o agricultor pioneiro pudesse almejar financiamentos e documentos definitivos de posse. Ainda era exigido que fossem derrubadas as matas ciliares para evitar a propagação da malária, que assolava a população e tornou-se inclusive epidemia local.



Figura 04 - Início da colonização de Juína, em 1976. Fonte Casa da Cultura do Município de Juína, 2012.

A exploração da madeira foi forte desde o início do Projeto. Contudo 90% eram irregulares. A madeira era extraída de forma ilegal, sem certificação e de áreas de reserva legal, de áreas de proteção permanente e de áreas indígenas. Atualmente existe o controle pelo IBAMA (SILVA, 2010). A figura 05 destaca espécime de grande porte que havia no local e que foi derrubada para dar lugar a casas na cidade nos dias atuais.



FLORA JUINENSE – LEONARDO LOBAIG
ÁRVORE FIGUEIRA – LINHA 04 – ANO 1.979

Figura 05 - Imagem da árvore figueira. Segundo informações da população local já derrubada, hoje no lugar é ocupado por área urbana, Bairro Modulo II. Fonte Casa da Cultura do Município de Juína, 2012.

O ambiente local ainda sofreu mais um duro golpe com a instalação de garimpos de diamantes. Conforme Alves e Lemes (2010), juntamente com o Projeto de criação do município se iniciaram pesquisas que analisavam os recursos minerais locais resultando a mineração de diamantes a partir de 1982. Em 1988 houve o auge da mineração, contando com a invasão de garimpeiros no município.

Como é demonstrada na figura 06, no auge do garimpo houve atividades de mineração tanto manual como mecanizada, praticadas por milhares de pessoas, atividades essas que geraram grandes danos ao meio ambiente através de solos revolvidos, desmatamento de áreas inteiras e leitos de rios desviados e assoreados. (NETO, 2007)



Figura 06 - Impacto causado por garimpo de diamante. 1986. Fonte: FUNDAÇÃO JULIO CAMPOS (1993).

Ainda Alves e Lemes (2010) e Neto (2007), descrevem que o desenvolvimento do município de Juína se deve em grande parte devido ao garimpo que impulsionou grande movimentação populacional e simultaneamente essa migração impulsionou os demais setores. O crescimento econômico da cidade deu início desde então, acelerando o processo de desenvolvimento de outros setores que foram necessários para dar suporte ao garimpo. Mas em contrapartida trouxe juntamente a ambição da riqueza, quando os índices de violência urbana tiveram grande aumento, ocorreu à inflação de produtos do comércio, instalação de prostíbulos, o surgimento de doenças como a malária e febre amarela e aumento populacional desordenado.

Conforme Alves e Lemes (2010), durante três décadas, a mineração do diamante foi a principal atividade econômica do município. Nos últimos anos, a atividade mineradora vem, sendo principalmente desempenhada por grandes empresas, ocasionando movimentos migratórios, mudança ocupacional de parte da população e esvaziamento de pequenas localidades. Vários fatores foram responsáveis pela diminuição da atividade na região, a profundidade das jazidas que requer um investimento maior para se extrair o diamante, a retenção de terras ideais para o garimpo por grandes empresas também dificulta o sustento desta atividade nos dias de hoje.

Por fim, se instalou como atividade econômica a pecuária. A pecuária era praticada para subsistência e posteriormente aos poucos com o enfraquecimento do diamante/madeira e as grandes tendências de mercado nacional e internacional da carne bovina, ainda devido as favoráveis condições de desenvolvimento da atividade, o município ganhou destaque na produção da pecuária de corte. Em 2007, o município contou com um rebanho de quase 600.000 cabeças de gado, taxa de crescimento que se estagnou pela atual exigência de preservação de 80% de propriedades no bioma Amazônico, consequência da questão dos órgãos ambientais não liberar crédito rural para unidades de produção rural sem as devidas licenças ambientais para desenvolvimento de atividades agropecuárias. (FRANCO et al, 2009)

Em relação à biodiversidade Neto (2007), cita que na chegada de colonos do sul e sudeste houve uma relação nada harmoniosa nessa instalação perante o meio ambiente local

de Juína. A figura 07 e 08 ilustra o contato de colonos com a fauna local, demonstrando o abate de uma sucuri e um gavião real. Com uma diversidade exuberante tanto da fauna e flora, a área ocupada em seu início trouxe um espanto para os que já não conheciam tal diversidade, pelo motivo de virem de regiões onde o impacto antrópico já não permitia essa diversidade. Neto (2007) ainda afirma que a diversidade logo de início teve suas populações altamente impactadas, levando a diminuição da fauna. Houve motivos para isso ocorrer, como a caça, existem relatos de que no final da década de 70 a população local não se utilizava de carne de origem doméstica para alimentação, mas sim provenientes da caça de animais silvestres como cateto, porco do mato e anta.



Figura 07 - Sucuri capturada no início da colonização do município. Imagem Casa da Cultura de Juína, data indefinida.



Figura 08 - Gavião Real capturado em 1979 no município. Casa da Cultura de Juína, 2012.

O município conta atualmente com uma Estação Ecológica denominada de IQUÊ, criada pelo Decreto Federal 86.061, de 2 de junho de 1981. Segundo Ribeiro (2009) a Estação Ecológica de Iquê (ESEC) é a segunda maior Unidade de Conservação Federal do estado de Mato Grosso em extensão territorial, mas é a de acesso mais difícil. Está localizada distante cerca de 110 km da sede do município.

Atualmente o ESEC de Iquê • passa por complicações jurídicas por conviver com a sobreposição de área com a Terra Indígena *Enawenê-Nawê*, visto que o Art. 2º do Decreto s/nº de 02 de outubro de 1996 revogou o decreto de criação da Estação Ecológica, dificultando estudos no que tange ao manejo da grande biodiversidade local.

3.2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso campus Juína. IFMT – JUÍNA MT.

Havia nas atuais dependências do IFMT Campus Juína uma Escola Agrícola, denominada Sarita Baracat. Em entrevista com o Prof. Eurismar Alves Ferreira, que é atualmente docente do IFMT, mas também lecionou na antiga escola agrícola, a antiga escola além de funcionar no regime tradicional de ensino (regular), oferecia o ensino na modalidade da Pedagogia da Alternância, neste os discentes ficavam por um tempo em regime interno complementado por um período de permanência nos seios de suas famílias, numa forma de inserção de conhecimentos nas atividades familiares. O espaço de aprendizagem agrícola era regado de uma grande produção diversificada de produtos agrícolas, tanto na pecuária quanto na agricultura. Ainda segundo o prof. Eurismar, o lugar se compreendia como pólo de ensino agrícola no âmbito da agricultura familiar local e regional, incluído a educação sustentável para povos indígenas da região com intuito de inserção de cadeias produtivas sustentáveis em aldeias indígenas. Contudo, em 2006 a escola foi fechada pelo poder público municipal, com alegação de dificuldades administrativas financeiras. O encerramento das atividades da antiga escola agrícola trouxe uma grande frustração à população local que estava ligada diretamente e indiretamente com a instituição, trazendo certo grau de desconfiança em relação à instalação da escola da esfera pública federal, o IFMT.

Instalado nas dependências da antiga Escola Agrícola Sarita Baracat, o Campus Juína do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) insere-se na Fase 2 do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, lançada em 2007. O Campus surgiu, como uma Unidade Descentralizada (UNED) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá (CEFET Cuiabá) ainda em 2007. A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), com Reitoria e campi espalhados em cada Estado. Desta forma, os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) transformaram-se em Campus dos Institutos Federais. A Unidade Descentralizada (UNED) de Juína transformou-se, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus Juína. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS)

- Perfil do Campus: Agrícola e Ambiental.

- Área de Atuação: Agricultura, pecuária, meio ambiente.

- Vocação:

A cidade de Juína é considerada polo regional dos 15 municípios que compõem a região noroeste de Mato Grosso, com uma população superior a 200.000 habitantes. Destes, 72.000 vivem na zona rural, sendo que 4.777 são agricultores familiares. Temos na região mais de 5.000 famílias assentadas, além de 10 territórios indígenas. A economia baseia-se

prioritariamente na extração de madeiras, agricultura familiar e pecuária, que tem grande destaque no desenvolvimento econômico local e regional. Desse modo verifica-se a necessidade de oferecer cursos nas áreas ambientais e agrícolas, visando a formação profissional de forma inclusiva, propiciando o desenvolvimento socioeconômico local e regional, com melhor distribuição de renda, preparando o educando para o exercício da profissão e da cidadania (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICA, 2010).

O IFMT Juína atualmente possui cerca de 600 alunos, distribuídos nas modalidades: médio integrado ao ensino profissional (Técnico em Agropecuária, Meio Ambiente e Comércio), superior (Tecnologia em Agronegócio e Licenciaturas Plenas em Biologia e Matemática) e técnico subsequente (Técnico em Agrimensura) com duração de 18 meses.

A figura 09 mostra o portão de entrada do IFMT Juína.



Figura 09 - Fachada de entrada do IFMT Campus Juína. Imagem, 2012.

3.3 Da Etnobiologia e Etnozoologia ao pensamento Complexo na Educação.

Já comentava Freire em sua obra “Pedagogia da Autonomia” (1996) que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, devendo respeitar saberes dos educandos, sobretudo os das classes populares, saberes socialmente construídos na prática comunitária.

Macedo (2001) comenta que a percepção ambiental são as diferentes maneiras sensitivas (percebidas através dos sentidos) que os seres humanos captam, percebem e se

sensibilizam pelas realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos, processos ou mecanismos ambientais observados “in loco”. Realça-se a importância da percepção ambiental principalmente por ser a mesma, considerada a procura do processo que desperta a conscientização do indivíduo em relação às realidades ambientais observadas.

Ainda Macedo (2001) fala que umas das formas de perceber, interpretar e valorizar conscientemente a existência de todas as formas de vida e das suas múltiplas inter-relações mantenedoras dos vários ecossistemas é, através do processo educacional e experiencial que fornece subsídios teóricos e práticos para o entendimento destes processos vitais essenciais para a manutenção da vida no planeta.

No entanto, Alves e Souto (2011) citam que a rica fauna e a diversidade cultural encontrada no Brasil, com muitas espécies de animais sendo usados para diversas finalidades pela sociedade em geral, apresenta uma importante oportunidade para estudos das relações que existem entre o homem e outros animais.

Nessa dinâmica a Etnobiologia origina-se da antropologia cognitiva, em particular da Etnociência, que busca entender como o mundo é percebido, conhecido e classificado por diversas culturas humanas. A Etnobiologia tem como objetivo analisar a classificação das comunidades humanas sobre a natureza, em particular sobre os organismos. (BEGOSI, 1993)

Assim, complementa Marques (2002) apud Pedersoli (2012), a etnozootologia pode ser definida como o estudo transdisciplinar dos pensamentos e percepções (conhecimentos e crenças), dos sentimentos (representações afetivas) e dos comportamentos (atitudes) que intermedeiam as relações entre as populações humanas com as espécies de animais dos ecossistemas que as incluem.

Morin (2009) descreve a separação de duas culturas, a da ciência e a das humanidades, tendo-se necessidade de uma re-ligação para regenerar uma cultura. Essa re-ligação permitirá contextualizar corretamente a reflexão para tentarmos integrar nosso saber da vida. Assim Morin (2009) descreve “a aprendizagem da complexidade”, tendo a diversidade na coerência do pensamento complexo.

Barenho, Copertino e Calloni (2008), entendem que há uma grande necessidade em articular conhecimento ecológico científico e tradicional, percebendo-se na “Complexidade” abordagem transdisciplinar por essência, elementos que fortalecem o campo da investigação em Etnociência.

Neste sentido, Freire (1996) faz as perguntas: Por que não discutir com alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina? Por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamental aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Morin (2003) discute a necessidade de uma visão transdisciplinar envolvendo múltiplos conhecimentos, demonstrando a ciência humana para analisar e interpretar as interações entre o mundo humano e a biosfera. Morin (2003) ainda descreve a necessidade de uma ciência antropossocial religada, que concebesse a humanidade em sua unidade antropológica e em suas diversidades individuais e culturais.

Freire (1987) comenta que a educação e investigação se devem constituir numa comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartilhada, demonstrando que educação deve ser interligada ao saber empírico.

A Etnozootologia é um ramo científico que procura entender as interpretações culturais diversas sobre a fauna. Desta forma, é compreender os diversos ângulos visionários na ótica cultural de determinados grupos sociais. Num esclarecimento do papel do educador, Freire (1987) explica na investigação de Temas Geradores é necessário que entenda o pensar e a linguagem do povo, evitando que o educador não seja entendido, pois sua linguagem pode não sintonizar com a situação concreta do educando.

O etnoconhecimento pode ser um ponto elencado através de interação educandos-educadores a ser trabalhado no espaço escolar. Corroborando, Freire (1987) ainda descreve que o conteúdo programático se inicia com o diálogo, evitando uma imposição ou doação em um conjunto de informes a ser depositado nos educandos.

Segue uma passagem de Freire (1987):

Simplesmente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes, de modo geral, imersos num contexto colonial, quase, umbilicalmente ligados ao mundo da natureza de que se sentem mais partes que transformadores, para, à maneira da concepção “bancaria”, entregar-lhes “conhecimento” ou impor-lhes um modelo de bom homem, contido no programa cujo conteúdo nós mesmos organizamos

Neste contexto, a figura indica a etnozoologia pode ser interpretada no molde de Freire (1987) da seguinte forma:

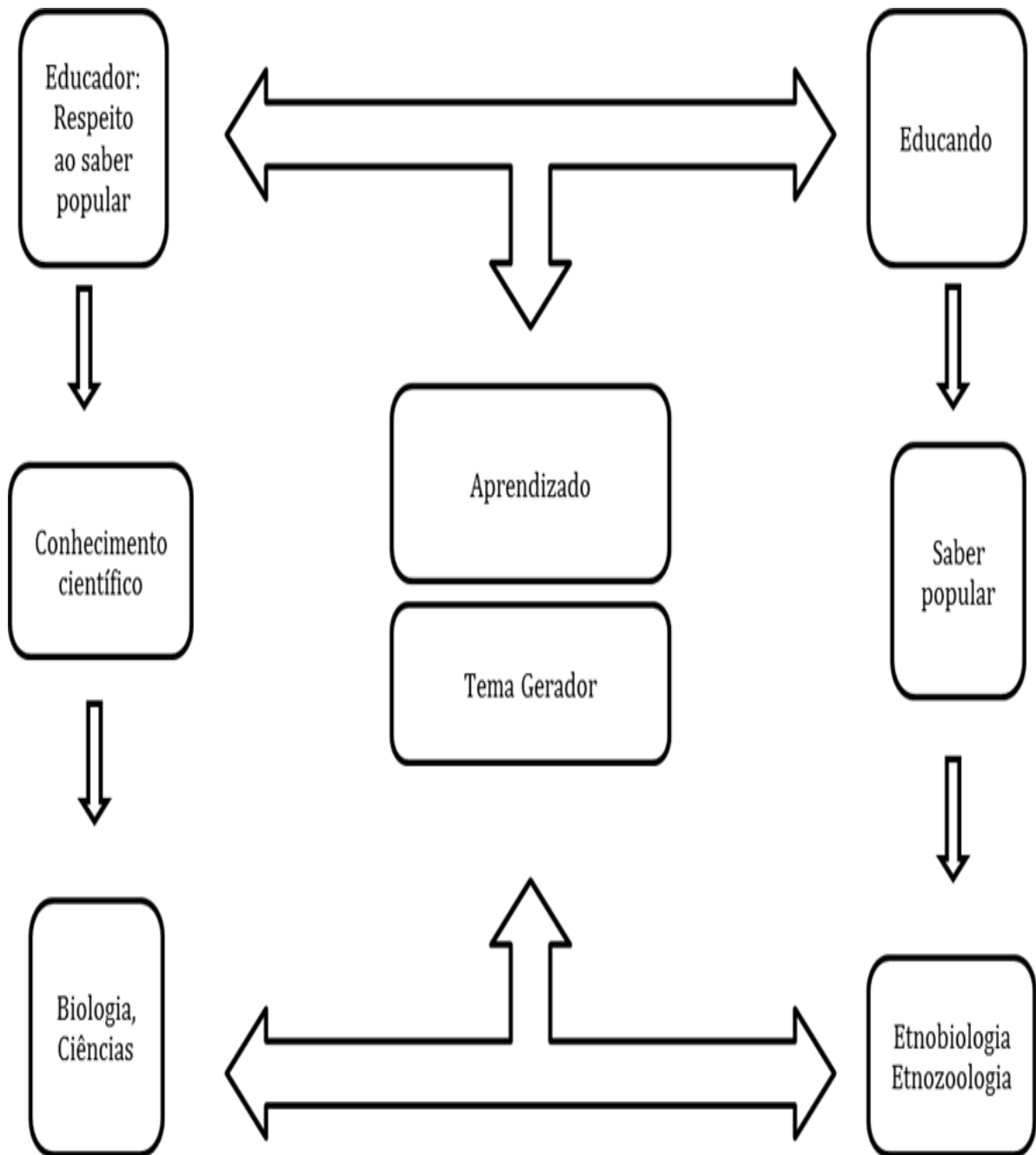


Figura 10. Etnozoologia no pensamento complexo.

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Motivações e público alvo.

A presente pesquisa foi motivada pela alta frequência de visualização e interação dos alunos do IFMT campus Juína com a fauna local. O local de aprendizado se apresentava com características de uma importante ferramenta no ensino de Ciências, um laboratório faunístico a céu aberto.

A pesquisa foi realizada juntamente com alunos do primeiro ano do curso de Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – Campus Juína e moradores de chácaras no entorno do campus. Os alunos do primeiro ano foram escolhidos pelo motivo de ainda não estarem no processo de aprendizagem sobre a biodiversidade faunística, no que tange à disciplina de Biologia, tal ementa é executada no segundo ano do curso com a temática da biodiversidade e terceiro ano na interação dos seres vivos elencadas na Ecologia. Os moradores do entorno foram inseridos na pesquisa como peça chave no levantamento local etnozoológico, pois ninguém melhor do que eles para relatarem a relação homem-fauna na região onde o IFMT está implantado. Houve visitas em 51 propriedades compreendendo três comunidades do entorno do IFMT, mas somente 44 moradores foram entrevistados, pois não se encontrou moradores em seis residências e um não quis participar da pesquisa. Afigura 11 demonstra a posição das três comunidades visitadas em relação a área do IFMT - Juína .

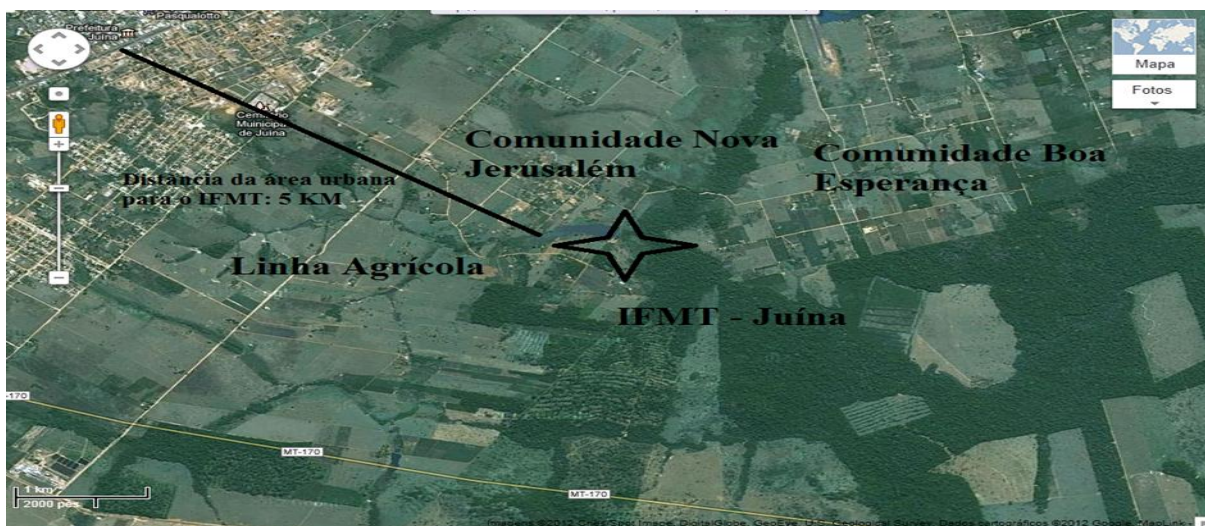


Figura 11 - Imagem mostrando a área de coleta de dados por entrevistas com moradores do entorno do IFMT Juína. (GOOGLE MAPS, 2012).

4.2 Metodologia

A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto a dezembro de 2012, no caso dos moradores do entorno, fazendo visitas em suas propriedades, enquanto que com os alunos as entrevistas foram realizadas nas dependências do IFMT Juína em horários de intervalo e almoço.

Houve entrevistas ensejadas em bate papos gravados em áudio mp3 por uma câmera Nikon P500, seguindo um roteiro de formulário semi-estruturado (Anexo A, pag. 120) levantando a percepção ambiental etnozoológica buscando dados com relação a conhecimentos empíricos e interação com a fauna local. Os dados coletados foram analisados em uma discussão geral na forma de tabelas e gráficos. Antes de cada entrevista foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), onde foi feito o convite para participação na pesquisa e esclarecimento dos objetivos do presente trabalho.

Campos (2002) recomenda que na pesquisa de campo etnográfica há necessidade de compreender o 'outro' numa ótica de constante transformações cíclicas 'do estranho em familiar' e 'do familiar a estranho', procurando eliminar bagagens disciplinares e preconceitos que o pesquisador possa a vir a ter. Marconi e Lakatos (2010) afirmam que além de ser necessário o emprego de uma variedade de técnicas para coletar o maior numero de dados e informações, a 'observação' é a técnica chave de estudos etnográficos.

Severino (2007) comenta que em pesquisas etnográficas aplicam-se métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Apoiando essa metodologia Costa e Costa (2009) aborda metodologia qualitativa na análise do comportamento humano, do ponto de vista do ator, utilizando a observação naturalista e não controlada, sendo também indutiva exploratória e descritiva.

De posse dos resultados foi construído um catálogo (Anexo C) com alguns representantes da fauna local, trazendo algumas informações científicas e populares locais sobre o etnoconhecimento faunístico. O catálogo foi entregue à Direção de Ensino do IFMT Juína para disponibilização ao público acadêmico da instituição.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Entrevistas nas comunidades do entorno do IFMT- Juína.

5.1.1 Identificação do entrevistado.

Foram realizadas 44 entrevistas com moradores da zona rural do entorno do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Mato Grosso Campus Juína, compreendendo as Comunidades de Nova Jerusalém, Boa Esperança e Linha Agrícola. Os percentuais das entrevistas foram: 40.9%(Comunidade Nova Jerusalém), 34.09% (Linha Agrícola) e 25% (Comunidade Boa Esperança).

Na figura 12, os dados demonstraram que o número de residentes nas moradias entrevistadas não ultrapassou 10 pessoas, apresentando uma média de 3.65 por família no total de residências visitadas. Uma tendência na diminuição da média que já era relatado segundo dados do IBGE em 2002, o tamanho da família brasileira diminuiu em todas as regiões: de 4,3 pessoas por família em 1981, chegou a 3,3 pessoas em 2001. (IBGE TEEN, 2012)

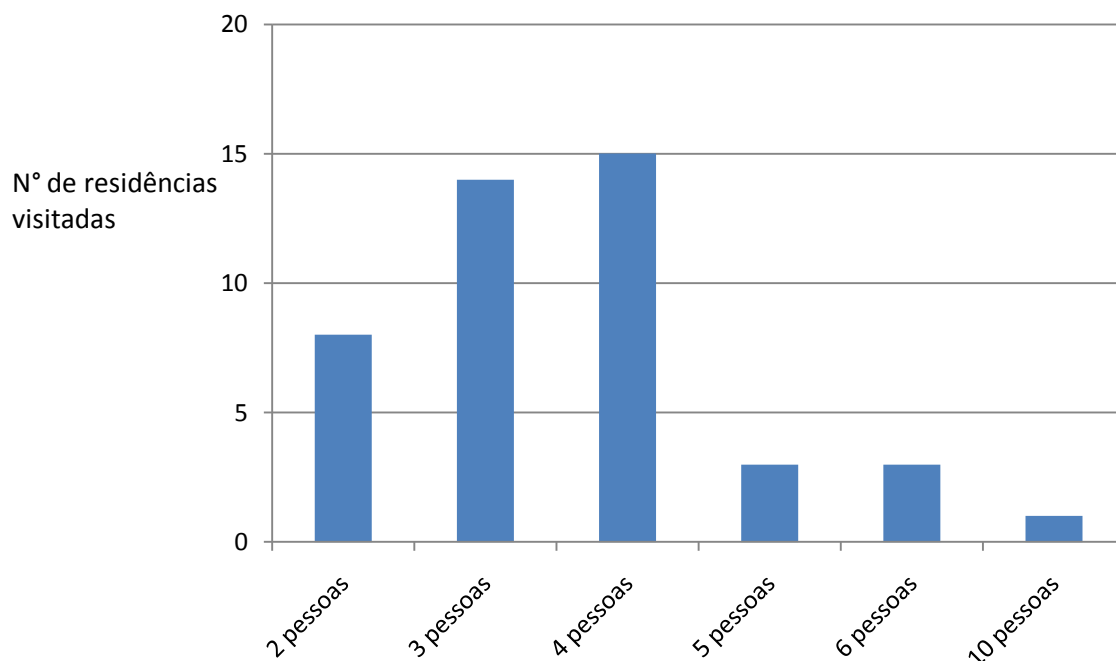


Figura 12 – Gráfico contendo resultado de quantidade de moradores por residência.

Quanto à idade dos entrevistados foi observado que 45,4% dos entrevistados apresentam idade acima de 41 anos, 22,7% de 31 a 40 anos e 31,9% de 15 a 30 anos. Do número total de entrevistados na pesquisa, 63,6% dos sujeitos são do sexo masculino e 36,4% do sexo feminino.

Nas atividades exercidas, observou-se que 54.5% dos entrevistados lidam diretamente com a agricultura e pecuária, mas destes há como fonte de renda outros ofícios executados concomitantes a atividade agrícola como a de feirantes, caseiros, donas de casa e outras fontes de renda como aposentadoria. Nas atividades não inerentes à agropecuária em relação àqueles que não usam a propriedade como fonte de renda, que teve o percentual de 45.5%, houve citações das atividades na área da educação, auxiliar de serviços gerais, técnico em agropecuária, construção civil, lojista, na informática e estudante. Essas atividades tiveram variações nas citações entre 2.7%, um morador, a 9.1% que foi o percentual para auxiliar de serviços gerais e construção civil.

A diversificação da imigração ocorrida no município foi evidenciada pela pesquisa com os entrevistados, tendo 47.7% de representantes da região sul do país com destaque para o estado do Paraná, 25% do centro-oeste com destaque para o Mato Grosso, 18.2% do sudeste com destaque para Minas Gerais e somente 9.1% do nordeste brasileiro com o Ceará representado por dois moradores. Segundo Neto (2007), a região de estudo teve seu auge de colonização na década de 70, nesse período o local recebeu imigrantes principalmente, das regiões centro e sul do país.

Na escolaridade dos entrevistados, foi demonstrada que apenas um (2.3%) dos moradores entrevistados não teve acesso inicial à educação fundamental, percebendo-se que 25% foram o percentual de moradores que alegaram ter concluído o ensino médio, sendo que 22.7% disseram que possuem o ensino médio incompleto, 25% também foi encontrado para os que só concluíram o ensino fundamental e 6.8% foi o percentual dos entrevistados que alegaram não ter concluído o ensino fundamental. No âmbito do ensino superior houve entrevistas com 9.1% do total de moradores que alegaram ter ensino superior completo e o mesmo percentual para o ensino superior incompleto.

Quando se questionou o tempo de moradia, houve o encontro com moradores que moram de 3 a 32 anos na região do entorno do IFMT Juína, tendo percentuais que chegaram a 36.4% para aqueles que moram entre 10 a 20 anos no lugar, 40.9% para acima de 21 anos e somente 22.7% com moradia inferior a 9 anos. Com isso houve entrevistas com 77.3% do n° total de moradores que residem a mais de 10 anos na região da pesquisa, conferindo assim um caráter mais fiel às informações coletadas em relação à etnozoologia, pois o tempo afirma as relações com a fauna do ambiente natural desta região.

5.1.2 Natureza e características das propriedades visitadas e atividades exercidas por entrevistados.

Em relação à natureza da propriedade, 88.7% dos entrevistados têm residência própria, somente 6.8% dos entrevistados relataram comodato da propriedade, justificando a situação em um combinado com o proprietário legítimo, onde o comodatário mantém e preserva a propriedade sem receber lucro, mas sem pagar o aluguel. Somente dois moradores, 4.5%, relataram o aluguel. Conforme moradores, as propriedades variam de 2 a 5 hectares para as chácaras, mas há na região do entorno do IFMT Juína poucas propriedades que chegam a 40 alqueires.

Na figura 13, é mostrado morador construindo casa de madeira para seu sogro. Conforme visualizado nas entrevistas no entorno do campus, a maioria das residências é de construções de madeira, algo que indica a utilização de uma matéria prima proveniente do desmatamento. Mesmo sendo atitudes culturais da região, ressalta-se que tal atividade exerce pressão ao ambiente natural, trazendo também em consequência o impacto a fauna.



Figura 13 - Morador ajudando na construção de uma casa para o sogro. A maioria das casas da região é de madeira. Imagem, 2012.

Das residências visitadas, 86.4% apresentam atividades relacionadas à agricultura e pecuária ou uma delas. Somente 13.6% relataram a não utilização para fins agropecuários.

Nas propriedades com atividades agrárias, 50% alegaram que visam além da subsistência, a comercialização em pequena escala da produção particular na feira municipal ou na própria propriedade, há também os que citaram a produção de gado de corte e a cafeicultura como atividade de renda principal. Os outros 50% de entrevistados relataram que não visam à comercialização dos alimentos produzidos, ficando assim a produtividade inteira para utilização na dieta familiar, destacando aí a criação de galinhas e porcos e plantações de milhos, mandioca, hortaliças e frutíferas.

Observa-se destaque para as frutíferas com percentual de 28.94 % das citações e logo em seguida aparecem as hortaliças, com 21.05%. Na figura 14, observa-se as variedades de cultivares citadas pelos entrevistados e o número de indicações.

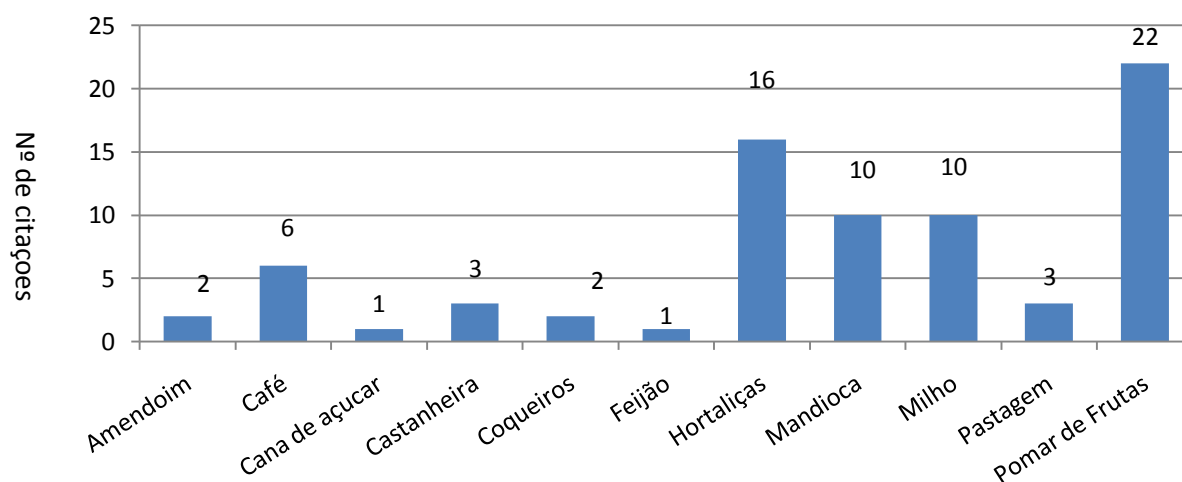


Figura 14 – Gráfico das atividades agrícolas nas propriedades dos moradores.

Segundo a figura 15, com relação à criação de animais para fins pecuários, foram citadas nove espécies, podendo destacar a criação de galinhas, gado de corte e porco, que juntos tiveram 80% do total de citações de animais. A atividade relacionada ao gado de corte é uma das mais fortes da região, no entanto o que foi visualizado na maioria das propriedades é uma pequena criação em relação ao número de cabeças por propriedade, podendo ser explicada pela relação indivíduo/área de pastagem, não permitindo o número excessivo no rebanho em pequenas propriedades. A existência de galinha caipira e de porco nas propriedades também se destaca com a finalidade de subsistência e também comércio em pequena escala.

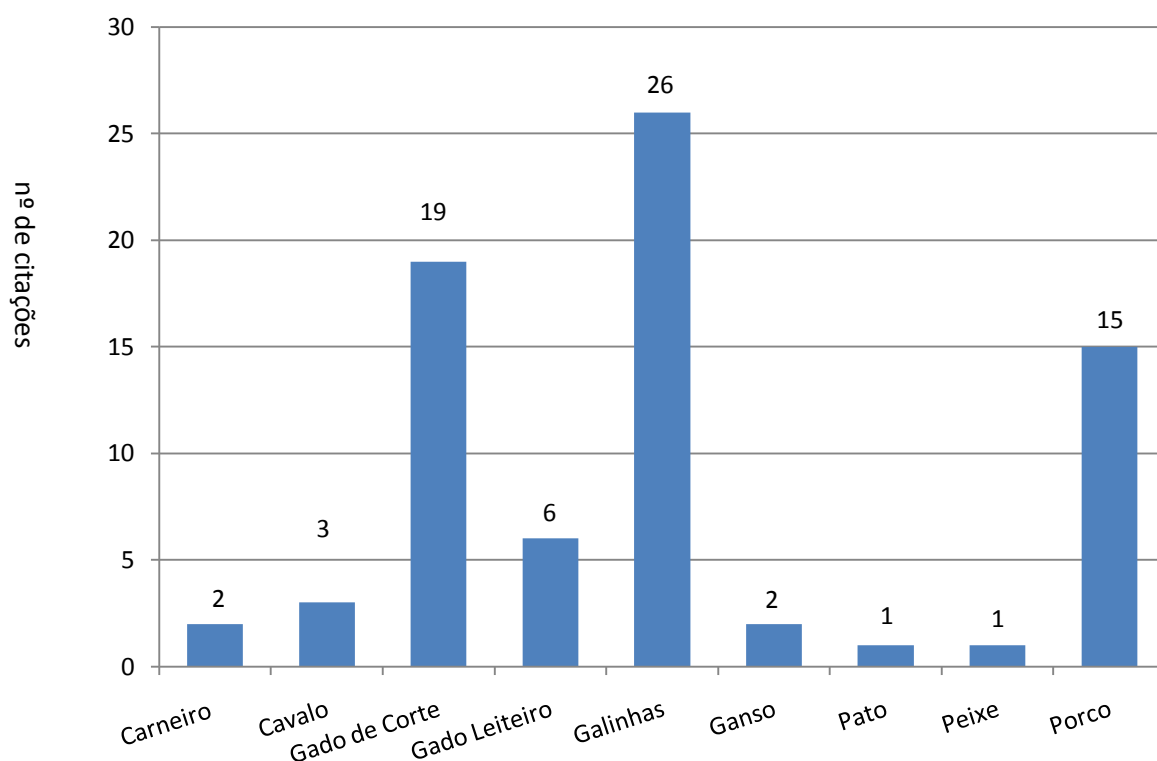


Figura 15 – Gráfico de atividades pecuárias nas propriedades de moradores.

O percentual de 50% dos entrevistados foram os que alegaram que há mata na propriedade, nos outros 50% que não citaram mata na propriedade houve relatos de desmatamento da área total da propriedade, como este:

“no começo aqui, agente desmatava tudo para plantar, não deixava nada em pé”

As lâminas d’água foram citadas por 59.09% dos moradores com destaque para lagoas com 13 citações, rio ou riacho com 8 citações e minas com 5 citações.

5.1.3 O IFMT Campus Juína e os moradores de seu entorno.

Houve um percentual de 79.5% que relataram conhecer o Instituto, inclusive já estiveram no campus relatando visitas, que já estudaram na escola, participação em festa junina que é promovida desde o primeiro ano de implantação, alguns ajudaram na construção e três entrevistados trabalham dentro do campus. Relatam ainda a interação com a Gestão do

campus na procura por apoio do poder público para o asfaltamento da via principal que liga as comunidades. O IFMT campus Juína esta na área rural numa distância de 5 km do centro do município, tendo como seu único acesso, uma estrada não pavimentada. Houve também relatos de visita ao campus por procura de emprego nas prestações de serviços por terceiros no campus, onde desde seu início de funcionamento vem demonstrando crescente demanda de colaboradores na terceirização de setores como o refeitório, limpeza e área de produção agropecuária. Somente 20.5% dos entrevistados disseram que nunca entraram no campus e deste percentual, seis moradores alegaram que só ouviram falar do IFMT- Juína e três nunca ouviram falar sobre a escola.

Quando se questionou se sabem o que IFMT- Juína faz, 77,3% dos moradores disseram que sim, destacando o oferecimento de ensino técnico de agricultura. Nenhum morador relatou ou demonstrou conhecimento sobre a oferta dos outros cursos técnicos como o de Meio Ambiente e Comércio que também são oferecidos pelo campus. Somente 11.4% dos entrevistados relataram saber que a escola oferece cursos superiores juntamente com cursos técnicos, enquanto 22.7% foi o percentual de moradores que relataram que desconhecem o que o IFMT – Juína faz, dentre este percentual há moradores que conhecem o campus, mas mesmo assim desconhece sua finalidade. Segue algumas falas:

“é uma escola agrícola, né! Ensina a criar animais e mexer com plantas”
“olha, pelo que sei, lá o menino vira técnico agrícola”
“é uma escola do governo federal, já vi falar delas na televisão, é para ser técnico”
“acho que lá capacita as pessoas para o futuro, né”
“é uma faculdade federal do Mato Grosso”
“educa nossos filhos”
“sei sim, conheço pessoas que estudam lá”

No questionamento sobre o que acham do IFMT-Juína, em uma análise geral sobre os comentários, disseram que o IF é uma esperança na oferta de oportunidade de uma educação de boa qualidade na região e de avanço tecnológico na agricultura local. Mas ainda desconfiam sobre a permanência da escola na cidade, devido às greves recentes ocorridas do ano de 2011 e 2012. Na maioria das conversas foi lembrada a antiga escola agrícola que funcionava na atual localidade do IF. Essa escola foi fechada pela esfera pública municipal em 2006. Segundo relatos, era uma escola que oferecia ensino fundamental conjunta com aprendizagem agrária e segundo comentários de moradores mais antigos a antiga escola agrícola começou a declinar quando começaram a mandar as crianças para casa por um tempo e ficavam pelo mesmo tempo na escola, alegaram que era um tipo de educação, que parecem estar se referindo a “Pedagogia da Alternância”. Percebe-se um sentimento de perda desta escola, e a alegria com a chegada do IF, mas há a desconfiança de alguns moradores pela não continuidade do IF, pois pensam que desafetos políticos da região possam estar levando a escola para outra cidade da região. Somente 22.7% dos moradores não quiseram opinar. Alguns comentários:

“no começo fiquei meio desconfiada, mas agora vejo que é uma boa escola”
“haa, ali tinha uma boa escola agrícola, produzia de tudo, mas foi fechada, espero que esta também seja fechada”
“acha bom ter uma escola aqui perto”
“a melhor coisa que surgiu por aqui”
“é uma escola extremamente importante para cidade e região”
“importante para os jovens”

“precisamos saber mais sobre as plantas que nos plantamos aqui, acho que essa escola vai ajudar nisso”

“nos homens do campo precisamos de mais conhecimento, a escola técnica federal vai ajudar nisso”

“a escola federal vai atrair mais investimentos para a região, desde que ela tá funcionando o povo já estavam falando do asfaltamento da Linha Agrícola, isso vai ser bom pra nós”

5.1.4 Conhecimento Etnozoológico.

5.1.4.1 A fauna local.

Para um maior entendimento na coleta dos dados sobre a fauna local, nas entrevistas utilizou-se diferenciação dos animais domésticos dos silvestres. Nas entrevistas procurou-se denominar a fauna doméstica como “animais de casa”, e a fauna silvestre como “animais do mato”.

Procurou-se relação de nomes científicos com base na distribuição geográfica conforme possibilidades na pesquisa da literatura faunística brasileira em relação à taxonomia zoológica, estabelecendo as classes no caso de vertebrados e filos no caso de não vertebrados.

Foram 759 citações da fauna na sua totalidade, somando a silvestre e doméstica, contabilizando o total de 116 etnoespécies na região, gerando uma média de 17,25 animais citados por cada entrevistado. A figura 16 demonstra a divisão taxonômica da fauna em número de citações observando a classe no caso dos vertebrados.

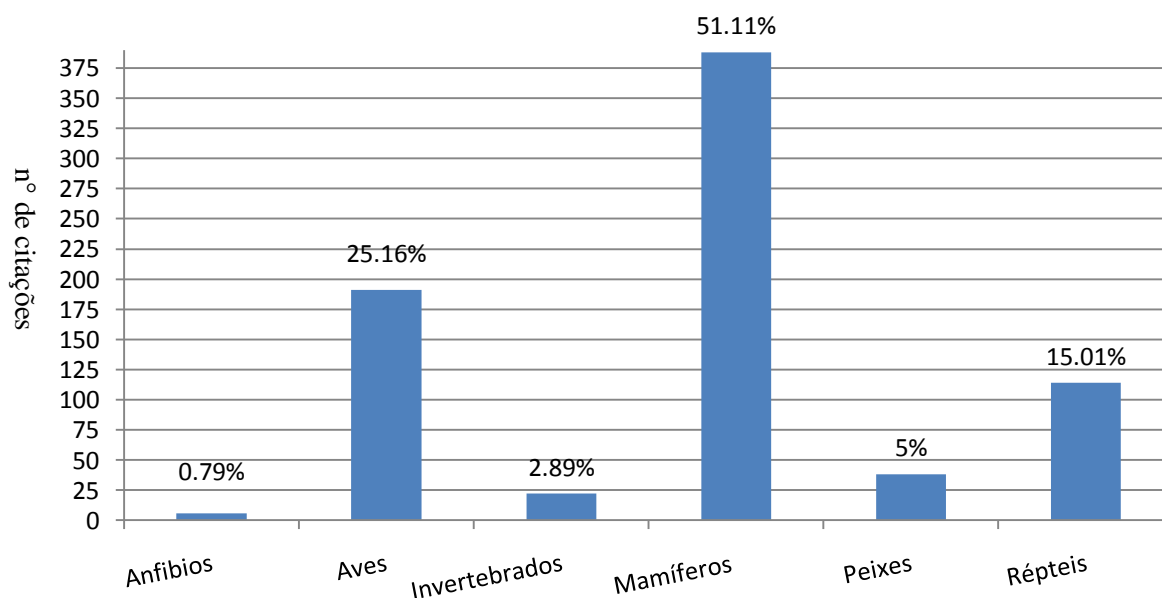


Figura 16 – Gráfico com quantidade de citações da fauna local e sua classificação taxonômica.

Na figura 17 demonstra-se o gráfico referente à distribuição de animais citados por divisões taxonômicas, utilizando a terminologia etnoespécie referindo que pode-se haver a citação de dois nomes comuns para uma mesma espécie animal, sendo cada vernáculo uma etnoespécie.

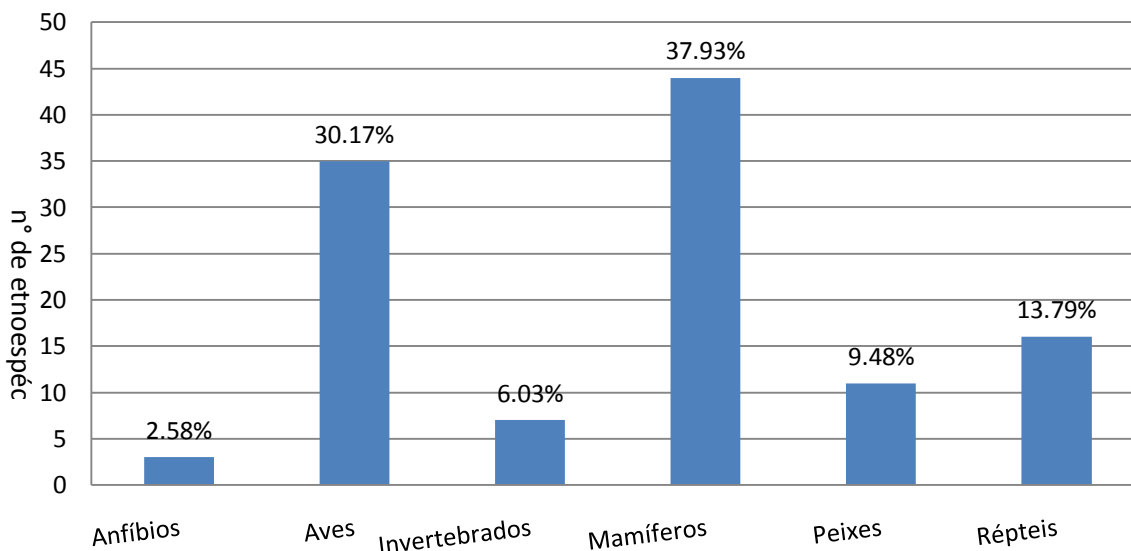


Figura 17 – Gráfico com distribuição taxonômica de etnoespécies.

Tentou-se denominar cientificamente a fauna citada conforme revisão bibliográfica. Segundo Begossi, Lopes e Silvano (2010) a etnotaxonomia ou sistemática folk, define que os seres vivos recebem a mesma denominação devido a sua morfologia aparente. Com isso, alguns entrevistados não souberam denominar o nome comum específico de certos animais, sabendo da existência do mesmo, mas com a certeza de espécies de animais diferentes, como: macacos, araras, cobras, tatus e periquitos entre outros citados.

Em algumas etnoespécies citadas com nomes vernáculos generalizados no Brasil, teve-se a possibilidade de relação com o nome científico, utilizando a seguinte literatura faunística brasileira Reis et al. (2011), Bernardes (2012), Wikaves (2012) e Buckup, Menezes e Ghazzi (2007). Tomou-se o cuidado com a correlação de nomes vernáculos com nomes científicos, onde espécies diferentes podem ter o mesmo vernáculo, e neste caso optou-se por explicitar somente a família taxonômica quando possível.

Do total de 591 citações de animais silvestres obtidas nas entrevistas, os moradores elencaram 101 etnoespécies diferentes.

Conforme Tabela 01, a capivara, cutia, paca, porco do mato, tatu e macacos foram os mamíferos silvestres mais citados pelos moradores. Houve citações vernáculos de animais que podem designar a mesma espécie, gerando assim compreensões variadas de certos moradores perante sua relação ao animal. O porco do mato, que também é conhecido como queixada, tem essas duas denominações pelos moradores, assim como o cachorro do mato, lobete e lobinho cinzento que são denominações que podem ser remetidas a uma única espécie. Conforme Reis et al. (2011), o bicho preguiça, cateto, cutia, gambá, primatas e outros animais citados tem representantes na região estudada, mas tendo mais de uma espécie por um gênero ou mais de um gênero. É o caso de vernáculos generalizadas, como a onça, macacos, micos, tatu e tamanduá.

Houve a surpresa da citação da onça pintada (inclusive na mata que circunda o campus) e lobo guará, pois no primeiro, os entrevistados alegaram que sempre vêem rastros e

pegadas e no segundo o entrevistado fala que sempre visualiza o lobo guará em sua propriedade, inclusive citou as características do animal. Houve relatos de predação de lavouras e criações pelos animais, como os psitacídeos nas frutas, capivaras e porcos do mato em plantações de milho. Algumas falas:

“A onça parda e jaguatirica já foi em meu galinheiro pegar galinhas”.

“bicho preguiça canta em noite de lua cheia”

“aqui tem onça pintada, já vi as pegadas dela”

“tinha um lobo guara rondando a minha casa esse tempo atrás”

Tabela 01 – Mamíferos da fauna local citados por moradores.

Vernáculo -Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	12
Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>	1
Bicho Preguiça	<i>Bradypus</i> sp / <i>Choeloepus</i> sp	10
Cachorro do mato	Família/ <i>Canidae</i>	4
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	27
Cateto	<i>Pecari</i> sp	12
Catita	Denominação de marsupiais e ratos	2
Cutia	<i>Dasyprocta</i> sp	15
Gambá	<i>Didelphis</i> sp	6
Irara papa mel	<i>Eira barbara</i>	5
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>	6
Lobete	Família/ <i>Canidae</i>	5
Lobinho cinzento	Família/ <i>Canidae</i>	6
Lobo guará	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	2
Macaco Aranha Coatá	<i>Ateles</i> sp	6
Macaco Barrigudo	<i>Lagothrix</i> sp	2
Macaco Bugio	<i>Allouatas</i> sp	9
Macaco Cuxiú	<i>Chiropotes</i> sp	1
Macaco Prego	<i>Cebus</i> sp	10
Macacos	Ordem/ <i>Primates</i>	26
Mão Pelada	<i>Procyoncancrivorus</i>	2
Micos	Ordem/ <i>Primates</i>	8
Onça	Família/ <i>Felidae</i>	7
Onça parda	<i>Puma concolor</i>	2
Onça pintada	<i>Panthera onca</i>	7
Ouriço	<i>Coendou prehensilis</i>	2
Paca	<i>Cuniculos paca</i>	16
Porco do mato	<i>Tayassu pecari</i>	13
Quati	<i>Nasua nasua</i>	2
Queixada	<i>Tayassu pecari</i>	3
Tamanduá	Família/ <i>Myrmecophagidae</i>	4
Tatu	Família/ <i>Dasypodidae</i>	18
Veado Mateiro	<i>Mazama americana</i>	7

A Tabela 02 demonstra uma atenção especial para as cobras de um modo vernacular generalizado, especificamente se destacando a jibóia. Houve relatos sobre a sucuri e serpentes venenosas como a jararaca e surucucu pico de jaca. Pode-se relatar também citação da

presença de jacaré nos rios e lagoas da região. Houve citações que podem ter mais de um representante específico na região, que é o caso de cobras e jacarés, que são animais representados por mais de uma espécie na região. Alguns moradores realçam seu conhecimento etnozoológico em comentários como esse:

“conheço cobra pelo assobio, é mesmo, isso é só para quem vive no mato a muitos anos”

Tabela 02 – Répteis da fauna local citados por moradores.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Cágado	Família/ Chelidae	4
Calangos	Ordem/ Squamata	6
Canina	Família/ Colubridae	3
Cobra Cipó	<i>Chironius</i> sp	4
Cobra coral	Família/ Elapidae	2
Cobra Papa Pinto	<i>Drymarchon corais</i>	5
Cobra Pico de Jaca	<i>Lachesis muta</i>	8
Cobras	Subordem/ Serpentes	23
Jabuti	<i>Chelonoidis</i> sp	7
Jacaré	Família/ Alligatoridae	16
Jararaca	<i>Bothrops</i> sp	7
Jibóia	<i>Boa constrictor</i>	17
Lagartos	Orde/: Squamata	3
Salamanta	<i>Epicrates cenchria</i>	2
Sucuri	<i>Eunectes</i> sp	6
Tartaruga de água doce	<i>Podocnemis expansa</i>	1

Na Tabela 03 é visto que as aves houve maior incidência na citação da família Psittacidae, representada pelas araras, papagaios e periquitos. Nos apontamentos específicos surgem a arara vermelha e arara canindé, que também é denominada de arara azul e amarela por alguns moradores. Houve a citação dos gaviões, cujo relacionamento de predação de galinhas traz certo grau de interações com moradores.

Tabela 03 – Aves da fauna local citadas pelos moradores.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº citações
Anu	Família/ Cuculidae	9
Anu branco	<i>Guira guira</i>	1
Anu preto	<i>Crotophaga ani</i>	2
Araçari	Família/ Ramphastidae	1
Arara azul e amarela	<i>Ara ararauna</i>	6
Arara Canindé	<i>Ara ararauna</i>	2
Arara Vermelha	<i>Ara chloropterus</i>	4
Araras	Família/ Psittacidae	21
Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	2
Cigana	<i>Opisthocomus hoazim</i>	1
Curió	<i>Sporophila angolensis</i>	3
Fogo pago	<i>Columbia squamata</i>	4
Gavião	Família/ Accipitridae	10
Inhambu	Família/ Tinamidae	2
Jacu	Família/ Cracidae	6

Loro	Família/ Psittacidae	9
Macuco	Família/ Tinamidae	3
Maitaca	Família/ Psittacidae	5
Mutum	Família/ Cracidae	3
Papagaios	Família/ Psittacidae	8
Pássaros	Classe/ Aves	8
Pássaro sanhaçu azul	Ordem/ Passeriformes	1
Pássaro sanhaçu verde	Ordem/ Passeriformes	1
Pato do mato	<i>Cairina moschata</i>	6
Paturi	Família/ Anatidae	1
Periquitos	Família/ Psittacidae	12
Pica Pau Vermelho	Família/ Picidae	6
Tucano	Família/ Ramphastidae	9
Uru	Família/ Odontophoridae	2
Urubu	<i>Coragyps tratus</i>	5

Aqueles que têm rio e lagoas na propriedade e exercem a atividade de pesca amadora na região citaram peixes também, com destaques para a corimba, trairão e tucunaré, conforme demonstra a Tabela 4.

Tabela 04 – Peixes da fauna local citados pelos moradores.

Vernáculo-Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Cará	Família/ Cichlidae	2
Curimba	<i>Prochilodus sp</i>	6
Lambari	<i>Astyanax sp</i>	4
Pacu	Família/ Characidae	3
Palmito	<i>Ageneiosus sp</i>	4
Piau	Ordem/ Characiformes	3
Pintado	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>	1
Tambaqui	Família/ Characidae	1
Trairão	<i>Hoplias macropthalmus</i>	7
Tucunaré	<i>Cichla sp</i>	4
Sardinha	<i>Triportheus sp</i>	3

Conforme Tabela 05, na classe dos anfíbios se teve o menor número de citações por parte dos entrevistados. Sendo relatado por poucos moradores o sapo, rã e perereca. No entanto, para os invertebrados observou-se um maior número de citações para animais cuja relação é maior com os seres humanos, neste caso nem sempre bons relacionamentos, como é o caso do escorpião e aranhas.

Tabela 05 – Anfíbios da fauna local citados por moradores.

Vernáculo -Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Sapo	Ordem/ Anura	3
Perereca	Ordem/ Anura	1
Rã	Ordem/ Anura	2

Na Tabela 06 são demonstradas as citações referentes aos invertebrados com destaque para o escorpião e aranha. Citações que podem referir a fobia referente ao poder peçonhento de tais etnoespécies.

Tabela 06 – Invertebrados da fauna local citados pelos moradores.

Vernáculo -Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Aranha	Ordem/ Araneae	9
Aranha caranguejeira	<i>Lasiodora</i> sp	3
Cupim	Ordem/ Isoptera	1
Escorpião	Ordem/ Scorpiones	6
Formigas	Família/ Formicidae	1
Gafanhoto	Ordem/ Orthoptera	1
Lacraia grande	Ordem/ Scolopendromorpha	1

Houve comentários relacionados a prejuízos que alguns representantes da fauna local trazem para a atividade agrícola nas propriedades, relatos que reforçam uma íntima relação destes moradores com a biodiversidade faunística da região, podendo citar:

“Eu não planto milho porque os macacos comem tudo, eles já fazem a festa nas minhas bananas”

“As araras e papagaios me dão um trabalho danado, elas gostam das frutas que aqui têm muitas das vezes elas comem até as flores antes de formar o fruto”

“Rapaz, cê acredita que eu não to bebendo água do coqueiro porque o pica-pau bebe antes de mim?”

“Quem tem mata perto de casa, não adianta querer fazer roça, os macacos, capivaras e porcos do mato limpam tudo!”

“Já vi sucuri de 4 metros aqui e as jibóias ajudam acabar com os ratos”

“Aqui tem muita cobra, minha mulher matou uma bem grande no banheiro nestes dias atrás”

“As jibóias dão prejuízos, comem as galinhas, matamos quatro já”

“As onças gostam de pegar é as novilhas, os gados grandes são pouco atacados”

“Já tentei matar uma irara aqui, elas pegam galinha no quintal, o bicho é muito arisco”

“Um bando de porco do mato acabou com a plantação de mandioca em uma noite só aqui”

“Toda vez que vamos passar a roçadeira para iniciar um plantio, aparece jibóia morta toda destruçãda”

Animais como a capivara, macaco e cobras foram os que mais tiveram indicações nas entrevistas. É importante ressaltar que certos animais podem ter sido citados com mais de um nome vernacular, como é o caso das citações para onça e onça pintada, onde não fica definido se a indicação “onça” é para onça parda ou pintada. No caso das araras também há citações de araras e arara azul e amarela, algo que ocorre também na citação de pássaros. Alguns animais silvestres que habitam a região podem ter uma maior ou menor visualização, variando sua posição ecológica, onde se sabe da existência de certas etnoespécies, mas a visualização é difícil de acontecer, como é o caso de onças que ataca criações pecuaristas da região, mas não é de fácil visualização, são animais que demarcam grande área para sobrevivência de um único indivíduo, chegando a mais de 200 km² conforme cita Reis et al. (2011). Abaixo segue tabelas com relevância de citações em ordem decrescente das etnoespécies por porcentagem de moradores, onde mais de 50% se refere à citação da etnoespécie por mais de 22 entrevistados, 25% a 50% se refere à citação da etnoespécie dentre 11 a 22 entrevistados, portanto, menor que 25% se referimos à citação por menos de 11 entrevistados.

Etnoespécies do mato (silvestres) citadas por mais de 50% dos moradores entrevistados do entorno do IFMT – Juína. Com destaque para a capivara, macaco e cobras. Sendo animais abundantes na região. (Tabela 07)

Tabela 07 – Fauna silvestre citada por mais de 50% dos moradores entrevistados.

Vernáculo -Etnoespécie	Taxonomia
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>
Macacos	Ordem/ Primates
Cobras	Subordem/ Serpentes

Etnoespécies “do mato” (silvestres) citadas por 25% a 50 % dos moradores entrevistados do entorno do IFMT – Juína. (Tabela 08)

Tabela 08 – Fauna silvestre citada por 25% a 50 % dos moradores entrevistados.

Vernáculo -Etnoespécie	Taxonomia
Araras	Família/ Psittacidae
Tatu	Família/ Dasypodidae
Jibóia	<i>Boa constrictor</i>
Paca	<i>Cuniculos paca</i>
Jacaré	Família/ Alligatoridae
Cutia	<i>Dasyprocta</i> sp
Porco do mato	<i>Tayassu pecari</i>
Anta	<i>Tapirus terrestres</i>
Cateto	<i>Pecari</i> sp
Periquitos	Família/ Psittacidae

Etnoespécies “do mato” (silvestres) citadas por menos de 25% dos moradores entrevistados do entorno do IFMT – Juína. (Tabela 09)

Tabela 09 – Fauna silvestre citada por menos de 25% dos moradores entrevistados.

Vernáculo -Etnoespécie	Taxonomia
Bicho Preguiça	<i>Bradypus</i> sp / <i>Choloepus</i> sp
Macaco Pregoo	<i>Cebus</i> sp
Gavião	Família/ Accipitridae
Macaco Bugio	<i>Allouatas</i> sp
Anu	Família/ Cuculidae
Loro	Família/ Psittacidae
Tucano	Ramphastidae
Aranha	Ordem/ Araneae
Micos	Ordem/ Primates
Cobra Pico de Jaca	<i>Lachesis muta</i>
Papagaios	Família/ Psittacidae
Pássaros	Classe/ Aves
Onça	Família/ Felidae
Onça pintada	<i>Panthera onca</i>
Veado Mateiro	<i>Mazama americana</i>
Jabuti	<i>Chelonoidis</i> sp
Jararaca	<i>Bothrops</i> sp
Trairão	<i>Hoplias macrophtalmus</i>
Gambá	<i>Didelphis</i> sp
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>
Lobinho cinzento	Família/ Canidae
Macaco Aranha Coatá	<i>Ateles</i> sp

Calangos	Ordem/ Squamata
Sucuri	<i>Eunectes</i> sp
Arara azul e amarela	<i>Ara ararauna</i>
Jacu	Família/ Cracidae
Pato do mato	<i>Cairina moschata</i>
Pica Pau Vermelho	Família/ Picidae
Curimba	<i>Prochilodus</i> sp
Escorpião	Ordem/ Scorpiones
Irara papa mel	<i>Eira barbara</i>
Lobete	Família/ Canidae
Cobra Papa Pinto	<i>Drymarchon corais</i>
Maitaca	Família/ Psittacidae
Urubu	<i>Coragypsa tratus</i>
Cachorro do mato	Família/ Canidae
Tamanduá	Família/ Myrmecophagidae
Cágado	Família/ Chelidae
Cobra Cipó	<i>Chironius</i> sp
Arara Vermelha	<i>Ara chloropterus</i>
Fogo pago	<i>Columbia squamata</i>
Lambari	<i>Astyanax</i> sp
Palmito	<i>Ageneiosus</i> sp
Tucunaré	<i>Cichla</i> sp
Queixada	<i>Tayassu pecari</i>
Canina	Família/ Colubridae
Lagartos	Ordem/ Squamata
Curió	<i>Sporophila angolensis</i>
Macuco	Família/ Tinamidae
Mutum	Família/ Cracidae
Pacu	Família/ Characidae
Piau	Ordem/ Characiformes
Sardinha	<i>Triportheus</i> sp
Sapo	Ordem/ Anura
Aranha caranguejeira	<i>Lasiadora</i> sp
Catita	Denominação de marsupiais e ratos
Lobo guará	<i>Chrysocyon brachyurus</i>
Macaco Barrigudo	<i>Lagothrix</i> sp
Mão Pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>
Onça parda	<i>Puma Concolor</i>
Ouriço	<i>Coendou prehensilis</i>
Quati	<i>Nasua nasua</i>
Cobra coral	Família: Elapidae
Salamanta	<i>Epicrates cenchria</i>
Anu preto	<i>Crotophaga ani</i>
Arara Canindé	<i>Ara ararauna</i>
Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>
Inhambu	Família/ Tinamidae
Uru	Família/ Odontophoridae
Cará	Família/ Cichlidae

Rã	Ordem/ Anura
Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>
Macaco Cuxiú	<i>Chiropotes</i> sp
Tartaruga de água doce	<i>Podocnemis expansa</i>
Anu branco	<i>Guira guira</i>
Araçari	Família/ Ramphastidae
Cigana	<i>Opisthocomus hoazim</i>
Pássaro sanhaçu azul	Ordem/ Passeriformes
Pássaro sanhaçu verde	Ordem/ Passeriformes
Paturi	Família/ Anatidae
Pintado	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>
Tambaqui	Família/ Characidae
Perereca	Ordem/ Anura
Cupim	Ordem/ Isoptera
Formigas	Família/ Formicidae
Gafanhoto	Ordem/ Orthoptera
Lacraia grande	Ordem/ Scolopendromorpha

Concomitante a pesquisa, procurou-se registrar animais da região através de fotografias. Alguns animais silvestres citados por moradores foram fotografados recentemente na área do IFMT e entorno. São os casos do bicho preguiça (Figura 18), capivara (Figura 19), macaco barrigudo (Figura 20), macaco aranha (figura 21), macaco cuxiú (Figura 22), macaco prego (Figura 23), cobra papa pinto (Figura 24), jararaca (Figura 25), jibóia (Figura 26), anu (Figura 27), araçari (Figura 28), arara canindé (Figura 29), araracanga (Figura 30), macaco bugio (Figura 31), sapo (Figura 32), jabuti (Figura 33) e aranha caranguejeira (Figura 34).



Figura 18 - Bicho Preguiça. Fotografia, 2012. **Figura 19** - Capivara. Fotografia, 2012



Figura 20 - Barrigudo. Fotografia, 2012.

Figura 21 - Macaco Aranha. Fotografia, 2012.



Figura 22 - Macaco Cuxiú. Fotografia, 2012.



Figura 23 - Macaco prego. Fotografia, 2012.



Figura 24 – Papa pinto. Fotografia, 2012.



Figura 25 – Cobra Jararaca. Fotografia, 2012.



Figura 26 - Jibóia. Fotografia, 2012.



Figura 27 - Anu branco. Fotografia 2012





Figura 28 - Araçari. Fotografia, 2012.

Figura 29 - Arara Canindé, 2012.



Figura 30 - Araracanga. Fotografia, 2012.

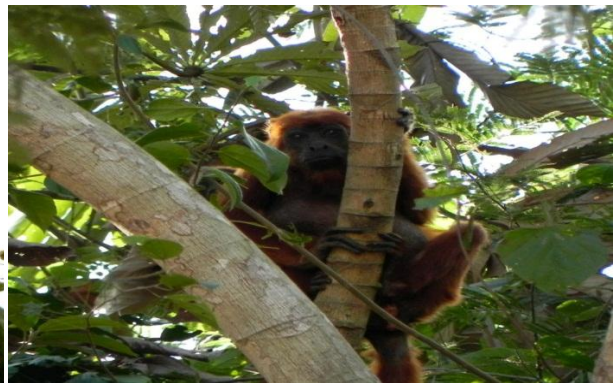


Figura 31 – Macaco Bugio. Fotografia, 2012.



Figura 32 - Sapo. Fotografia, 2012.



Figura 33 - Jabuti. Fotografia, 2012.



Figura 34 - Aranha comum na região chega a ter 10 cm de tamanho. Imagem, 2012.



Fauna Doméstica citada por moradores:

Na fauna doméstica houve 168 citações, 3,81 por entrevista, totalizando 16 etnoespécies. Tendo como destaque o cachorro, gato, gado de corte e o porco para os mamíferos (Tabela 10) e a galinha caipira na classe das aves (Tabela 11).

Tabela 10 – Mamíferos domésticos citados por moradores.

Vernáculo - Etnoespécie	Nome Científico	Nº Citações
Bichano	<i>Felis silvestres catus</i>	2
Burro	<i>Equus africanus</i>	1
Cabra / bode	<i>Capra aegagrus</i>	5
Cachorro	<i>Canis lupus familiaris</i>	22
Cão	<i>Canis lupus familiaris</i>	12
Carneiro/ ovelha	<i>Ovis aries</i>	4
Cavalo	<i>Equus ferus</i>	10
Gado de corte / boi	<i>Bos taurus</i>	23
Gato	<i>Felis silvestres catus</i>	21
Porco/ leitão	<i>Sus domesticus</i>	20
Vaca leiteira	<i>Bos taurus</i>	8

Tabela 11 – Aves domésticas citadas por moradores.

Vernáculo - Etnoespécie	Nome Científico	Nº Citações
Galinha Caipira	<i>Gallus gallus domesticus</i>	29
Ganso	Família/ Anatidae	2
Papagaios	Família/ Psittacidae	2
Periquitos	Família/ Psittacidae	2
Pato comum	Família/Anatidae	5

Segundo entrevistado, o porco da figura 35 é o único sobrevivente de uma cria onde todos os leitões nasceram sem os membros traseiros, mas somente um tinha o órgão sexual o qual é o sobrevivente na imagem.



Figura 35 - Porco deficiente em propriedade de entrevistado. Fotografia capturada em residência de entrevistado, 2012.

5.1.4.2 Os animais que estão desaparecendo da região, segundo moradores.

Conforme Tabela 12, houve 94 citações, contento 21 etnoespécies, enfatizando as generalizações como os macacos grandes, macacos, onças, entre outras.

Somente dois moradores citaram que todos os animais que conheciam na região há 10 anos estão frequentando ainda o local, e aumentando a população, devido às leis e fiscalização, como a capivara. Os animais que merecem destaque pelo número de citações são o veado, anta, jacaré, onça e peixes que têm o número de frequência de visualizações reduzida durante os últimos dez anos.

A região passou por um momento de vasto desmatamento nas ultimas décadas devido à colonização que se estabeleceu no município. Isso é demonstrado segundo fala de um entrevistado que mora na mesma residência há 28 anos:

“quando cheguei com minha família aqui, tudo era mata fechada, não tínhamos documento do terreno, e sim a posse. Se não desmatasse uma boa parte do terreno, o povo falava que o governo ia pegar a terra de novo. Assim foi com tudo mundo por aqui. Acho que isso diminuiu um pouco os bichos por aqui.”

Há outros comentários relacionados a caças predatórias:

“a onça pintada traz muito prejuízo a atividade pecuarista da região, come o bezerro e o carneiro, então o povo que cria esses animais não gosta de onça”

“as araras, papagaios e maracanãs estão dando prejuízos aos chacareiros da região, comem as frutas, eu jávi gente matando.”

“ainda hoje tem araras, mas já teve mais”

“tem gente que não pode ver um jacarezinho, dizem que carne boa é de jacaré novo, então eles estão sumindo”

“o povo aqui caçou muito cateto, cutia, mutum e outros animais para poderem comer uma carne”

“tinha muito mateiro aqui, mas a carne é boa, então o povo caçou muito”

“ah, tem gente que vive só por conta das espera, para pegar os bicho”.

“Espera”, é a denominação que os caçadores da região dão aos lugares onde animais são tratados com cevas (alimentos) no meio da mata.

Tabela 12 – Fauna silvestre citada por moradores com diminuição de visualizações.

Etnoespécie	Nº Citações
Uru (ave)	1
Mutum	4
Cateto	7
Anta	6
Onças	11
Macaco de cabeça Amarela	1
Cutia	5
Macacos "grandes"	2
Jacaré	9
Tatu	5
Gambá	2
Irá	1
Mateiro	9
Arara	2
Porco do Mato	6

Inhambu	1
Cobra verde	1
Peixe	7
Paca	9
Macacos	4
Bicho preguiça	1

Segundo Nowell e Jackson (apud HOOGESTEIJN, 2012), na América Latina, a predação de animais domésticos (bovinos, em particular) causada por grandes felinos – onça-pintada (*Panthera onca*) e onça-parda (*Felis concolor*), tem como consequência uma intensa perseguição dos mesmos por parte dos fazendeiros. Este fator, juntamente com a perda de habitat, afeta mais diretamente a sua sobrevivência. A perseguição aos grandes felinos por seus ataques ao gado ou pelo perigo em potencial que representam às vidas humanas é o passo final no processo de seu desaparecimento fora das áreas protegidas, a qual começa com a perda e fragmentação do habitat.

Alguns animais como os macacos cuxiú e aranha, onça parda e pintada existentes na região que aparecem na Tabela 12 são citados na relação de animais ameaçados de extinção conforme Instrução Normativa nº 003, de 26 maio de 2003 do Ministério do Meio Ambiente.

Em algumas entrevistas, nos momentos de bate papo e descontração, foram oferecidos pedaços de carne de animais silvestres como anta, porco do mato e paca ao entrevistador, para poder levar e experimentar depois. Em momento algum houve o transporte dos mesmos por motivos pessoais e de conhecimentos jurídicos.

5.1.4.3 Animais silvestres utilizados na alimentação.

A figura 36 indica em um gráfico que há 95 citações em relação à fauna silvestre com uma média de 2,15 por entrevistado, relatando-se 12 etnoespécies. Em destaque aparece peixe, porco do mato, paca e capivara.

No entanto, para alguns animais silvestres os dados foram alarmantes no quesito relacionado à caça, pois são animais estão sofrendo pressões em suas populações pela caça ilegal. Ocorrem ainda etnoespécies citadas no questionamento sobre a diminuição de visualização na região, como o jacaré, cateto, anta, porco do mato, paca e o mateiro.

Porem alguns moradores relataram que a prática da caça vem diminuindo muito nos últimos anos, devido a própria escassez de caça e conhecimento de legislação.

Alguns comentários sobre a caça de animais silvestres:

“ah, tem muito bicho por ai, dá para comer, o que não pode é matar a toa”

“carne de jacaré é muito boa, mais tem que ser jacaré novo, véio não presta”

“cateto e porco do mato tem uma carne de melhor qualidade, menos gordura que o porco criado”

“na televisão fala que os bicho tá acabando, num acredito nisso não, sempre que morei aqui, tem eles”

“a gente sabe que é proibido, mas não tem fiscalização”

“quando tinha muita paca, nós comia, mas agora faz muito tempo que não comemos”

“o povo já caçou muito, hoje são poucos que fazem isso, eles tem medo da lei”

Na fauna doméstica houve consenso na indicação de alimentação proveniente de carne bovina, caprina, suína e galinha caipira.

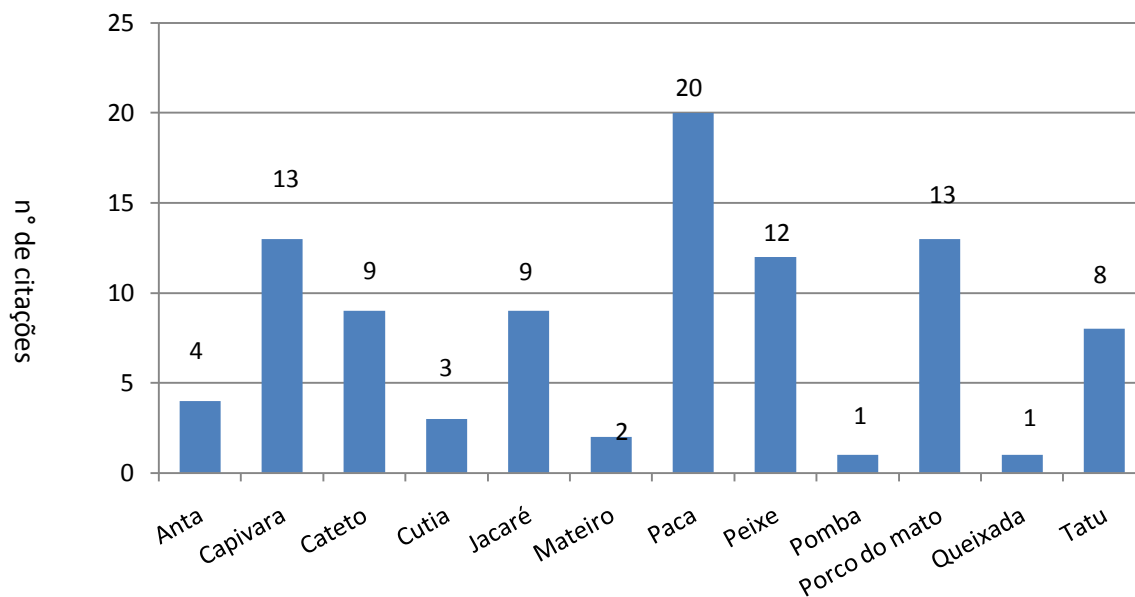


Figura 36 – Fauna silvestre local utilizada na alimentação humana, citada por moradores.

5.1.4.4 Uso do couro, pelo e pele.

Somente 52.27% dos entrevistados citaram o uso desta parte de animais, gerando 27 citações. O uso do couro do gado foi o mais relatado, usado para confecção de cintos e botinas e outros artefatos. Houve citação também para o carneiro e cavalo, com couro transformado em laços para a lida com gados. No caso de animais silvestres aparece o mateiro, com duas citações, com couro também utilizado para fabricação de laços, e a onça pintada com duas citações. Seu couro foi citado por sua beleza e fins comerciais. A figura 37 demonstra que logo no início da colonização já era costume a exibição de couro de onça pintada. Os moradores que citaram a onça pintada reconhecem a proibição de tal comercialização.

Um entrevistado relatou que o pelo e o casco da capivara são utilizados para espantar própria espécie das lavouras.

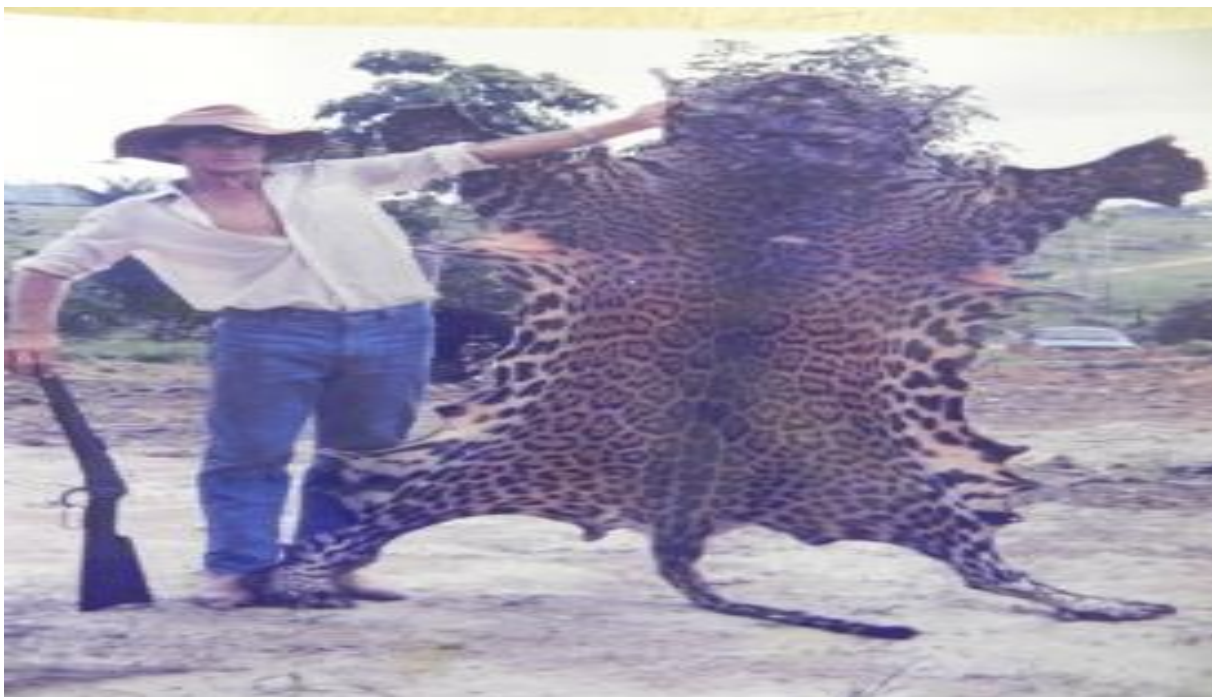


Figura 37 - Couro de onça pintada. Imagem Casa da Cultura Juína, ano indefinido.

5.1.4.5 Uso medicinal

Quatro entrevistados relataram o uso de couro de jacaré torrado no tratamento de reumatismo. Na literatura foi encontrado o uso do couro para tratamento de AVC, e a banha e o dente para o tratamento de reumatismo (MOURA e MARQUES, 2008).

Houve 7 relatos sobre o fel (vesícula) da paca para dor no estômago, cura de furúnculos e tratamento de diabetes. Dois moradores comentaram que o fel ainda auxilia na retirada de espinhos que entram na pele. Terra e Rabêlo (2005) citam a utilização do fel de paca por moradores de duas comunidades a beira do Rio Negro, como protetor da malária e de cura de doenças relacionadas ao fígado, podendo assim estar relacionado a dores no estômago como o entrevistado relatou.

Dois entrevistados relataram o osso da cabeça da capivara para reumatismo. Houve 5 citações da banha para auxiliar no tratamento de reumatismo e bronquite. Segundo Moura e Marques (2008), na Chapada Diamantina alguns moradores utilizam o osso da capivara para tratamento de AVC.

Houve dois relatos de utilização de banha de sucuri no tratamento de reumatismo e para nervo ciático injetada no músculo, onde houve o seguinte relato:

“banha de sucuri é bão para o nervo ciático, meu pai usou, aplicou com uma seringa nas costas dele, melhorou em poucos dias”.

Segundo Silva (2008), sua gordura é utilizada em diversas enfermidades, indicada no tratamento de ‘rasgadura’ (distensão muscular) e quebradura (rompimento de estruturas ósseas), sendo um poderoso cicatrizante de golpes, feridas e operações. A “banha” da “sucuriju” (sucuri) tem, ainda, uso como antibiótico em processos inflamatórios e respiratórios (ex. pneumonia, gripe, entre outros), em doenças cutâneas como a leishmaniose (“ferida brava”) e em problemas circulatórios, como derrame, reumatismo e inchaços.

Alguns entrevistados relataram que sabem da utilização de venenos de cobras na fabricação de “remédios” contra picadas de serpentes, relatando o seguinte:

“quando acho uma cobra aqui em casa as vezes mato, por causa das crianças, mas quando posso levo elas vivas para o IBAMA, o povo fala que eles tiram o veneno para poder fazer remédio, né”

“ os venenos da cobra servem para fabricar remédio para picadura delas mesmo ”

A banha da galinha também é relatada por 4 moradores para o tratamento de gripe, bronquite, asma, passando no peito das crianças.

5.1.4.6 Atividades místicas.

A galinha teve 7 citações, sendo que duas, específicas para galinha preta. Estes relatos tiveram como indicação pelos moradores no sacrifício em rituais de macumba. Conforme o seguinte comentário.

“de vez em quando aparece umas galinhas junto com bebidas em encruzilhadas por aqui, não é sempre, mas tem”

O carneiro aparece em duas citações, aparentemente para o mesmo fim da galinha.

5.1.4.7 Xerimbabo: criação de animais silvestres como animal de estimação.

Apesar dos entrevistados citarem que há bastante apego pela criação de pássaros da família dos psitacídeos na região como araras, papagaio e periquitos, foi visualizado durante as entrevistas somente dois periquitos silvestres em duas residências de moradores, exemplo demonstrado na figura 38, e em 12 residências houve o encontro de papagaios. Houve também duas citações para arara. Franco et al. (2009), comenta que as espécies preferidas de aves silvestres para domesticação são da família Psittacidae e que as apreensões estão relacionadas à exuberância do seu colorido e à facilidade de repetição de palavras e sons por esses animais.

Alguns moradores ainda fizeram comentários sobre a criação de porco do mato, cateto e macacos. Esses animais são capturados no mato e domesticados nas propriedades. Houve também a citação por moradores da criação do pássaro curió, espécie nativa que sofre grande pressão ambiental por criadores amadores devido ao seu belo canto.

Alguns comentários sobre a criação de animais silvestres:

“nois criamos loro aqui, mas não prendemos em gaiola e nem cortamos asas”

“tem gente que captura paca, cateto e porco do mato e cria nos sítios, aqui não fazemos isso, pode ter problemas com a justiça depois”

“eu prefiro ver as aves soltas, imaginam se prendessem a gente para ficar nos admirando”

“tenho dois periquitos aqui, mas não foram pegos na maldade, é que o ninho caiu e a gente pegou para não deixar morrer”



Figura 38 - Periquito do Encontro Amarelo, filhote criado na casa de um dos entrevistados.

5.1.4.8 De que animal (is) você mais gosta?

Houve moradores que descreveram mais de um animal. A figura 39 mostra que o cachorro foi o animal doméstico mais citado dentre outros, como o gato, cavalo e vaca. Segundo Faraco (2008), através dos tempos o cão foi separado do resto dos animais para domesticação, tendo uma nova classificação, o de animal de estimação com a premissa vocacional de serem companheiros de seus parceiros humanos. No entanto, o apego a animais domésticos traz à tona uma variedade de afinidades específicas, onde se pode explicar numa relação íntima de um agricultor com seu gado, ou seu cavalo, sendo assim animais de grande proximidade no meio rural.

Dentre os animais silvestres, surgiram citações da paca e veado mateiro e onça pintada. Citações com conexões com a beleza morfológica do animal e degustativa referente ao sabor da carne do animal citado. Alguns comentários:

“a paca possui uma deliciosa carne, é muito boa, sabendo fazer”

“onça pintada tem dois tipos, já vi uma pintada, dizem que aqui tem da preta, nunca vi dessa, mais a pintada é uma beleza de boniteza, gosto de mais dela”

“o macaco é um animal muito inteligente, se parece muito com os seres humanos”

“os passarinhos são lindos, adoro escutar seus cantos”

“o papagaio é muito divertido, imita tudo”

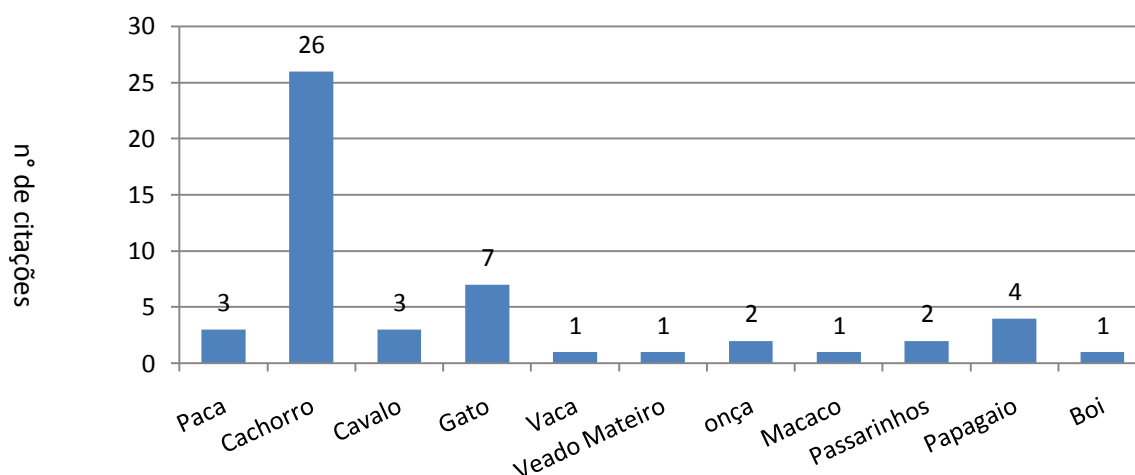


Figura 39 – Gráfico com relação de afinidade por animais citados por moradores.

5.1.4.9 De que animal (is) você tem medo?

A figura 40 observa-se as citações de fobia por animais, tendo destaque para as cobras. No Dicionário de Psicologia de Mesquita e Duarte (1996), a Ofidiofobia é bastante comum entre a humanidade, demonstrando-se em pavor de cobras. Alguns comentários de moradores:

“as cobras ficam escondidas, é difícil de vê-las”

“cobra, aranha e escorpião são venenosos, não pode facilitar”

“escorpião e cobra matam”

“aqui têm elas, mas mato todas”

“a pouco tempo morreu um senhor aqui por perto, ele levou uma picada de uma cobra”

Juntamente com as cobras aparecem as citações de lacraias e aranhas, indicações elencadas pelo perigo que os venenos destes animais podem trazer, conforme relatos:

“As lacraias que tem aqui são grandes, assustadoras”.

“Aranha e escorpião são bichos pequenos e perigosos”

“tenho medo destes animais venenosos, são muito perigosos para todos, inclusive crianças”

Porco espinho foi citado por um entrevistado, onde alegou:

“Deus me livre deste bicho, manda os espinho dele quando a gente rela nele, dizem que é muito dolorido”

A onça pintada veio ancorada a histórias, como citada por entrevistados:

“ela não ataca de frente, é traiçoeira, fica no encalço pelas costas quando estamos no mato, só ataca pelas costas, o povo antigo fala que ela já comeu muita gente aqui no passado quando tudo era mato”

“esse bicho é feroz, dizem que gosta de atacar com uma mordida na cabeça, é como se estourasse uma melancia”

Um entrevistado relatou que na região existe jacaré de até cinco metros de tamanho. Corroborado por Santos et al. (2012), que comenta que o jacaré-açu (*Melanosuchus niger*), podendo ser esse o citado pelo morador, é considerado um dos maiores predadores da América Continental, podendo medir até seis metros de comprimento. Esta espécie possui habitat específico, preferindo rios pouco movimentados, lagos ou igarapés. Sua distribuição é ampla pela bacia Amazônica.

O queixada foi relatado por um morador, demonstrando o perigo quando é encontrado um bando. Conforme o Portal do Pantanal (2012), eles não costumam atacar o homem, porém nunca se deve enfrentar um bando de queixadas assustados. Quando irritados eriçam uma faixa de pelo no dorso, exalam um cheiro desagradável e batem os dentes continuamente, fazendo um barulho assustador. Poucos animais ousam atacá-los.

Fala do morador:

“eles atacam em conjunto, tem dentes muito afiados, tenho muito medo deles, se não tiver uma árvore para subir aí a coisa complica”

Nove entrevistados disseram que não tem medo de nenhum animal, tecendo os seguintes comentários:

“Não tenho medo de nada, vivo no mato desde criança”

“e só não mexer com eles”

“não tenho medo de nenhum, mas alguns precisam de uma atenção maior”

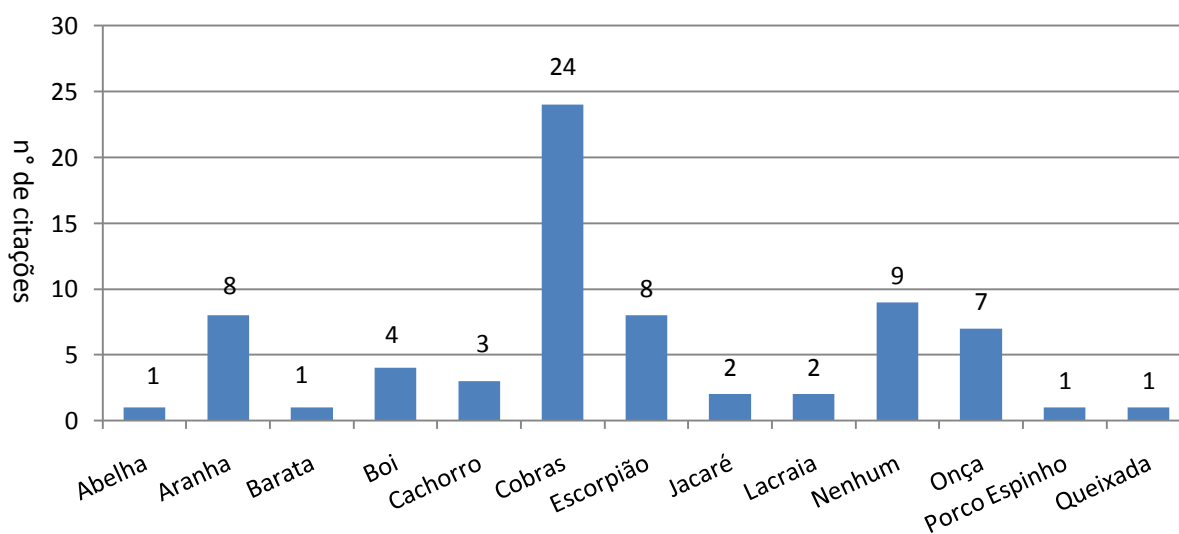


Figura 40 – Gráfico com a relação de fobia (medo) de animais citados por moradores.

5.1.4.10 Importância da proteção da fauna silvestre.

Mesmo com relatos de atividades de caça para alimentação e animais silvestres em cativeiro, todos moradores entrevistados disseram que é importante proteger a vida silvestre.

Na figura 41, é relatada citações sobre o porquê da importância. Contudo, houve um comentário em que enfatizava que não é importante preservar cobras e porcos espinhos.

“tem bicho que não é interessante preservar, tem que matar mesmo, eles trazem perigo para nós, tô falando das cobras e porco espinho”.

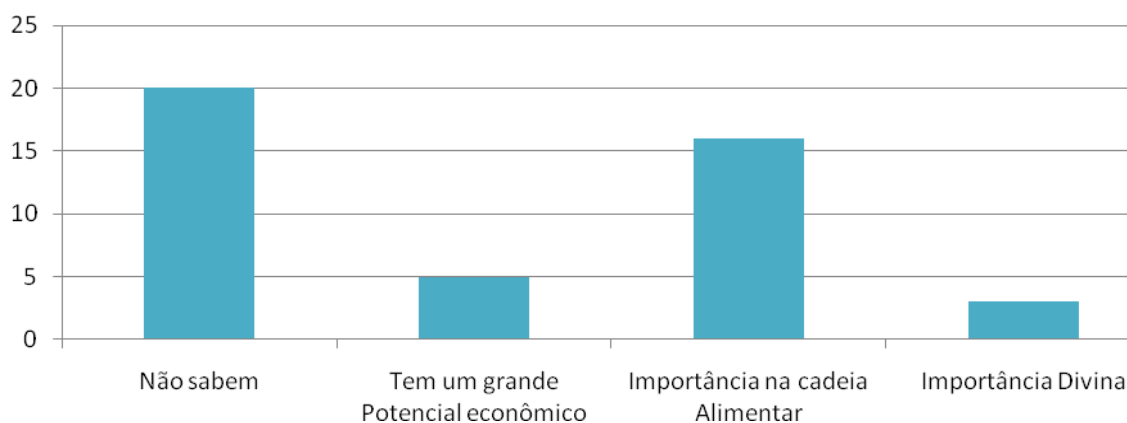


Figura 41 – Gráfico contendo citações quanto ao saber da importância da preservação da fauna silvestre.

Uma grande parcela dos entrevistados desconhece a importância da preservação da fauna, mas houve entrevistados que reconhecem a preservação nos pontos de vistas ecológicos e econômicos. Em dois comentários foi demonstrada uma relação de importância econômica da fauna silvestre em relação a possibilidades de ecoturismo. Seguem os comentários:

“aqui ainda tem alguns bichos bonitos, lá no Paraná agente não vê araras e alguns bichos que aqui ainda tem isso pode ser uma maneira da cidade crescer no turismo, né”

“deve ter um valor econômico na preservação da natureza, os bichos estão relacionados com as plantas que aqui tem, acho que é isso”

“os bichos fazem a polinização das plantas, imagina se isso não ocorresse”

Dezesseis entrevistados demonstraram conhecimentos direto e indiretamente que direcionam à importância da cadeia alimentar biológica. Segue algumas falas:

“bom, acho que é importante porque os animais controlam eles mesmo, pois quando falta cobra por exemplo o número de sapos podem subir, tô certo?”

“alguns animais quando faz suas necessidades, estão espalhando as sementes, assim o mato não acaba, a natureza depende deles”

“as cobras comem os sapos, acho que isso é importante”

“cada animal tem sua função no mato, um animal depende do outro”

“os bichos se alimentam de outros bichos, às vezes isso é bom para o homem”

Três moradores fizeram a relação da importância da vida silvestre com suas crenças religiosas. Como neste comentário:

“o nosso Senhor criou todos esses bichos, então eles são tão importantes quanto aos homens, senão Deus nem criava eles”

5.1.4.11 As leis ambientais que protegem os animais.

Na figura 42, é demonstrado que dez entrevistados citaram que desconhecem a existência de tais leis e outros dez relataram que já ouviram falar em leis de proteção dos animais, mas não souberam dizer quais são. A maior parcela de moradores entrevistados, 24, conhece algo sobre a legislação, indicando o IBAMA, a escola e os meios de comunicação como fonte principal de tais informações. Alguns comentários:

“moço, todo mundo aqui sabe que é proibido caçar os bicho, mas não sei te falar o que a lei fala”

“nunca ouvi falar de tais leis, existe?”

“na televisão às vezes fala que é crime matar os animais, eu já vi algumas vezes”

“o pessoal aqui já matou muita onça pintada, hoje sabemos que é proibido, o IBAMA fica no pé”

“apesar de ter pouca fiscalização, sabemos que o IBAMA aplica multa se caçar animais”

“na escola ensina isso”

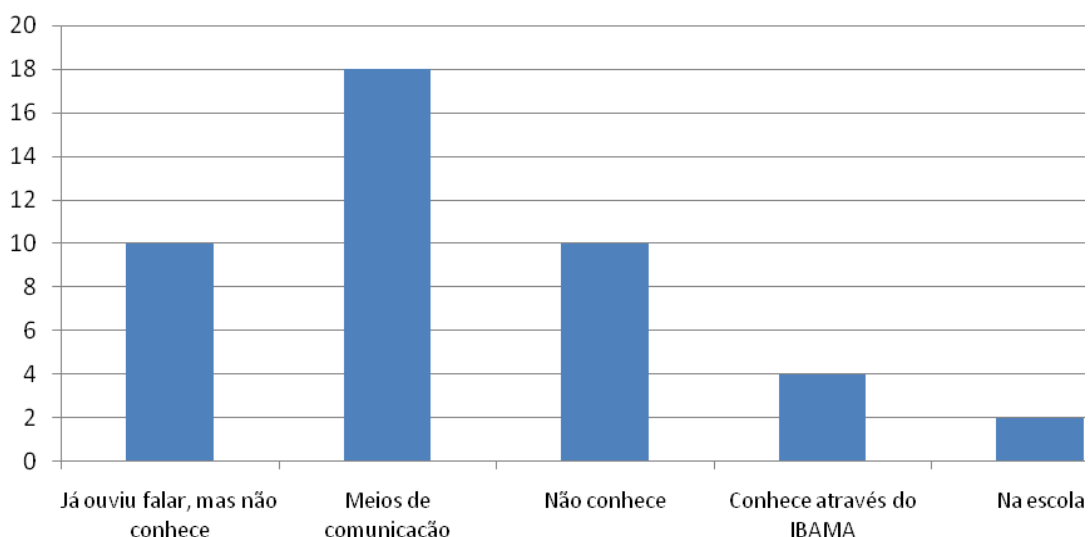


Figura 42 – Gráfico com relação de fontes de conhecimento sobre leis de proteção da fauna.

A legislação que trata sobre a Fauna é a LEI 9.605, que trata sobre os crimes ambientais. Com a relação à fauna, a legislação é bem enfática em incriminar atos como a caça, abatimento e apreensão em cativeiros de espécimes representantes da fauna brasileira, bem como o ato de pesca em período de reprodução da ictiofauna.

No entanto, em seu Artigo 37 é relatada a seguinte situação:

Não é crime o abate de animal, quando realizado:

I - em estado de necessidade, para saciar a fome do agente ou de sua família;

II - para proteger lavouras, pomares e rebanhos da ação predatória ou destruidora de animais, desde que legal e expressamente autorizado pela autoridade competente;

IV - por ser nocivo o animal, desde que assim caracterizado pelo órgão competente.

Excluindo o xerimbabo, que é o ato de domesticação de animais silvestres, o morador da zona rural é amparado legalmente no caso de um suposto etnorelacionamento, como o abate, em relação à fauna local nos quesitos de alimentação para sua subsistência, proteção de

lavouira (autorizado por autoridades relacionadas) e perigo eminente.

Em uma análise crítica de Pizzatto (2005) sobre o Artigo 37 da Lei de Crimes Ambientais, o inciso I permite ampliar a interpretação para muitas situações de caça, inclusive de animais em extinção, se for por necessidade. O inciso II mostra uma necessidade ocasional, conjuntural, onde o agricultor não pode esperar a autorização da autoridade competente sob pena de perder toda sua produção em poucos dias. Por outro lado, há a desconfiança de se permitir que a decisão seja de um técnico local, no constante conflito de que só o poder público detém o saber para tal decisão. Já no inciso IV fala em animal nocivo caracterizado pelo órgão competente, com mais uma interpretação generalista. Morcegos são considerados nocivos, alguns répteis ou até felinos. Sua caça, apanha ou abate tem sido usual, não é crime, mas não resolve situações específicas e os verdadeiros atos que poderiam ser criminosos.

Segue o trecho Lei nacional de crimes ambientais com parte específica sobre a fauna.

LEI Nº 9.605, DE 12 DE FEVEREIRO DE 1998.

CAPÍTULO V

DOS CRIMES CONTRA O MEIO AMBIENTE

Seção I

Dos Crimes contra a Fauna

Art. 29. Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida:

Pena - detenção de seis meses a um ano, e multa.

§ 1º Incorre nas mesmas penas:

I - quem impede a procriação da fauna, sem licença, autorização ou em desacordo com a obtida;

II - quem modifica, danifica ou destrói ninho, abrigo ou criadouro natural;

III - quem vende, expõe à venda, exporta ou adquire, guarda, tem em cativeiro ou depósito, utiliza ou transporta ovos, larvas ou espécimes da fauna silvestre, nativa ou em rota migratória, bem como produtos e objetos dela oriundos, provenientes de criadouros não autorizados ou sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente.

§ 2º No caso de guarda doméstica de espécie silvestre não considerada ameaçada de extinção, pode o juiz, considerando as circunstâncias, deixar de aplicar a pena.

§ 3º São espécimes da fauna silvestre todos aqueles pertencentes às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres, que tenham todo ou parte de seu ciclo de vida ocorrendo dentro dos limites do território brasileiro, ou águas jurisdicionais brasileiras.

§ 4º A pena é aumentada de metade, se o crime é praticado:

I - contra espécie rara ou considerada ameaçada de extinção, ainda que somente no local da infração;

II - em período proibido à caça;

III - durante a noite;

IV - com abuso de licença;

V - em unidade de conservação;

VI - com emprego de métodos ou instrumentos capazes de provocar destruição em massa.

§ 5º A pena é aumentada até o triplo, se o crime decorre do exercício de caça profissional.

§ 6º As disposições deste artigo não se aplicam aos atos de pesca.

Art. 30. Exportar para o exterior peles e couros de anfíbios e répteis em bruto, sem a

autorização da autoridade ambiental competente:

Pena - reclusão, de um a três anos, e multa.

Art. 31. Introduzir espécime animal no País, sem parecer técnico oficial favorável e licença expedida por autoridade competente:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

Art. 32. Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

§ 1º Incorre nas mesmas penas quem realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos.

§ 2º A pena é aumentada de um sexto a um terço, se ocorre morte do animal.

Art. 33. Provocar, pela emissão de efluentes ou carreamento de materiais, o perecimento de espécimes da fauna aquática existentes em rios, lagos, açudes, lagoas, baías ou águas jurisdicionais brasileiras:

Pena - detenção, de um a três anos, ou multa, ou ambas cumulativamente.

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas:

I - quem causa degradação em viveiros, açudes ou estações de aquicultura de domínio público;

II - quem explora campos naturais de invertebrados aquáticos e algas, sem licença, permissão ou autorização da autoridade competente;

III - quem fundeia embarcações ou lança detritos de qualquer natureza sobre bancos de moluscos ou corais, devidamente demarcados em carta náutica.

Art. 34. Pescar em período no qual a pesca seja proibida ou em lugares interditados por órgão competente:

Pena - detenção de um ano a três anos ou multa, ou ambas as penas cumulativamente.

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas quem:

I - pesca espécies que devam ser preservadas ou espécimes com tamanhos inferiores aos permitidos;

II - pesca quantidades superiores às permitidas, ou mediante a utilização de aparelhos, petrechos, técnicas e métodos não permitidos;

III - transporta, comercializa, beneficia ou industrializa espécimes provenientes da coleta, apanha e pesca proibidas.

Art. 35. Pescar mediante a utilização de:

I - explosivos ou substâncias que, em contato com a água, produzam efeito semelhante;

II - substâncias tóxicas, ou outro meio proibido pela autoridade competente:

Pena - reclusão de um ano a cinco anos.

Art. 36. Para os efeitos desta Lei, considera-se pesca todo ato tendente a retirar, extrair, coletar, apanhar, apreender ou capturar espécimes dos grupos dos peixes, crustáceos, moluscos e vegetais hidróbios, suscetíveis ou não de aproveitamento econômico, ressalvadas as espécies ameaçadas de extinção, constantes nas listas oficiais da fauna e da flora.

Art. 37. Não é crime o abate de animal, quando realizado:

I - em estado de necessidade, para saciar a fome do agente ou de sua família;

II - para proteger lavouras, pomares e rebanhos da ação predatória ou destruidora de animais, desde que legal e expressamente autorizado pela autoridade competente;

IV - por ser nocivo o animal, desde que assim caracterizado pelo órgão competente.

5.2 Entrevistas com alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso Campus Juína.

5.2.1 Identificação dos entrevistados.

Foram entrevistados 88 alunos de um universo de 92 matriculados no 1º ano do curso de Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso Campus Juína. Sendo que quatro alunos optaram por não participar das entrevistas após a apresentação do termo de livre consentimento. Do total de alunos entrevistados, teve-se um percentual de 59% do sexo masculino e 41% do sexo feminino.

Segundo a Lei nº 10.172, 2001, que dispõe o Plano Nacional de Educação para o ensino médio, a idade recomendada é de 15 anos para a 1ª série, 16 para a 2ª e 17 para a 3ª série. Conforme figura 43 a seguir, no 1º ano de 2012 no curso de técnico em agropecuária do IFMT-Juína, temos somente 43,2% de alunos matriculados no ano correto relacionado com sua idade. Sendo que 46,5 % estão em distorção idade-série num caráter atrasado e 9,1% em caráter adiantado.

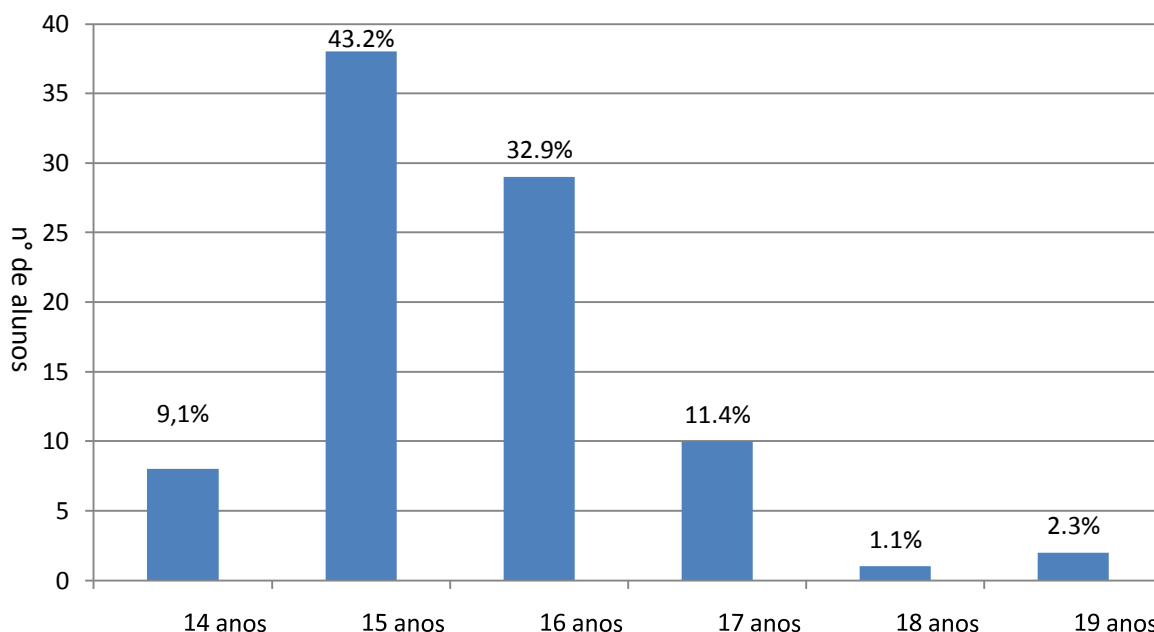


Figura 43 – Gráfico com distribuição de idade dos alunos entrevistados.

O IFMT- Juína é a única escola federal que oferece ensino técnico e superior de forma gratuita na região do Noroeste do Mato Grosso, atendendo várias cidades no seu entorno na educação profissional e superior. Na figura 44 é demonstrado que 60,3% dos alunos entrevistados são cidadãos juinenses. O restante, 39,7% são alunos de cidades circunvizinhas ao município de Juína.

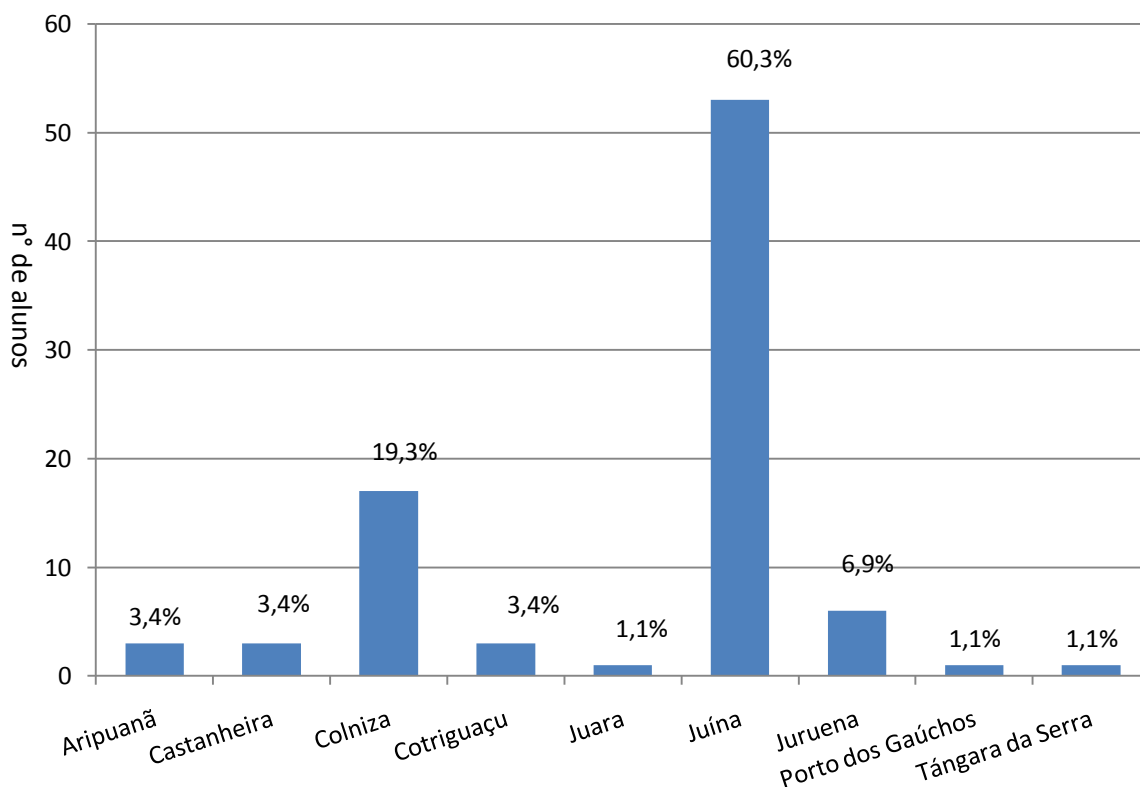


Figura 44 – Gráfico com distribuição das cidades de origem de alunos entrevistados.

Conforme figura 45, é demonstrado que a maioria dos alunos entrevistados, 45,5% são residentes no município de Juína desde a data do nascimento, portanto, são juinenses de nascimento. Uma grande parcela dos discentes entrevistados se deslocou de suas cidades para dar continuidade em seus estudos no IFMT Juína, alguns se alojando no campus, outros residindo em casa de familiares ou parentes e até mesmo montando republicas com amigos de interesse. Isso pode explicar o fato de 36,4% dos entrevistados relatarem que residem no Município de Juína em média de um ano apenas, embasando no que se refere um universo de entrevistados que estão prestes a concluir o primeiro ano do curso de Técnico em Agropecuária.

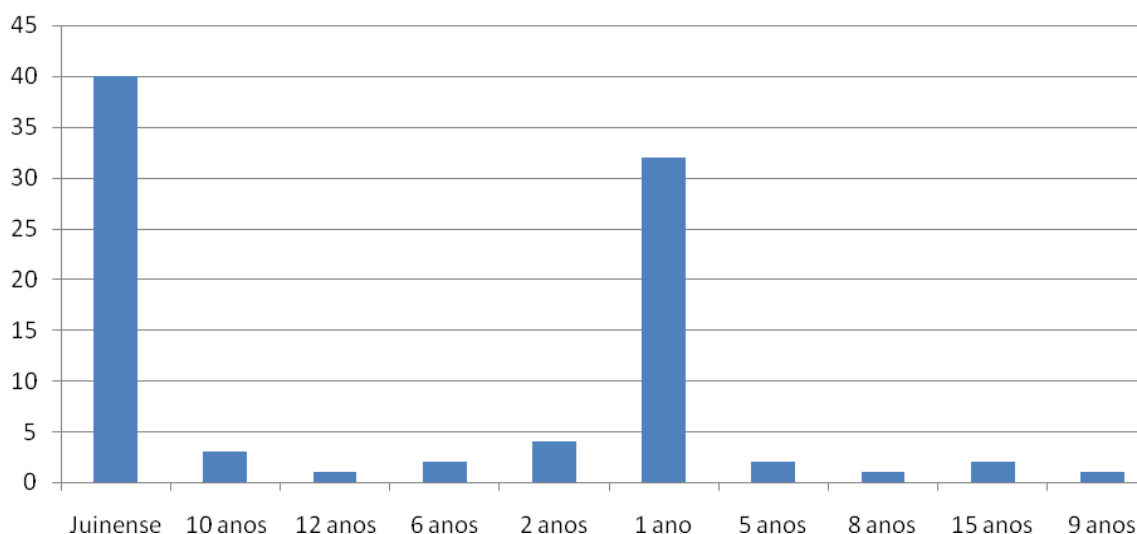


Figura 45 – Gráfico com tempo de moradia de alunos no município de Juína.

O percentual 54% foram dos alunos entrevistados disseram que a família ou algum membro da mesma tem propriedades rurais como chácaras, fazenda e sítio. Nestas propriedades, conforme tabela abaixo. Na Tabela 13, observa-se destaque para a criação de gado de corte nas propriedades citadas pelos alunos. Também se destacou a criação de galinhas caipiras e a de porcos. No total foram 93 citações referentes a atividades pecuaristas.

Na agricultura observou-se relativas citações para as culturas de mandioca, milho e pomares. Ao todo foram 68 citações, indicando atividades em 12 culturas agrícolas.

Somente dois alunos relataram que não há atividade pecuarista ou agrícola na propriedade.

Tabela 13 – Atividades agrícolas citadas por alunos que declararam que a família possui propriedade rural.

Atividade exercida	Nº de citações
Criação de carneiros	6
Criação de gado de corte	30
Criação de galinhas caipiras	24
Criação de pato	3
Criação de peixe	9
Criação de porco	17
Criação de vaca leiteira	4
Plantação de café	9
Plantação de cana	4
Plantação de coco	2
Plantação de Cupuaçu	1
Plantação de feijão	6
Plantação de hortaliças	4
Plantação de Mandioca	12
Plantação de melancia	2
Plantação de milho	11
Plantação de Pupunha	2
Plantação de soja	2
Pomar de frutas	13

Quando se questionou a finalidade da produção das propriedades, 42% foram à porcentagem citada para o consumo próprio e comercialização. Alguns comentários:

“lá em casa agente consome o que produz e quando vê que vai sobrar trazemos para cidade para vender nas feiras”

“Meu tio traz carne e frutas para nós em casa, mas sabemos que ele vive do dinheiro da venda das coisas que ele tem lá na chácara”

Uma boa parcela dos relatos, 38%, indicou que a produção agrícola é somente de consumo próprio, e não visam o comércio pelo motivo de possuírem pequena produção. Segue alguns comentários:

“lá na roça nós temos pouca coisa, pois a turma trabalha na cidade”

“antigamente meu pai vendia as coisas na cidade, mas agora ele não mexe mais com isso não, porque a gente tá morando na cidade”

Apenas 20% citou que a produtividade é somente para comercialização, tendo alguns relatando a atividade pecuarista na criação de gado de corte, criação de peixes em tanques e cultivo de soja.

Em relação à existência de mata nas propriedades, 53% dos que indicaram que a família tem propriedade rural confirmaram sua existência. Houve comentários que se correlacionaram a conhecimentos indiretos da Lei Nº 12.651, de 25 de maio de 2012, que dispõe sobre a proteção da vegetação nativa, que regula as áreas de desmatamento dentro de uma propriedade através da reserva legal (RL), ainda houve comentários sobre a discussão do novo Código Florestal implantado. Falas:

“a o povo fala que não pode desmatar tudo, o governo proíbe”

“conheço gente que desmatou tudo nas suas terras, agora há um boato que tem que replantar uma parte”

“isso é complicado professor, pois a gente tá aguardando sobre a nova lei, meu pai falou que não vai ter mais multas para nós”

“tem fazendeiro aqui em Juína que quando chegou na região desmatou tudo, agora fica na torcida para nova lei ambiental”

Dos alunos que relataram propriedades rurais na família, 47% disseram que há lâminas d'água nessas áreas, citando rios, lagoas e nascentes. Sendo que o percentual de 53% citou a existência de mata na propriedade. Conforme figura 46 abaixo.

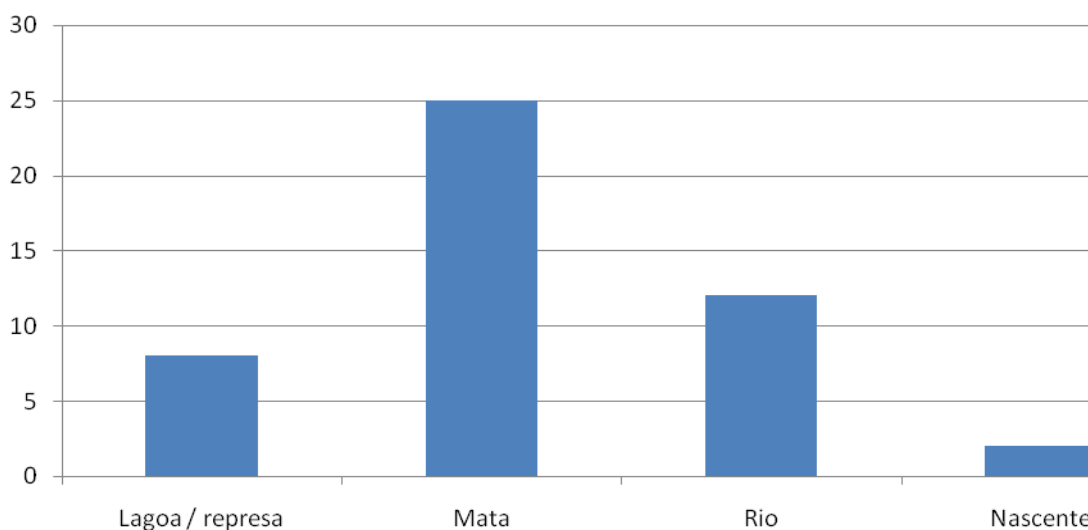


Figura 46 – Gráfico demonstrando percentuais para existência de laminais d'água e matas nas propriedades.

5.2.2 O IFMT- Juína e seus alunos.

Numa visão geral houve consenso pela maioria dos entrevistados indicando que o IFMT- Juína é uma boa escola com ensino de qualidade. Houve citações que também se revelaram emocionais perante a instituição, podendo descrever alguns comentários mais citados:

“acho que é a melhor escola da região”

“a escola tem uma boa estrutura, tem laboratórios e professores qualificados”

“aqui no IF nós temos uma formação para vida e para o trabalho”

“na outra escola que estudei tinha professores que davam aulas de tudo, aqui é diferente tem até professor doutor”

“opa é importante ter uma escola federal na região”

“não queria estudar aqui, o povo falava que os alunos pegavam na enxada, hoje sei que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida”

Por outro lado, houve também indicações para necessidade de melhorias no acesso social da instituição pelo motivo de gasto com refeição, pois o almoço tem uma taxa de R\$ 3.50 por dia, e o ônibus uma taxa de R\$1.50 por passagem. O IFMT-Juína aborda a situação com uma análise socioeconômica dos alunos, identificando os mais carentes e fazendo uma distribuição de bolsas para alimentação e transporte de ônibus. Alguns comentários:

“a escola é boa, mais pode melhorar muito ainda”

“fica caro estudar aqui, o ônibus e alimentação deveriam ser gratuitos”

“pessoas que não tem muitas condições não conseguem estudar aqui, a escola é de graça, mas o resto é tudo pago”

Houve comentários sobre a necessidade de melhoria da infraestrutura no setor de produção agrícola, aliada por citações de poucas aulas práticas. A figura 47 demonstra alunos em aula prática em um lote de avicultura de posturas. Numa conversa com professores da área

pecuarista e com o Diretor de Planejamento e Administrativo, ambos do campus Juína, foi relatado que as intervenções para início de atividades relativas à suinocultura e bovinocultura de corte e leite estão encaminhadas em relação a compras de matrizes e estruturação de setores, relatando os caminhamentos de licitações para que sejam efetivados esses anseios dos alunos.

Comentários que refletem insatisfação quanto a aulas práticas:

“temos poucas aulas práticas ainda, tem que ter mais coisas da roça para a gente aprender na prática”.

“o pessoal que estão formando teve pouco relacionamento com atividades de prática, espero que isso não aconteça com nós”



Figura 47 - Aula prática da disciplina de Zootecnia na avicultura de corte. Imagem, 2011.

Por fim, alguns alunos comentaram sobre as dificuldades que estão passando com a metodologia de ensino da instituição, estes enfatizam que as diferenças metodológicas de ensino local com as das escolas de origem (estado e municipal) fazem com que haja dificuldades no seu progresso na instituição. São relatos referentes aos diferentes graus de exigência nas modalidades de avaliações e tempo de estudo, alegando que os estudos eram mais fáceis nas escolas de origem e a permanência durante dois turnos, o matutino e vespertino, no curso integral de Técnico em Agropecuária. Comentários:

“estudar aqui é bom, mas o método de ensino é diferente, é mais forte”

“onde estudava o ensino era fraco, pois lá a gente passava sem saber de nada”

“é uma escola melhor que a do estado”

“aqui as coisas são difíceis, mais aprende”

“nossa, estuda o dia inteiro, isso é muito cansativo”

“aqui se não estudar o bicho pega, fica reprovado mesmo”

Segundo a Secretaria de Educação do Mato Grosso (SEDUC), 2002, o ensino básico praticado no estado do Mato Grosso é na modalidade Ciclada e não Seriada como ocorre no IFMT. No ensino Ciclado não há retenção em séries como pode ocorrer em reprovações como no Seriado. No entanto, em conversas com professores que atuam e atuaram no ensino

fundamental do estado do Mato Grosso pode destacar certa desconfiança sobre a atual condição do Ensino Ciclado praticado na região de Juína, a fala do Prof. Anderson André Pereira Belone, pode representar esse sentimento pelos demais consultados:

“o ensino Ciclado no Mato Grosso caracteriza-se por vias de um discurso antagônico, visto que no papel a proposta é de cunho transformador, almejando de forma real a recuperação do ensino básico. Contudo, a prática que nós observamos não condiz com o proposto, onde a sala de superação prevista no projeto para atender os alunos que apresentam alguma deficiência na sua maioria não se encontra na escola. Essas salas estão apenas no papel, pois o nº de alunos que a escola deve conter para tanto não condiz com a realidade das escolas de nossa região em relação da existência de salas para recuperação. O que leva a promoção de alunos ferindo o direito proposto pela própria organização do Ensino Ciclado”

5.2.3 Conhecimento Etnozoológico.

5.2.3.1 Animais que conhecem na região.

Para um maior entendimento na coleta dos dados, nas entrevistas foi colocada uma diferenciação dos animais domésticos dos silvestres. Nas entrevistas procurou-se denominar a fauna doméstica como animais de casa, e a fauna silvestre como animais do mato. Abaixo segue tabelas contendo animais silvestres e domésticos com seus respectivos números de citações. Há também a relação de nomes científicos com base na distribuição geográfica conforme possibilidades na pesquisa da literatura faunística brasileira em relação à taxonomia zoológica, estabelecendo as classes no caso de vertebrados e filos no caso de invertebrados.

Foram 1122 citações da fauna silvestre e 370 citações para animais domésticos, contabilizando num total de 1492 indicações de animais na região, gerando uma média de 16,95 animais citados por entrevistado.

Afigura 48 demonstra a divisão taxonômica da fauna total citada, observando a classe no caso dos vertebrados.

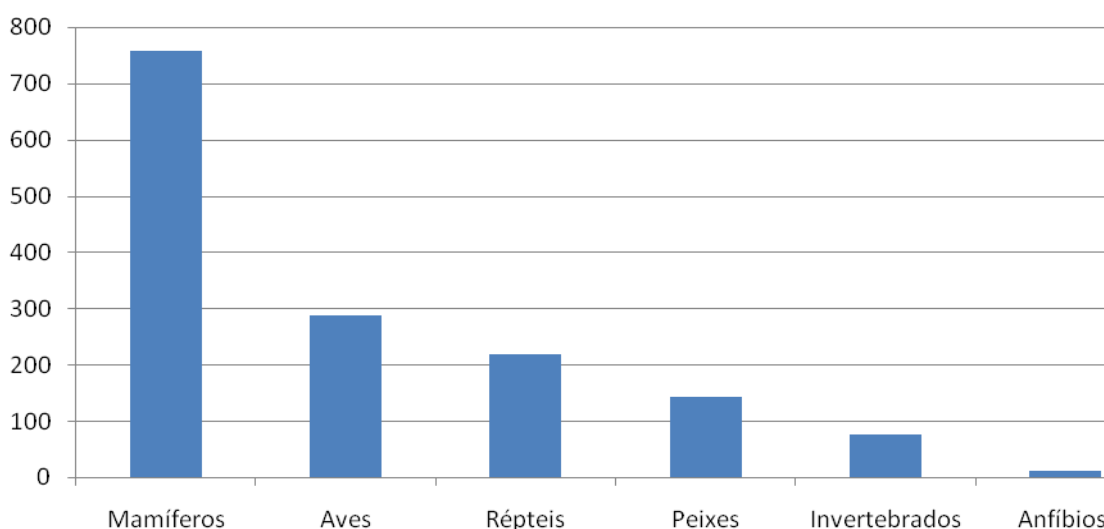


Figura 48 – Gráfico contento relação de nº de citações sobre a fauna regional com divisões taxonômicas.

Conforme figura 49, foram citados 164 nomes vernáculos, compreendendo a fauna silvestre e domestica. Este número não pode ser entendido como de espécies diferentes, pois há citações com vernáculos generalizados de grupos de animais que contem indivíduos de taxonomias diferenciadas, tendo assim a denominação de etnoespécie para cada indivíduo de citação. Exemplo são citações como peixes, pássaros, cobras, macacos, etc. Abaixo gráfico demonstrando citação vernácula de invertebrados e por classes no caso de vertebrados.

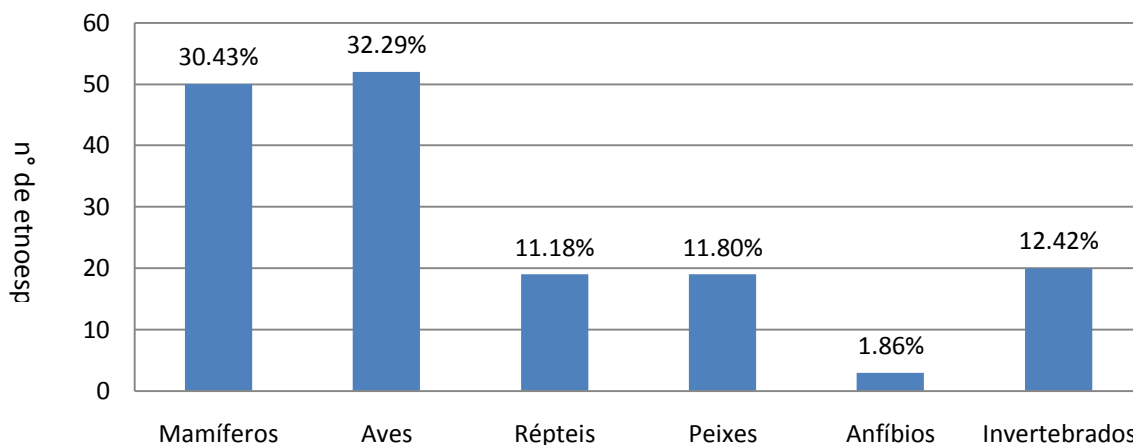


Figura 49 – Gráfico com distribuição taxonômica de etnoespécies citadas por alunos.

Do total de citações de animais silvestres obtidas nas entrevistas, 1122, os alunos elencaram 144 etnoespécies diferentes.

Entre os mamíferos houve destaque para anta, bicho preguiça, capivara, cateto, cutia, macacos, onças, paca, porco do mato, tatu e veado mateiro (Tabela 14). Segundo a WWF Brasil (2012), em um levantamento rápido de mamíferos realizado em Unidades de Conservação na região noroeste do Mato Grosso durante expedições, foram registrados 48 mamíferos de médio e grande porte, tendo destaque para a anta, cutia e tatu galinha. Em um levantamento feito por Silva (2006) da fauna na fazenda São Nicolau em Cotriguaçu localizada na macrorregião de Juína, foi encontrado 41 espécies de mamíferos. Em ambos os levantamentos houve coerência com os dados obtidos em relação aos mamíferos da região, enfatizando que na etnozologia não se faz levantamentos específicos no que tange a taxonomia, mas sim a coleta de informações referentes à relação humana – fauna, dando ênfase no etnoconhecimento.

Alguns comentários sobre os mamíferos:

“nossa aqui na região tem muita paca”

“eu já cacei cutia com um amigo, tem delas hein”

“lá para o lado onde moro tem muita onça, o povo vive matando”

“lá onde moro, modulo cinco, as capivaras de vez em quando atravessam a rua para entrar numa mata”

“eu vi um lobinho esses dias, nunca tinha visto um bicho tão bonito”

“vi uma anta com um corte na bunda, acho que tentaram matar ela com um facão”

“as onças dão prejuízo aos fazendeiros de gado”

Tabela 14 – Mamíferos silvestres da fauna regional citados por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	38
Bicho Preguiça	<i>Bradypus sp / Choeloepus sp</i>	22
Cachorro do mato	<i>Cerdocyon thous</i>	5
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	47
Cateto	<i>Pecari sp</i>	23
Cutia	<i>Dasyprocta sp</i>	37
Gamba	<i>Didelphis sp</i>	8
Guaxinim	<i>Procyon cancrivorus</i>	1
Irara	<i>Eira Barbara</i>	1
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>	12
Lobinho/	Família/ Canidae	10
Lobete	Família/ Canidae	3
Lobos	Família/ Canidae	8
Lontra	Família/ Mustelidae	3
Macaco Bugio	<i>Allouata sp</i>	12
Macaco prego	<i>Cebus sp</i>	9
Macacos	Ordem/ Primates	62
Mico	Ordem/ Primates	2
Morcego	Subordem/ Microchiroptera	13
Onça	Família/ Felidae	35
Onça Parda /	<i>Puma concolor</i>	3
Suçarana	<i>Puma concolor</i>	1
Onça Pintada	<i>Panthera onça</i>	8
Onça Preta	<i>Panthera onça</i>	3
Paca	<i>Cuniculos paca</i>	44
Porco do mato / queixada	<i>Tayassu pecari</i>	32
Porco espinho	<i>Coendou prehensilis</i>	4
Quati	<i>Nasua nasua</i>	2
Raposa	Gênero/ Pseudalopex	2
Rato do Mato	Ordem/ Rodentia	6
Sagui	Ordem/ Primates	6
Tamanduá	Família/ Myrmecophagidae	17
Tamanduá Bandeira	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	4
Tamanduá Mirim/ de colete	<i>Tamandua tetradactyla</i>	3
Tatu	Família/ Dasypodidae	42
Tatu Bola	<i>Tolypeutes sp</i>	1
Tatu Galinha	<i>Dasyus novemcinctus</i>	2
Veado / cervo /mateiro	<i>Mazama americana</i>	25

Conforme Tabela 15, em relação aos répteis, o jacaré e as cobras tiveram destaque. A região do noroeste do Mato Grosso carece de pesquisas relacionadas a estes animais. No entanto o estado de Rondônia, que é limítrofe a região noroeste mato-grossense apresenta as mesmas características bióticas por ter também uma área de transição entre a floresta amazônica e o cerrado brasileiro. Conforme Bernarde et al. (2012) o estado de Rondônia detém cerca de 118 espécies de serpentes, correlacionando com as etnoespécies citadas como a jararaca, sucuri, pico de jaca, cascavel, jibóia e cobras cipós. Quanto aos jacarés, segundo Fearnside (2012), no Brasil, ocorrem cinco espécies pertencentes à família Aligatoridae:

Caiman crocodilus, *Caiman latirostris*, *Melanosuchus niger*, *Paleosuchus palpebrosus* e *Paleosuchus trigonatus*, sendo que apenas a espécie *Caiman latirostris* não ocorre na Amazônia.

Tabela 15 – Répteis da fauna regional citados por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Cágado	Família/ Chelidae	3
Calango	Ordem/ Squamata	2
Camaleão	Ordem/ Squamata	3
Cobra bico de jaca	<i>Lachesis muta</i>	5
Cobra cascavel	Família/ Viperidae	1
Cobra cipó	<i>Chironiussp</i>	2
Cobra coral	Família/ Elapidae	6
Cobra pega pinto	<i>Drymarchon corais</i>	1
Cobras	Subordem/ Serpentes	61
Jabutí	<i>Chelonoidissp</i>	18
Jacaré	Família/ Alligatoridae	57
Jacaré do papo amarelo	<i>Caiman latirostris</i>	1
Jararaca	<i>Bothropssp</i>	4
Jibóia	<i>Boa constrictor</i>	10
Lagartixas	Ordem/ Squamata	3
Lagartos	Ordem/ Squamata	3
Sucuri	<i>Eunectessp</i>	12
Tartaruga	<i>Podocnemis expansa</i>	15

A Tabela 16 indica que araras e passarinhos de um modo vernacular geral tiveram destaques nas citações na classe das aves. Em seu trabalho Silva (2006) encontrou 348 espécies da região do noroeste mato-grossense, dando coerência a aves citadas pelos alunos. Em um levantamento feito por Cândido (2010), foram encontradas 148 espécies dentro da área do IFMT-Juína, sendo que dentre elas havia três araras de extrema beleza pela conotação de suas cores. São elas: arara canindé (azul e amarela), arara vermelha (vermelho e verde) e araracanga (vermelho e amarelo).

Tabela 16 – Aves silvestres da fauna regional citadas por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Azulão	Ordem/ Passeriforme	1
Anu	Família/ Cuculidae	4
Anu Branco	<i>Guira guira</i>	4
Anu Preto	<i>Crotophaga ani</i>	4
Águia	Família/ Accipitridae	1
Arara Azul	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	14
Arara Vermelha	<i>Ara chloropterus</i>	7
Araras	Família/ Psittacidae	30
Beija flor	Família/ Trochilidae	4
Carcará	<i>Caracara plancus</i>	1
Coruja	Família/ Strigidae	5
Curió	<i>Sporophila angolensis</i>	1
Ema	<i>Rhea americana</i>	11
Garça	Família/ Ardeidae	5

Garça Branca	Família/ Ardeidae	1
Gavião	Família/ Accipitridae	3
Gavião Real	<i>Harpia harpia</i>	2
Guacho	<i>Cacicus haemorrhous</i>	1
Inhambu	Família/ Tinamidae	3
Jacamim	Família/ Psophllidae	1
Jacu	Família/ Cracidae	6
Jacutinga	Provável <i>Aburria cumanensis</i>	4
Jaó	<i>Crypturellus undulatos</i>	1
Maitaca/ maritaca	Família/ Psittacidae	3
Mutum	Família/ Cracidae	5
Papagaio	Família/ Psittacidae	12
Papagaio vermelho e azul	Família/ Pistacidae	1
Passarinhos	Classe/ Aves	30
Pato	Família/ Anatidae	7
Peitinho Vermelho	Classe/ Aves	1
Periquito	Família/ Psittacidae	6
Pica pau	Família/ Picidae	3
Pomba	Família Columbidae	6
Quero-Quero	<i>Vennellus chilensis</i>	1
Rolinha	Família/ Columbidae	5
Sanhaçu azul	Família/ Thaupidae	1
Sanhaçu do coqueiro	<i>Tangara/ palmarum</i>	1
Saracura	Família/ Rallidae	2
Seriema	<i>Cariama cristata</i>	1
Socó	Família/ Ardeidae	1
Tico-Tico	<i>Zonotrichi acapensis</i>	1
Tiziu	<i>Volatinajacarina</i>	1
Tucano	Família/ Ramphastidae	5
Tuiuiú	<i>Jabiru mycteria</i>	2
Urubu	Família/ Cathardidae	7

Na classe dos peixes (Actinopterygii), o pintado, lambari e trairão tiveram destaque (Tabela 17). Segundo WWF (2012) em levantamentos de unidades de conservação da região foram encontrados 208 espécies, enfatizando o apelo pela comercialização e consumo do pintado e trairão.

Tabela 17 – Peixes silvestres da região citados por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Bagre	Ordem/ Siluriformes	1
Bicuda	<i>Boulengerella cuvieri</i>	1
Cachara	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	3
Cachorra	<i>Hydrolycus scomberoides</i>	3
Cará	Família/ Cichlidae	11
Curimbá	<i>Prochilodus sp</i>	2
Jaú	<i>Zungaro jahu</i>	2
Lambari	<i>Astyanax sp</i>	15
Pacu	Família/ Characidae	10

Palmito	<i>Ageneiosus</i> sp	1
Peixes	Classe/ Actinopterygii	31
Piau	Ordem/ Characiformes	8
Pintado	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>	14
Piranha	Família/ Characidae	4
Piranha sul (preta)	<i>Serrasalmus rhombeus</i>	4
Tambaqui	Família/ Characidae	4
Trairão	<i>Hoplias macropthalmus</i>	11
Tucunaré	<i>Cichla</i> sp	7
Tuvira	Família/ Gymnotidae	2
Matrinchã	<i>Brycon</i> sp	5

Analisando a Tabela 18, classe anfíbia foi a que teve a menor citação, onde a generalização vernacular ficou restrita aos sapos, rãs e pererecas. A pouca citação pode estar relacionada ao grau de relevância que o animal tem perante a população local, não havendo relação etnobiológica. Seger et al. (2011) comenta que em seu trabalho com etnoconhecimento sobre anfíbios foi observado que esse grupo é conhecido genericamente pela população como “sapos”, apesar de separarem por formas, cores e locais onde vivem, afirmando ainda que este grupo taxonômico desperta aversão por grande parte da população, citando Leite et al (2004) no que diz respeito a dificuldades nas atividades de educação ambiental pelo motivo de medo e nojo deste grupo de vertebrados.

Tabela 18 – Anfíbios da região citados por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Pererecas	Ordem/ Anura	1
Sapos	Ordem/ Anura	8
Rã	Ordem/ Anura	2

A aranha e escorpião foram os mais citados dentre os invertebrados, segundo Tabela 19. Tais citações podem estar relacionadas com a questão de animais peçonhentos em si, tratando das periculosidades e aversão a tais animais. Segundo Souza (2013) os aracnídeos, para muitos povos, são considerados como animais sagrados ou que trazem sorte; para outros, são sinônimos de medo e aversão, ou ainda fonte de alimento ou recurso terapêutico.

Tabela 19 – Invertebrados da região citados por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Abelha	Ordem/ Hymenoptera	7
Aranha	Ordem/ Araneae	24
Aranha caranguejeira	<i>Lasiodorasp</i>	3
Barata	Ordem/ Blattaria	6
Besouro Rinoceronte	Subfamília/ Dynastinae	1
Besouro	Ordem/ Coleoptera	2
Borboleta	Ordem/ Lepidoptera	3
Borrachudo	Família/ Simuliidae	2
Cigarra	Ordem/ Hemiptera	2
Cobra de asa	Ordem/ Hemiptera	3
Caranguejo	Ordem/ Brachyura	2
Escorpião	Ordem/ Scorpiones	14
Formigas	Família/ Formicidae	1

Grilos	Família/ Gryllidae	3
Insetos	Classe/ Insecta	2
Lacraia	Ordem/ Scolopendromorpha	7
Lagartas	Ordem/ Lepidoptera	2
Maribondo	Família/ Pompilidae	2
Mosca	Família/ Muscidae	2
Pernilongo	Ordem/ Diptera	2

As etnoespécies como o macaco, cobras, jacaré e capivara foram os que mais tiveram indicações nas entrevistas. É importante ressaltar que certos animais podem ter sido citados com mais de um nome vernacular, como é o caso das citações para onça e onça pintada, onde não fica definido se a indicação “onça” é para onça parda ou pintada. No caso das araras também há citações de araras e arara azul e amarela, algo que ocorre também na citação de pássaros. Alguns animais silvestres que habitam a região podem ter uma maior ou menor visualização, variando sua posição ecológica, onde se sabe da existência de certas etnoespécies, mas a visualização é difícil de acontecer, como é o caso de onças que ataca criações pecuaristas da região, mas não é de fácil visualização, são animais que demarcam grande área para sobrevivência de um único indivíduo, chegando a mais de 200 km² conforme cita Reis et al. (2011).

Abaixo segue tabelas com relevância de citações em ordem decrescente das etnoespécies por porcentagem de alunos, onde mais de 50% se refere à citação da etnoespécie por mais 44 entrevistados (Tabela 20), 25% a 50% se refere à citação da etnoespécie dentre 22 a 44 entrevistados (Tabela 21), portanto, menor que 25% se referimos à citação por menos de 22 entrevistados (Tabela 22).

A capivara, cobras, jacaré e macacos foram os animais com destaque em citações por mais de 50% de alunos.

Tabela 20 – Etnoespécies citadas por mais de 50% dos alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>
Cobras	Subordem/ Serpentes
Jacaré	Família/ Alligatoridae
Macacos	Ordem/ Primates

Tabela 21 – Etnoespécies citadas por 25 a 50% dos alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia
Anta	<i>Tapirus terrestres</i>
Aranha	Ordem/ Araneae
Araras	Família/ Psittacidae
Bicho Preguiça	<i>Bradypus</i> / <i>Choloepus</i>
Cateto	<i>Pecari</i>
Cutia	<i>Dasyproctas</i>
Onça	Família/ Felidae
Paca	<i>Cuniculus paca</i>
Passarinhos	Classe/ Aves
Peixes	Classe/ Actinopterygii
Porco do mato / quixada	<i>Tayassu pecari</i>
Tatu	Família/ Dasypodidae
Veado / cervo / mateiro	<i>Mazama americana</i>

Tabela 22 – Etnoespécies citadas por menos de 25% dos alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia
Abelha	Ordem/ Hymenoptera
Águia	Família/ Accipitridae
Anu	Família/ Cuculidae
Anu Branco	<i>Guira guira</i>
Anu Preto	<i>Crotophaga ani</i>
Aranha caranguejeira	<i>Lasiodorasp</i>
Arara Azul	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>
Arara Vermelha	<i>Ara chloropterus</i>
Azulão	Ordem/ Passeriforme
Bagre	Ordem/ Siluriformes
Barata	Ordem/ Blattaria
Beija flor	Família/ Trochilidae
Besouro	Ordem/ Coleoptera
Besouro Rinoceronte	Subfamília/ Dynastinae
Bicuda	<i>Boulengerella cuvieri</i>
Borboleta	Ordem/ Lepidoptera
Borrachudo	Família/ Simuliidae
Cachara	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>
Cachorra	<i>Hydrolycus scomberoides</i>
Cachorro do mato	<i>Cerdocyon thous</i>
Cágado	Família/ Chelidae
Calango	Ordem/ Squamata
Camaleão	Ordem/ Squamata
Cará	Família/ Cichlidae
Caranguejo	Ordem/ Brachyura
Carcará	<i>Cararcara plancus</i>
Cigarra	Ordem/ Hemiptera
Cobra bico de jaca	<i>Lachesis muta</i>
Cobra cascavel	Família/ Viperidae
Cobra cipó	<i>Chironiussp</i>
Cobra coral	Família/ Elapidae
Cobra de asa	Ordem/ Hemiptera
Cobra pega pinto	<i>Drymarchon corais</i>
Coruja	Família/ Strigidae
Curimbá	<i>Prochilodussp</i>
Curió	<i>Sporophila angolensis</i>
Ema	<i>Rhea americana</i>
Escorpião	Ordem/ Scorpiones
Formigas	Família/ Formicidae
Gamba	<i>Didelphis sp</i>
Garça	Família/ Ardeidae
Garça Branca	Família/ Ardeidae
Gavião	Família/ Accipitridae
Gavião Real	<i>Harpia harpia</i>
Grilos	Família/ Gryllidae

Guacho	<i>Cacicus haemorrhous</i>
Guaxinim	<i>Procyon cancrivorus</i>
Inhambu	Família/ Tinamidae
Insetos	Classe/ Insecta
Irara	<i>Eira Barbara</i>
Jabuti	<i>Chelonoidis sp</i>
Jacamim	Família/ Psophiidae
Jacaré do papo amarelo	<i>Caiman latirostris</i>
Jacu	Família/ Cracidae
Jacutinga	Provável <i>Aburria cumanensis</i>
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>
Jaó	<i>Crypturellus undulatos</i>
Jararaca	<i>Bothropssp</i>
Jaú	<i>Zungaro jahu</i>
Jibóia	<i>Boa constrictor</i>
Lacraia	Ordem/ Scolopendromorpha
Lagartas	Ordem/ Lepidoptera
Lagartixas	Ordem/ Squamata
Lagartos	Ordem/ Squamata
Lambari	<i>Astyanax sp</i>
Lobete	Família/ Canidae
Lobinho/	Família/ Canidae
Lobos	Família/ Canidae
Lontra	Família/ Mustelidae
Macaco Bugio	<i>Allouata sp</i>
Macaco prego	<i>Cebussp</i>
Maitaca/ maritaca	Família/ Psittacidae
Maribondo	Família/ Pompilidae
Matrinchã	<i>Bryconsp</i>
Mico	Ordem/ Primates
Morcego	Subordem/ Microchiroptera
Mosca	Família/ Muscidae
Mutum	Família/ Cracidae
Onça Parda /	<i>Puma Concolor</i>
Onça Pintada	<i>Panthera onca</i>
Onça Preta	<i>Panthera onca</i>
Pacu	Família/ Characidae
Palmito	<i>Ageneiosussp</i>
Papagaio	Família/ Psittacidae
Papagaio vermelho e azul	Família/ Psittacidae
Pato	Família/ Anatidae
Peitinho Vermelho	Classe/ Aves
Pererecas	Ordem/ Anura
Periquito	Família/ Psittacidae
Pernilongo	Ordem/ Diptera
Piau	Ordem/ Characiformes
Pica pau	Família/ Picidae
Pintado	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>

Piranha	Família/ Characidae
Piranha sul (preta)	<i>Serrasalmus rhombeus</i>
Pomba	Família/ Columbidae
Porco espinho	<i>Coendou prehensilis</i>
Quati	<i>Nasua nasua</i>
Quero-Quero	<i>Vennellus chilensis</i>
Rã	Ordem/ Anura
Raposa	Gênero/ Pseudalopex
Rato do Mato	Ordem/ Rodentia
Rolinha	Família/ Columbidae
Sagui	Ordem/ Primates
Sanhaçu azul	Família/ Thaupidae
Sanhaçu do coqueiro	<i>Tangara palmarum</i>
Sapos	Ordem/ Anura
Saracura	Família/ Rallidae
Seriema	<i>Cariama cristata</i>
Socó	Família/ Ardeidae
Suçuarana	<i>Puma Concolor</i>
Sucuri	<i>Eunectes sp</i>
Tamanduá	Família/ Myrmecophagidae
Tamanduá Bandeira	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Tamanduá Mirim/ de colete	<i>Tamandua tetradactyla</i>
Tambaqui	Família/ Characidae
Tartaruga	<i>Podocnemis expansa</i>
Tatu Bola	<i>Tolyteutesp</i>
Tatu Galinha	<i>Dasyus novemcinctus</i>
Tico-Tico	<i>Zonotrichiacapensis</i>
Tiziu	<i>Volatinajacarina</i>
Trairão	<i>Hoplias macrophtalmus</i>
Tucano	Família/ Ramphastidae
Tucunaré	<i>Cichlasp</i>
Tuiuiú	<i>Jabiru mycteria</i>
Tuvira	Família/ Gymnotidae
Urubu	Família/ Cathardidae

Fauna doméstica citada por alunos:

Na fauna domestica houve 370 citações de 29 etnoespécies (Tabelas 23, 24, 25 e 26). Com maior relevância para o boi, vaca, cachorro, gato, porco e galinha. Houve alunos que citaram animais domésticos de relevância na estimação, aparecendo animais como o coelho, porco da índia, rato Hamster e peixes de aquário. Animais silvestres surgem como indivíduos semidomésticos, como as araras, papagaios, jabuti e periquito.

Houve a citação de peixes como o pacu e piau, que são criados como animais domésticos, segundo aluno entrevistado.

Tabela 23 – Mamíferos domésticos citados por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Boi	<i>Bos taurus</i>	31
Burro	<i>Equus africanus</i>	2
Cabritos	<i>Capra aegagrus</i>	13
Cachorro	<i>Canis lúpus familiaris</i>	53
Carneiro	<i>Ovis aries</i>	10
Cavalo	<i>Equus ferus</i>	47
Coelho	Família/ Leporidae	12
Gato	<i>Felis silvestres catus</i>	46
Jegue	<i>Equus africanus asinus</i>	2
Mula	<i>Equus ferus caballus x Equus africanus asinus</i>	2
Porquinho da índia	<i>Cavia porcellus</i>	4
Ratos / ramster	Ordem/ Rodentia	5
Suíno / porco	<i>Sus domesticus</i>	34
Vaca	<i>Bos taurus</i>	27

Tabela 24 – Aves domésticas citadas por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Arara	Família/ Psittacidae	1
Canário	<i>Serinus canaria</i>	1
Codorna	<i>Coturnix japonica</i>	5
Galinha	<i>Gallus gallus domesticus</i>	40
Galinha da Angola	<i>Numida meleagris</i>	5
Papagaio / louro	Família/ Psittacidae	5
Passarinhos	Ordem/ Passeriformes	7
Pato	Família/ Anatidae	6
Pavão	Família/ Phasianidae	3
Periquito	Família/ Psittacidae	1
Peru	<i>Meleagris sp</i>	3

Tabela 25 – Peixes domésticos citados por alunos.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Pacu	Família/ Characidae	1
Piau	Ordem/ Characiformes	1
Peixes de aquário	Classe/ Actinopterygii	2

Tabela 26 – Réptil doméstico citado por aluno.

Vernáculo - Etnoespécie	Taxonomia	Nº Citações
Jabuti	<i>Chelonoidis sp</i>	1

5.2.3.2 Animais que estão desaparecendo da região.

Conforme Tabela 267, foram 29 etnoespécies com 172 citações, havendo generalização vernacular como nos casos da onça, passarinhos, peixes, macacos e araras. Obteve-se destaque para as araras, onças, pacas e peixes.

Além da caça predatória, o desmatamento teve forte indicação nas justificativas comentadas pelos alunos. A WWF (2012) cita que a região noroeste mato-grossense sofre e já sofreu muitas pressões ambientais, incluindo aí a questão da expansão da fronteira agrícola aliada à atividade de pastagem, sendo que a extração de madeira geradora do desmatamento é o ponto inicial deste tormento. A base da economia regional, de modo geral, está na extração madeireira. Juras (2012) comenta que as ameaças à biodiversidade são várias, entre as quais se destacam mudança do clima, poluição do ar e da água, desertificação, erosão, caça e pesca predatória, mas, sem dúvida, o desmatamento pode ser considerado uma das mais, se não a mais forte ameaça para a extinção de espécies e perda da diversidade biológica em nosso país.

Alguns comentários dos alunos:

“Os animais sofrem caças severas, desmatamento também ajuda acabar com eles”.

“Cutia está sumindo por causa da caça”

“Os Pássaros são capturados para comercialização e com o desmatamento eles vão embora”

“ Dizem que Araras estão sumindo, deve ser pelo motivo da criação delas em casa”

“Porco do mato, o povo caça para alimentação”

“Arara Azul: caçando para manter em cativeiro, tem gente matando para nada”

“a capivara sofre muito, pois é muita caça para consumo, tem até venda ilegal”

“os rios estão começando a ficar poluídos; as pessoas não respeitam a piracema, assim os peixes vão sumindo”

“Com o desmatamento, os macacos vão para as matas mais longes”

“É proibido caçar Jacaré, mas ninguém respeita, caçam para alimentação e uso de couro”

“As pessoas matam por nada os tamanduás”

“Não tem uma vez que quando vou viajar, tem tamanduá morto na rodovia”

“Paca: Povo mata para comer; estão sendo mortas por caçadores; utilizam de pele.”

“Jaguatirica: os chacareiros estão matando, elas pegam galinhas”

“As Onças sofrem com a utilização de couro, o povo tem medo dela, eles matam toda vez que uma é vista”

“os fazendeiros estão matando as Onças pintadas, quando elas atacam o gado”

“já ouvi falar que matam onças por aqui por pura diversão”

“O desmatamento e queimadas estão acabando com as araras da região”

Tabela 27 – Animais da fauna silvestre que estão sumindo da região, citados por alunos.

Etnoespécie	Nº Citações
Anta	4
Arara	11
Arara Azul	13
Arara Vermelha	2
Bicho Preguiça	1
Capivara	6
Cobra	1
Cutia	3

Gamba	1
Jabuti	1
Jacaré	4
Jacu	2
Jaguaririca	2
Lobo	2
Macacos	8
Morcego hematófago	1
Mutum	1
Onça	20
Onça Pintada	19
Paca	28
Papagaio	1
Pássaros	4
Peixes	13
Periquitos	1
Porco do Mato	2
Porco Espinho	1
Socó	1
Tamanduá Mirim	3
Tatu	7
Tucano	1
Veado Mateiro	8

A onça pintada vem sofrendo grande pressão antrópica na região devido à caça e abate de indivíduos (Figura 50). A perda de espaço de seu habitat, provocada pelo desmatamento, contribui para que este animal procure seu alimento em propriedades pecuaristas da região, trazendo transtorno financeiro ao produtor que por consequência procura minimizar seu prejuízo com a caça deste animal.



Figura 50 - Onça abatida na região. Imagem cedida por aluno, 2012, sem data da imagem.

5.2.3.3 Percepção da Fauna dentro da área do IFMT – Campus Juína.

O IFMT campus Juína possui uma extensa área verde compreendida por uma mata localizada próximo aos prédios de sala de aula. Existe em meio desta área um campo de futebol utilizado para práticas de esportes e aulas de Educação Física. Também há o Rio Perdido, que indica o limite da área do campus com algumas chácaras vizinhas. É um rio dotado de extensa vegetação em suas margens. Com essas características, a vivência dentro do campus permite uma inevitável aproximação com o natural, tendo a fauna local como um espetáculo diário a ser assistido.

Conforme Tabela 28, os alunos entrevistados deram destaque para macacos, cobras, aranhas e o lobete. Alguns comentários sobre as visualizações:

“O nosso campo de futebol é rodeado por árvores, lá tem muito macaco.”

“A escola é bem preservada, pois tem diferentes macacos”.

“Tem uns macacos que só ficam por conta de roubar milhos”

“Aqui já tem uns macacos acostumados com o povo.”

“Macacos e capivara vejo quase todo dia”

“O bugio que tem aqui é grande, de cor castanha e amarela”

“O lobinho é o mascote do alojamento, mas faz um tempinho que não aparece.”

“O bicho preguiça é muito fofo, peludinho.”

“Tem muitos macacos pelas árvores aqui no campus.”

“Foi a primeira vez que vi um lobete na vida.”

“Aqui tem muita cobra, tem que ficar olhando no chão para não pisar em cima.”

“Quando estava lavando roupa no alojamento, quase pisei numa jibóia, aqui tem muito delas.”

“Peguei uma jibóia na mão, foi incrível.”

“Tem uns patos ariscos lá na represa”.

“Tem perereca nos banheiros da escola”

“gosto de ficar olhando as araras, elas voam de casal”

“tem uma variedade de passarinho aqui, mas só que não sei o nome”

“Aqui tem uns besouros gigantes.”

“Aqui tem muitos insetos peçonhentos”

“Tem época do ano que aparece uma aranhas do tamanho da palma da mão, que horror”

“Já pegamos jararaca dentro do alojamento”

“Levei um susto com os bichos daqui, agora já me acostumei”

Tabela 28 – Fauna silvestre visualizada dentro da área do IFM Juína, citada por alunos

Etnoespécie	Nº de citações
Anu	3
Anu Branco	5
Anu Preto	4
Aranha	30
Aranha Caranguejeira	5
Arara Azul	4
Arara Vermelha	3
Araras	14
Baratas	1
Besouro	13
Bicho Preguiça	5
Borboletas	4
Cachorro do mato	8
Capivara	10
Cigarra	2
Cobra cipó	3
Cobra coral	1
Cobras	55
Cutia	2
Escorpião	3
Formigas	3
Gafanhoto	3
Garça	3
Gavião	1
Grilos	1
Insetos	2
Irara	1
Jabuti	6
Jararaca	4
Jibóia	12
Lacraia	12
Lagartixa	2
Lobinho / Raposa/ Lobete	31
Macaco Aranha	2
Macaco Bugio	3
Macaco Prego	2
Macacos	67

Minhoca	2
Morcego	4
Moscas	1
Paca	1
Papagaio	3
Pássaros	6
Pato	2
Perereca	2
Periquito	3
Pernilongo	1
Pica-Pau	2
Pombo	1
Porco do Mato	2
Quero-quero	4
Rato	3
Sagui	1
Sanhaçu	1
Sapos	12
Tatu	1
Tucano	1
Urubu	8

Durante a pesquisa procurou-se registrar imagens que retratassem a etnorelação cotidiana entre os alunos e animais na área do campus. Nas figuras 51 e 52 é demonstrado contato de alunos com as cobras jibóia e jararaca, elencando que a classe destes animais foi uma das mais citadas por eles. Apesar de receio por parte de alguns alunos em manipular as cobras em suas mãos, as imagens demonstra que há alunos que o fazem com muita tranquilidade, como é o caso também da figura 53, onde o aluno segura um tatu.



Figura 51 - Alunos alojados do campus IFMT Juína com jibóia capturada perto do refeitório do campus. Roniel Lobo da Silva, 2012.



Figura 52 - Aluno segurando jararaca capturada dentro do campus. Imagem cedida pelo aluno Roniel Lobo da Silva, 2012.



Figura 53 - Aluno soltando tatu. Imagem, 2012.

Na figura 54, é demonstrado um bugio que se acidentou em uma descarga elétrica nos fios de alta tensão do campus. Tal fato evidenciou o potencial educativo perante a questão ambiental no campus, pois alunos e servidores se mobilizaram para ajudar o animal acidentado que estava sob os cuidados do IBAMA. O órgão alegou que não havia recursos para o tratamento em sua unidade regional. Alunos e servidores passaram a fazer uma campanha para arrecadar verba na intenção de levar o animal para centros especializados na capital do estado, Cuiabá. Infelizmente o animal veio ao óbito antes do socorro, mas deixou um legado de outra visão sobre os macacos que habitam as matas do campus, o da “preservação”.



Figura 54 - Bugio acidentado na rede elétrica do campus. Imagem cedida por Thaís Vasconcelos Silva, 2012.

5.2.3.4 Animais silvestres utilizados para a alimentação na região.

Conforme Tabela 29, houve 327 citações com uma média de 3,71 indicações por entrevista, foram 29 etnoespécies da fauna silvestre elencadas. Anta, capivara, cateto, jacaré, paca, peixes, porco do mato e tatu tiveram destaque nas citações. Comentários:

“aqui na região o povo gosta muito de comer carne de jacaré e paca”

“Os índios que moram perto da minha casa comem macacos”

“é proibido, mas a carne é boa”

“muita gente caça, mas não admiti”

“gosto de pescar, mas não sou muito fã da carne de peixe”

“lá na minha cidade tem muita gente que caça”

“matar para comer não é pecado, não pode é matar os bichos na sacanagem”

“eu não como animais do mato, mas sei que tem gente aqui que come”

“uma paca ou tatu, isso bão demais”

“meu pai trazia para casa, quando trabalhava no mato, mas agora a gente não come mais não”

“ichi, já cacei muito”

“sou contra a comer bicho do mato, só como peixe”

“o povo fala que carne de capivara não é boa, mas tem gente que come”

“já comi anta, não gostei muito”

“nossa! aqui na cidade tem gente que come ate pardal, rrsrsr”

“meu tio fala que carne de mutum é boa, mas quase que não tem mais esse bicho aqui”

“lá em Colniza, minha cidade, tem gente que come ate tartaruga que pegam no rio”

“antigamente o povo comia mais, agora todo mundo pode comer carne de boi, tá barata, rrsrs”

Dos animais em destaque na alimentação a paca e os peixes também mereceram atenção especial no quesito de animais que estão tendo diminuição em suas populações segundo citações dos alunos.

Segundo Dias e Almeida (2004) citado por Junior (2006) a carne dos animais de caça é tão apreciada em determinadas comunidades da Amazônia que representa parte essencial de sua dieta básica, Mesmo que haja carne de animais domésticos como galinha, pato e até gado, os animais da floresta são a fonte regular de carne na alimentação destas populações.

O consumo de animais silvestres na região é relatado por Trinca e Ferrari (2004), na cidade de Nova Bandeirante, quando se teve o destaque para a caça de cateto e porco do mato com intuíto de subsistência, com um abate de 113 mamíferos de 16 espécies entre o mês de maio a novembro de 2003, que foi o período de estudo e acompanhamento em um assentamento do município.

Tabela 29 – Animais silvestres da região utilizados na alimentação, citados por alunos.

Etnoespécie	Nº de citações
Anta	17
Cachorra	1
Capivara	39
Cateto	27
Cobra	4
Cutia	11

Inhambu	2
Jabuti	1
Jacaré	52
Jacu	2
Lambari	2
Macaco	9
Mutum	1
Onça	3
Paca	54
Pássaros	1
Peixes	27
Piau	2
Pombo	2
Porco do Mato	18
Quati	1
Queixada	5
Rolinha	1
Tartaruga	2
Tartaruga (ovos)	1
Tatu	28
Traíra	1
Tucunaré	1
Veado Mateiro	13

As figuras 55 e 56 são imagens cedidas por alunos demonstrando a atividade da caça de jacaré para obtenção de carne e couro e a pesca do trairão, peixe comum nos rios da região.



Figura 55 - Jacaré abatido na região. Imagem cedida por aluno entrevistado, 2012.



Figura 56 - Trairão pescado em rio da região. Imagem cedida por aluno, 2012.

5.2.3.5 Utilização de couro.

Conforme Tabela 30, oito etnoespécies foram citadas, sendo o total de 96 citações. A utilização de couro de animais domésticos pode ser justificada pela vocação pecuarista da região, onde atividades de manejo de gado são requisitantes de apetrechos de couro como a bota, bolsas, cintos, selas, traíais para montaria, laços e piraim ou pirainho (nomes dados ao chicote na região).

O couro da onça e veado surge na utilização como tapete, mas os alunos que citaram essa utilização reconhecem que quem tem não gosta de exibi-lo, pelo motivo da legislação de crime ambiental. Segundo RENTAS (2001), as onças tiveram grandes demanda comercial no meio da década de 60, quando caçadores e traficantes tiravam mais de 15 mil peles da Amazônia brasileira a cada ano. Hoje em dia, apesar de o comércio documentado de felinos e suas partes serem mínimo, o comércio ilegal ainda é uma séria ameaça à sobrevivência das espécies, que também sofrem com a perda de habitat.

O couro de jacaré e cobras é citado em relação a artefatos de vestiário como botas, cintos e bolsas. Nas citações, os alunos afirmam que na região não há confecções para tais produtos, mas sim a comercialização legal. Segundo artigo veiculado em 19/04/11 pela TVU Universidade Federal do Mato Grosso, a criação de jacaré está movimentando a economia do Mato Grosso. Em Cáceres, no interior do estado, fica a primeira cooperativa da América Latina e a única com certificação nacional que produz a carne e outros derivados.

Alguns comentários relacionados a couro de animais da fauna silvestre.

“Alguns guardam o couro de jacaré como troféu, em respeito a quem caça o maior”

“já couro de onça pintada, mas nem posso falar onde”

“tinha um homem lá perto de minha casa que exibia um couro de jacaré de 4 metros”

“antigamente o couro de onça valia muito, hoje a turma mata o bicho e enterra com couro e tudo para não deixar rastro do crime”

Tabela 30 – Utilização de couro de animais na região, citados por alunos.

Etnoespécie	Nº de citações	Utilização
Cavalo	1	Pirainho
Cobra	9	Botas
Gado	25	Arreios, cintos, botas, chapéu, sela, roupas, traia de montaria, laço, piraim.
Jacaré	26	Botas, bolsas, cintos
Onça	11	Tapete
Ovelha	18	Lã, botas, pirainho
Porco	2	Torresmo
Veado	3	Tapete

5.2.3.6 Animais com uso Medicinal.

Segundo a Tabela 31, vinte alunos reconhecem a utilização de peçonha de serpentes na confecção de soro antiofídico, mas não souberam se há algum órgão ambiental da região que recolhe as cobras. O município não possui Corpo de Bombeiros para captura de serpentes peçonhentas. Conforme o relato de um aluno:

“sei que o remédio que cura a picada de uma cobra é feito do veneno dela mesmo, só que aqui o povo mata elas, não sei se tem algum lugar que pode entregá-las”

O fel da paca também é descrito por Rezende (2010) na utilização para tratamento de malária e proteção do fígado por indígenas Tupinambá de Olivença na Bahia.

O sebo do carneiro foi citado para tratamento de dores musculares por meio de massagens. Segundo alguns relatos de alunos o produto deve ser utilizado com ressalvas, pois pode levar a um choque térmico na musculatura se após sua aplicação o cidadão pegar um vento frio. Conforme Ferreira (2011), o sebo de carneiro é largamente empregado para curar reumatismo. Derretem e fazem fricções nas articulações na temperatura que o doente suportar.

A banha de galinha também foi citada no trabalho de Neto (2000) no tratamento de gripe em uma comunidade Afro-brasileira, tomando-se a gordura frita.

Tabela 31 – Utilização medicinal da fauna, citados por alunos.

Etnoespécie	Nº de citações	Utilização
Anta	1	Unha, para dor no estomago.
Paca	12	Fel, para dor nas costas e febre.
Cobra	20	Peçonha para soro.
Carneiro	10	Sebo para massagear os músculos, tirando dor, curar machucados, dor no peito quando está com gripe.
Porco	1	Banha para dor nas costas
Galinha	11	Banha ajuda combater efeitos da gripe, expectorante.
Capivara	6	Banha para bronquite ajuda a curar a doença amarelona em cavalos.
Abelha	2	Mel para tosse
Jacaré	3	Couro de Jacaré, para reumatismo.
Sucuri	1	Banha, para dor muscular.

5.2.3.7 Uso Artesanal.

Um percentual de 22.72% dos alunos citam a utilização faunística de modo artesanal. Conforme Tabela 32, o jacaré, onça e gado aparecem também com a utilização de seus couros no artesanato, sendo que as atividades relacionadas à fauna silvestre mesmo sendo reconhecida como proibida em lei, foram citadas de modo que a atividade não acontece em grande escala na região. Comentários:

“Os índios usam penas de aves para fazer enfeites”

“sou doido para ter um dente de onça para colocar na minha corrente, mas é difícil de achar, quem tem não vende e não dá”

“acho lindo aquele cocar dos índios”

“meu tio comprou um arco e flecha dos índios e levou para São Paulo, foi com medo de ser preso daqui até lá”

“tem gente que usa dentes dos bichos para colocar em pulseira e correntes”

“tenho um brinco de pena de loro, ganhei de uma índia”

“tem muito artesanato com os papagaios e araras, mas é difícil de encontrar porque é proibido”

Tabela 32 – Utilização artesanal da fauna regional.

Etnoespécie	Nº de citações	Utilização
Araras	12	Penas em brincos, chapéu.
Gado	12	Traia de cavalaria, chifre para taças, cuias.
Jacaré	2	Botas, dente para colares.
Onça	11	Dente em colares, tapetes couro para tapetes.
Papagaios	3	Penas em brincos

Na região os índios das etnias *Rikbaktsas*, Cinta Larga e *Enawenê-nawêtem* em suas culturas o hábito da arte plumária que além de utilizar penas de psitacídeos, tem outras aves como fonte de matéria prima (Figura 57). Conforme Brianezi (2004), a FUNAI proíbe uso de penas com decisão de presidência de fundação em maio de 2004, que impede a certificação de artesanato feito com subprodutos da fauna amazônica. Os índios não podem mais vender artesanato que contenha subprodutos de animais silvestres, como penas de araras, couro de jacaré, cascos de quelônios ou dentes de macaco.

Andrade (2004), Chefe da Divisão de Fauna do IBAMA, citado por Brianezi (2004), comenta que a venda de artesanato com produtos animal produzido por não índios já era proibida. É contra a Lei de Proteção à Fauna, de 1967, e a Lei de Crimes Ambientais, de 1998, que só permite que se usem produtos de animais criados em cativeiro.



Figura 57 - Cocar etnia indígena *Rikbaktsa* com penas da avifauna regional. Imagem capturada no Museu Salesiano Indígena em Juína MT, 2012.

5.2.3.8 Animais silvestres em cativeiro (xerimbabo).

As aves tiveram destaque com 67 citações para família dos psitacídeos. Apesar da proibição, a criação de aves silvestres na região é comum, onde os papagaios são denominados de loros pelos seus criadores. Em conversa com representante do IBAMA no município de Juína foi relatado que o órgão ainda não tem estrutura física para recepção de tais animais silvestres. No entanto foi alegado que ainda assim os criadores amadores são notificados para que façam uma entrega voluntária do animal. Não tendo a estrutura física, o IBAMA local faz uma documentação tutelar deixando que a ave fique sob a responsabilidade de seu “dono”.

Mamíferos e répteis foram citados em menor escala, sendo que comentários de alunos que fizeram tais citações apontam que essa prática é realizada em zona rural distante das cidades.

Tabela 33 – Animais silvestres domesticados (xerimbabos).

Etnoespécie	Nº de citações
Anta	5
Araras	22
Capivara	1
Jabuti	10
Jacamim	1
Jacaré	2
Lobete	1
Macaco	4
Mutum	1
Paca	1
Papagaio	7
Loro	22
Pássaros	3
Periquito	16

Imagens de animais que são criados de maneira doméstica foram cedidas nos momentos de entrevistas, demonstrando a criação de Psitacídeos nas figuras 60 e 62. Aves silvestres como o mutum cavalo (Figura 58) e jacamim de costas verde (figura 61) são criadas juntamente com as galinhas. A anta (Figura 59) e o jabuti (Figura 63) aparecem também como indivíduos domesticados.



Figura 58 - Mutum criado como animal doméstico. Imagem cedida por aluno, 2012.



Figura 59 – Aluno do campus, com seus 7 anos de idade em companhia de uma anta. Imagem cedida pelo aluno Roniel Lobo da Silva, 2012.



Figura 60 – Loro, papagaio silvestre de estimação. Imagem cedida por aluno, 2012.



Figura 61 - Jacamim criado como ave doméstica. Imagem cedida por aluno, 2012.



Figura 62 - Arara de estimação. Imagem cedida por aluno, 2012.



Figura 63 - Jabuti criado em casa de aluno. Imagem cedida por aluno, 2012.

5.2.3.9 De que animal (is) você mais gosta? = Filia.

A indicação de afetividade pode se espelhar nas relações homem – animal no que tange ao cotidiano de cada entrevistado.

Conforme Tabela 34, observa-se que as aves citadas têm um apelo na domesticação e na beleza de suas penas e cantos, conforme os relatos:

“adoro os papagaios e araras, são lindas, de muitas cores”

“tenho um passarinho em casa que quando canta alegre todo o ambiente”

“meu loro é tudo de bom, amo ele”

Os mamíferos são indicados pelo cachorro e gato, podendo citar as seguintes falas: *“o cachorro faz parte da minha família”*, *“não tem animal mais amigo e fiel que o cachorro”*, *“adoro os gatos, são fofos e meigos”*.

Mamíferos relacionados com a atividade pecuarista tiveram destaque também, como o cavalo, boi e vaca. Conforme comentário de uma aluna:

“quando estou na fazenda só penso em andar de cavalo, e como se tivesse em outro mundo”. Adoro os animais da fazenda, cavalo, boi, vaca, o cavalo é lindo e interessante; ajuda muito no trabalho do sítio; animal leal”.

Alguns mamíferos tiveram citações relacionadas à sua beleza, como é caso da onça, outros na domesticação como o hamster, coelho e porquinho da índia. Ainda há mamíferos que foram citados pelo paladar de sua carne como o tatu e cateto. Fala de um aluno:

“a carne de paca é deliciosa, hum.... com um arroizinho ainda”

Tabela 34 – Animais citados por alunos conforme afinidade.

Etnoespécie	Nº de citações
Aranha	1
Araras	2
Boi	8
Vacas	3
Cachorro	45
Cateto	1
Cavalo	32
Coelho	1
Coruja	1
Gato	22
Mula	2
Onça	6
Papagaios	1
Pássaros	2
Periquito	1
Porquinho da Índia	1
Hamister	1
Tartaruga	1
Tatu	1

5.2.3.10 De que animal (is) você tem medo?

Conforme Tabela 35, os animais peçonhentos tiveram destaque, como artrópodes e as serpentes venenosas. Motta et al (2010) relata que em trabalho realizado com crianças e adolescentes em Praia Grande nos estado de São Paulo, foi relatada a fobia por serpentes e aranhas e em menor escala de abelha, gato, lagartixa, morcego, piranha, polvo, sapo, escorpião, barata, cachorro, jacaré, onça, dentre outros animais. Motta et al (2010) ainda relaciona os dados obtidos com os hábitos de matar cobras, pelo motivo da fobia. Comentários de alunos:

“A cobra é animal muito perigoso”

“tenho medo de ser picado por uma jararaca”

“já fui picada quando tinha oito anos, quase morri, agora nem posso ver esse bicho”

“é um animal traiçoeiro, tinha uma jibóia na cozinha lá de casa, imagina, meu pai matou na hora porque dizem que o bafo e a mordida dela traz infecção”

Animais que se apresentam em histórias cotidianas da região, como a onça, jacaré e sucuri são citados juntamente com comentários negativos sobre suas relações com o homem. Alguns comentários:

“Sucuri é muito grande dizem que engole um boi, imagina então um homem”

“Jacaré, já fui atacada por um”

“Onça: já ouvi falar que ataca pessoas”

“dizem que as onças já comeram muito índios aqui na região”

“o jacaré pega sua presa e leva pro fundo da água, tenho medo dele”

“tem um riacho perto da minha casa que dizem viver uma sucuri lá de mais de sete metros”

Tabela 35– Animais representados por fobia de alunos entrevistados.

Etnoespécie	Nº de citações
Aranha	11
Barata	2
Cobras	43
Escorpião	16
Gato	1
Jacaré	1
Lacraia	6
Lagartos	1
Mandruvá	1
Marimbondo	1
Onça	22
Porco do Mato	3
Sapo	3
Sucuri	3
Tatu	1
Calango	1

5.2.3.11 Importância da proteção de animais silvestres.

Todos os alunos afirmaram que é importante a proteção dos animais silvestres, mesmo alguns destacando a prática da caça para alimentação e exterminação de animais peçonhentos. Conforme o relato do aluno que comentou que gosta da carne de paca:

“tem que preservar sim, mas o que está acabando com os bichos não é a caça para alimentar, mas sim o desmatamento, matar por matar sou contra, isso não”

Quando foi questionada a importância da fauna silvestre, o gráfico na figura 64 relata que 56.8% dos alunos não souberam dizer o porque é importante a preservação. No total, 43.2% elencaram a importância da fauna, conforme o gráfico abaixo.

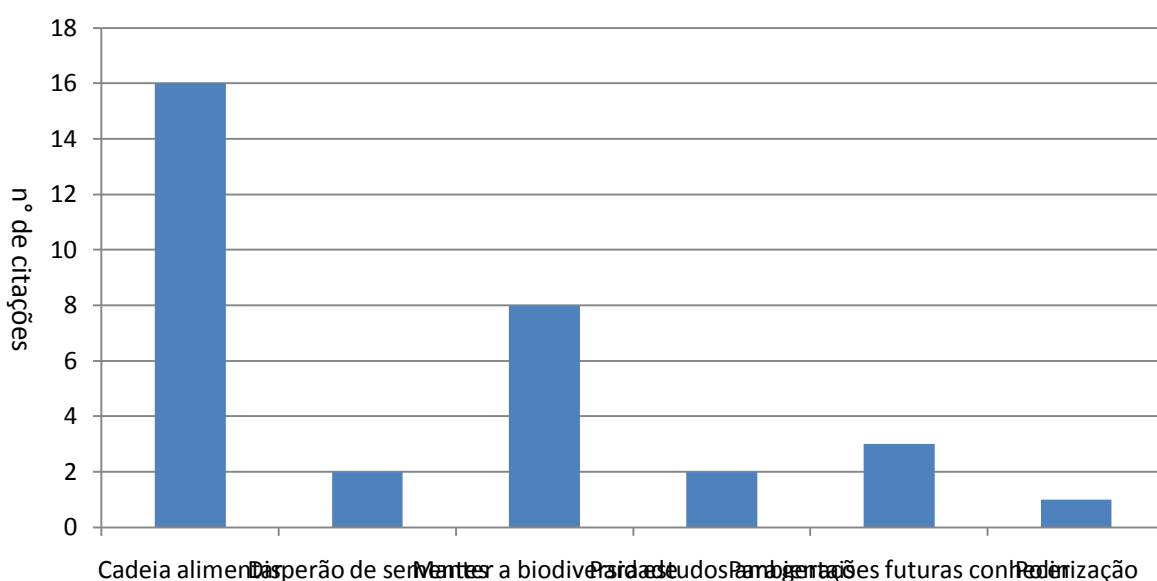


Figura 64 – Gráfico com importância da fauna silvestre citada por alunos.

Houve os seguintes comentários, em especial destaque para a cadeia alimentar:

“um precisa do outro, eles precisam da gente para sobreviver e nós temos que protegê-los”

“lá na roça não matamos a jibóia, ela come os ratos”

“todo mundo depende de todo mundo, os insetos fazem a polinização para nós”

“tem bicho que come as frutas e espalham as sementes das árvores com isso”.

“se não proteger hoje nossos filhos não vão conhecer”

“a biodiversidade é importante, se não fosse, não existia”

“acho que é para cadeia alimentar, tudo descontrola se sumir um bicho, né”

Houve um comentário com destaque para onça pintada:

“eu sei que matar onça pintada não é legal, mas tem que descobrir um meio para ela não comer o gado”

5.2.3.12 As leis que protegem os animais.

Do total de alunos, 38.6% disseram não conhecer e nunca ouvirem falar sobre a legislação que protege os animais. Somente 37.5% dos alunos disseram que conhecem a legislação, dentre esses alunos há aqueles que reconhecem que a lei existe, mas ainda não é suficiente, conforme o seguinte comentário:

“existe a lei, mas por aqui as coisas acontecem de forma normal, como se não existisse”

O percentual de 23.9% foi aquele em que disseram já ouviram falar ou conhecem bem pouco da legislação que protegem a fauna. Alguns comentários:

“sei que o IBAMA protege, mas não sei como funciona a lei”

“sei não, acho que quando a caça é para comer não tem problema, né”

“não conheço isso não, acho que agora que tá tendo essas leis”

“disseram-me esses dias atrás que não pode criar jabuti em casa, não sabia disso”

“o que eu sei é que as matas na beira dos rios não podem ser cortadas, lá é a casa dos bichos”

“onça pintada não pode matar não, isso todo mundo fala, dá até cadeia”

Os que citaram conhecer a legislação relataram a televisão, rádio, internet e escola como fontes de tal informação.

5.3 O Saber Etnozoológico e a Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso Campus Juína.

A relação intrínseca de moradores e alunos com a fauna da região é algo que não se pode deixar de lado quando se fala de educação nas áreas biológicas. Os resultados obtidos trouxeram à tona um verdadeiro laboratório de conhecimentos adquiridos na vivência cotidiana das pessoas que são nativas da região. Conhecimentos que afloram de interações nem sempre positivas, como é o caso de fobia por animais peçonhentos e a caça de onças pintadas. Constituindo saberes que podem ser atalhos para o ensino científico com enfoque ambiental, de uma forma lúdica, mais prazerosa e instigante.

De fato, a bagagem empírica regional dos alunos faz com que o educando recebido pelo IFMT-Juína traga consigo um aprendizado não tradicional da ciência da vida. Saber esse, estendido pela caracterização da relação com a biodiversidade destacada por eles mesmos e moradores do entorno do campus. Sem dúvida, o saber local e a biodiversidade regional pode propiciar ao professor das áreas biológicas uma facilitação no processo de ensino-aprendizagem de seus educandos.

É descrito por Morim (2009) a ruptura cultural que ocorre desde o século XVI separando as culturas das humanidades da cultura científica nos processos educacionais, enfatizando que a cultura científica se apresenta de uma maneira especializada com linguagem dificultada tanto para os cidadãos comuns como para especialistas de outras disciplinas. Já em 1934, Husserrl apud Morim (2009), comenta ainda que há um buraco negro nos dois tipos culturais que escondia o homem, que tem instrumentos maravilhosos para conhecer objetos, mas não tem nenhum artifício para conhecer a si mesmo.

Segundo Siqueira (2011), os estudantes, tendo seus saberes valorizados, aprendem e aprendem melhor os conceitos científicos das ciências, considerando no mesmo nível de apreciação dos saberes populares e locais com os científicos. Essa transposição didática ou didatização dos saberes etnobiológicos parte de cada estudante com a interferência metodológica do educador, com o apoio da comunidade escolar.

No entanto, o saber popular não deve se sobressair em relação ao científico, sendo que ambos são complementares na didática local e regional. Com isso, o educando pode se beneficiar no estabelecimento crítico de seu conhecimento cotidiano em sua percepção científica adquirida na educação tradicional. Conforme Morim (2009), a educação relacionada com a complexidade do saber se faz da necessidade da “relição” do conhecimento tradicional com o científico.

Nesta linha de pensamento, Siqueira (2012) comenta que a escola é um espaço multicultural e que tem, nesta perspectiva, o compromisso de aproveitar tais saberes ou culturas em seu currículo, em quaisquer atividades didático-pedagógicas desenvolvidas em seu interior. Siqueira (2011) afirma ainda que, quando educadores valorizam a cultura local, tais conhecimentos não se perdem em detrimento daquele considerado oficial, referindo-se ao currículo oficial, ditado por dispositivos legais, tais como PCNs e Livros didáticos elaborados em grandes centros do país, sem levar em conta as especificidades locais.

5.3.1 Organizando o conhecimento etnozoológico na sua complexidade.

O PCNEM + (2007) comenta que um tema central para a construção de uma visão de mundo é a percepção da dinâmica complexa da vida pelos alunos, a compreensão de que a vida é fruto de permanentes interações simultâneas entre muitos elementos, e de que as teorias em Biologia, como nas demais ciências, se constituem em modelos explicativos, construídos em determinados contextos sociais e culturais.

A relação do saber tradicional e o científico traz à tona uma rede interligada em teias, onde os alunos, IFMT-Juína e os moradores do entorno se integram em um emaranhado de relações em volta da fauna local. Podendo assim, representar em um mapa conceitual (Figura 66) a complexidade que interage sobre o tema, alvo de pesquisa, deste trabalho.

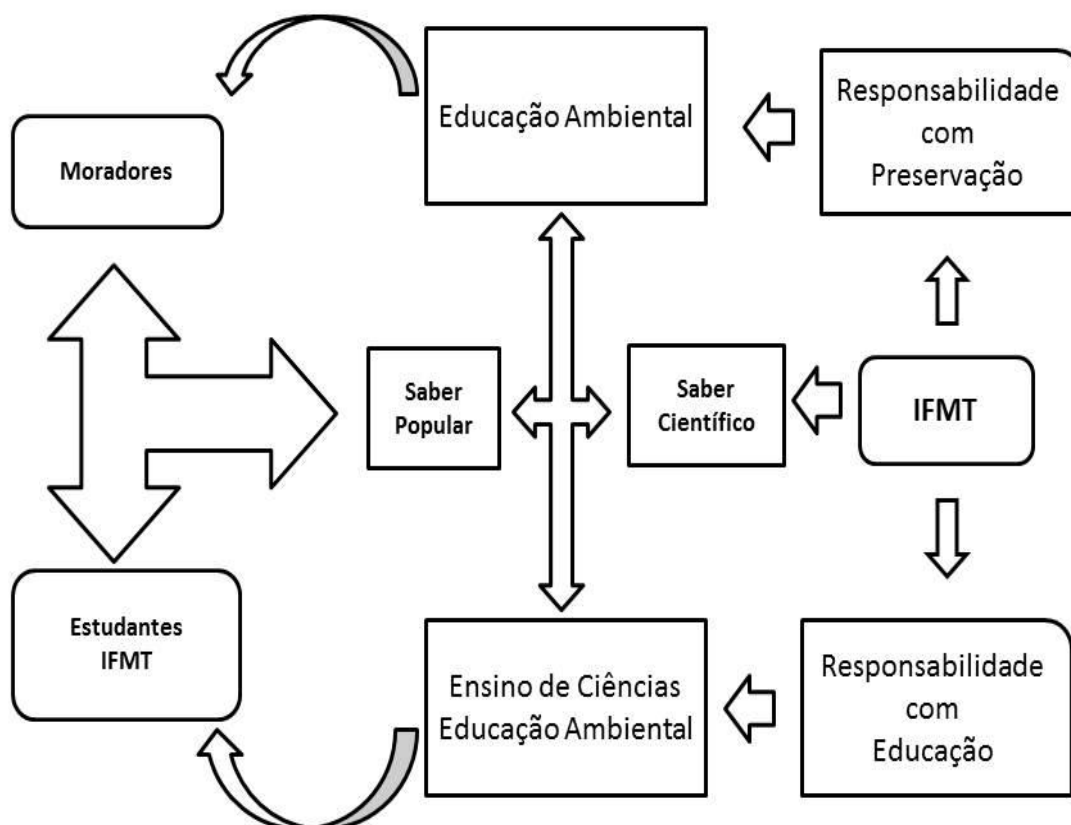


Figura 65 - Mapa Conceitual com teia de conhecimentos faunísticos inter-relacionada com o IFMT- Juína.

Os saberes Etnozoológicos apresentados pelos moradores do entorno do campus e alunos se entrelaçam em direção ao ensino científico das ciências biológicas e ambientais praticadas no IFMT-Juína.

Conforme os PCNEM (2000) o aprendizado deve contribuir não só para o conhecimento técnico, mas também para uma cultura mais ampla, desenvolvendo meios na interpretação de fatos naturais, a compreensão de procedimentos e equipamentos do cotidiano social e profissional, assim como para a articulação de uma visão do mundo natural e social. O PCNEM ainda afirma que muitas vezes, a vivência, tomada como ponto de partida, já se abre para questões gerais, por exemplo, quando através dos meios de comunicação os alunos são sensibilizados para a problemática ambiental global.

Na mesma linha de pensamento, o PCNEM+ (2007) comenta que falta no ensino de Biologia é tratar de questões essenciais como distribuição da vida na Terra, uso sustentável da biodiversidade, expansão das fronteiras agrícolas e desafios da sustentabilidade nacional.

Algumas indicações para o ensino de Biologia no PCNEM+ (2007) em seus Temas Estruturadores se relacionam ao pensamento complexo levantado pelo presente trabalho no intuito de inserção no ensino de Biologia. São:

- ✓ Interação entre os seres vivos.

Neste tema é proposto que os seres vivos e o meio constituem um conjunto reciprocamente dependente, sendo que o ser humano é, ao mesmo tempo, agente e paciente das transformações e possibilita dimensionar o significado dessas modificações para a evolução e permanência da vida no planeta.

Portanto, levantamentos etnobiológicos realizados dentro da escola em conjunto com alunos irá proporcionar um reconhecimento do perceptivo das interações da vida, tirando assim o educando da sala de aula para um conhecimento cultural nos moldes científicos dos livros didáticos. O campus é um verdadeiro laboratório de redes interligadas ao propósito da vida de relações harmônicas e desarmônicas. Interpretar as interações da fauna local numa simples dinâmica de observar um macaco se alimentando de milho retirado de uma plantação, destacando argumentos favoráveis ao natural ou a ira de produtores locais, pode ser uma forma atraente e instigante de aprendizado.

A estabilidade dos ecossistemas com a complexidade das interações estabelecidas entre os organismos das populações na natureza pode ser interpretada pela notável atuação da jibóia, de população rica na área, no controle de pequenos roedores possíveis transmissores de doença ao ser humano.

✓ Diversidade da vida.

Compreender a biodiversidade e sua distribuição. Enfatizando a percepção de desequilíbrios ambientais de interferência antrópica levando à perda de diversidade.

Neste tema pode-se relacionar o saber tradicional com o científico em relação à fauna no que se refere à etnotaxonomia e ataxonomia científica destacando a rica quantidade de etnoespécies populares da região. A distribuição geográfica das espécies partindo do princípio do conhecimento local, relacionando com a fauna de outros biomas, afirmando as características transitórias da região, de cerrado para floresta amazônica, trabalhando dentro de uma realidade local é uma proposta que soma aos saber local a realidade brasileira e planetária. A caça por subsistência alimentar e proteção agrária é ponto de partida para um debate sobre medidas de proteção ambiental, evitando extinção de espécies como a onça pintada e paca na região, podendo comparar argumentos em relação ao uso sustentável da biodiversidade na região e Brasil, trazendo também o desmatamento como fator de perda de biodiversidade. Aulas envolvendo a classe dos répteis e o filo artrópode pode ter início em conversas sobre a fobia de animais peçonhentos, tendo pesquisas na biblioteca e internet como suporte para esclarecimentos e orientações que auxiliam a vivência com esses animais da região.

A afinidade por animais além de levantar o apreço por espécies domésticas como o cão e o gato e animais de cunho pecuário, teve uma relação com o xerimbabo, criação de animais silvestres, onde os psitacídeos como os papagaios tiveram destaque. Uma discussão sobre a relação de diminuição de visualizações na natureza e tal atividade pode ser interessante no molde de Educação Ambiental.

6 CONCLUSÕES

Conclui-se que a necessidade da junção dos saberes populares aos científicos, no que se referem à relação homem-fauna, traz aprendizados múltiplos no espaço educacional. Assim, à partir do conhecimento do educando, se demonstra uma forma de contextualizar a realidade com os conhecimentos didático-científicos propostos por livros tradicionais na educação formalizada.

Uma rica diversidade de saberes locais sobre a fauna da região foi o que os resultados apresentados neste trabalho sinalizaram. Mesmo com concordância do público envolvido na pesquisa, de que a fauna é importante para o meio natural, os hábitos referentes à alimentação proveniente de caça de alguns integrantes da fauna silvestre local como a paca, anta, veado, tatu, cotia e jacaré, são relatados como fazeres comuns na região. Ainda é demonstrada na pesquisa a relação afetiva, que configura o xerimbabo ou criação doméstica, como o caso da família dos psitacídeos como araras, papagaios e periquitos, todos silvestres. Mas ao oposto da afetividade surgiu a interação negativa do homem do campo com a onça pintada, inimiga da produtividade pecuarista da região, onde mesmo sabendo da criminalidade o abate é relado pelos entrevistados. A fobia e aversão também são constituídas pelas serpentes, que se apresenta com a jibóia, entre outras, uma representante da classe que é vital para cadeia alimentar nas matas locais.

Há uma relação zooterápica envolvendo tanto animais domésticos como os silvestres, sugerindo conhecimentos populares no tratamento de pequenas enfermidades como dores musculares, reumatismos e gripe.

Alunos e moradores do entorno do IFMT- Juína reconhecem em sua maioria que alguns membros da fauna regional estão desaparecendo, apontando causas como a caça e desmatamento. São animais como a paca, anta, bicho preguiça e onça pintada entre outros.

Perante tais resultados é inegável que educandos chegam com conhecimentos empíricos sobre a fauna no espaço educacional. A junção do saber científico com o popular é que se vê como resgate educacional com caráter transdisciplinar.

Enfim, o trabalho realizado se mostrou uma importante ferramenta na investigação de meios didáticos para o ensino de ciências da instituição, construído em um catálogo, disponível para o público acadêmico, com as principais informações etnozoológicas do meio de inserção do IFMT- Juína. Tais informações poderão ser importantes na compreensão científica e didática local no que se refere a preservação ambiental.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campus Juína do Instituto Federal do Mato Grosso se demonstra peculiar com relação à questão da biodiversidade da região onde se insere. Conceitos teóricos nas áreas de ciências e biológicas ficam evidenciados nas práticas do cotidiano de vivência da comunidade acadêmica e moradores do entorno desta instituição de ensino.

Conforme alguns pensadores da educação como Paulo Freire e Edgar Morin, essa característica ecossistêmica de relações sociais humana/natureza é uma importante ferramenta de resgate da interação do buscar saber com a essência natural do viver. Transdisciplinaridade é o termo correto para impor imagens e conhecimentos do dia-dia em oposição do que é praticado na teoria de imagens e mensagens de nossos livros didáticos.

Neste contexto, o campus Juína se apresenta como aporte educacional, no que tange a biodiversidade, a nível da Rede Federal de ensino Técnico e Tecnológico. Podendo assim, se apresentar como estadia educacional da Rede Federal para tal situação.

Tem se visão de que os Institutos Federais espalhados por nosso país são carregados de uma multiculturalidade, representando em suas unidades a vasta diversidade de complexos culturais locais e regionais, sendo o campus Juína, com sua característica ambiental, um ponto desta “rede” educacional.

Tais características peculiares espalhadas pelos campi de todo território nacional podem ser maximizadas no ponto de vista transdisciplinar educacional, com um processo de mobilidade de alunos entre a “ teia desta rede cultural” que são os campi dos Institutos Federais.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCHAPAR, M. M. **CONTABILIDADE AMBIENTAL: GRAU DE DESENVOLVIMENTO EM JUÍNA-MT.** Monografia (Curso de graduação Ciências Contábeis). 44 p. Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena. Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena, 2009.

ALVES, R. R. N; SOUTO, W. M. S. **Etnozoologia no Brasil: estado atual e perspectivas.** Journal ID (nlm-ta): J Ethnobiol Ethnomed. Vol. 7. 2011. Disponível em: <<http://www.biomedsearch.com>>. Acesso em 15 de janeiro 2012.

ALVES, J. L. R; LEMES, D. P. **A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE GARIMPEIRA (DIAMANTE) PARA O DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE JUÍNA-MT (1970-1980).** Responsabilidade Socioambiental. XIV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão. 10 a 12 de dezembro de 2010, UNIFRA. Santa Maria R.S.

BARENHO, C. P; COPERTINO, M; CALLONI, H. **TRAÇANDO RELAÇÕES ENTRE O CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL E A TEORIA DA COMPLEXIDADE.** Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 20, janeiro a junho de 2008. UFRG.

BEGOSSI, A. **Ecologia Humana: Um Enfoque Das Relações Homem-Ambiente.** INTERCIENCIA 18(1): 121-132.1993. Disponível em: <http://www.interciencia.org/v18_03/art01/>. Acesso em 16 de janeiro 2012.

BEGOSSI, A; LOPES, P. M; SILVANO, R. **A Etnobiologia no Brasil.** Nuppea, Recife. 2010. Pg 69 a 94.

BERNARDE, P. S. **Anfíbios e Répteis. Introdução ao Estudo da Herpetofauna Brasileira.** Anolisbook, Curitiba, PR . 2012. 320 p.

BERNARDE, P.S; ALBUQUERQUE, S; BARROS, T.O. & TURCI, L.C.B. **Serpentes do estado de Rondônia, Brasil.** Biota Neotrop. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br/v12n3/en/abstract?inventory+bn00412032012>>. Acesso em 28 de dezembro de 2012.

BRASIL. **LEI Nº 9.605, DE 12 DE FEVEREIRO DE 1998. CAPÍTULO V DOS CRIMES CONTRA O MEIO AMBIENTE.**

_____. **LEI Nº 12.651, DE 25 DE MAIO DE 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa**

_____. **LEI No 10.172, DE 9 DE JANEIRO DE 2001, Plano Nacional de Educação.**

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para Ensino Médio. Parte III - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.** Secretaria de Educação Média e Tecnológica. 2000.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio +. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.** Secretaria de Educação Média e Tecnológica. 2007.

BRIANEZI, T. **Funai proíbe uso de penas.** 2004. A Crítica, Cidades, p. C7. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/en/noticias?id=34457>>. Acesso em 04 de janeiro, 2012.

BUCKUP, P.A.; MENEZES, N.A.; GHAZZI, M.S. **Catálogo das espécies de peixes de água doce do Brasil.** Rio de Janeiro, Museu Nacional. 2007. 195p.

CAMPOS, D. M.. **SOCIEDADE E NATUREZA: DA ETNOCIÊNCIA À ETNOGRAFIA DE SABERES E TÉCNICAS.** 2002. Disponível em: <<http://www.sulear.com.br/textos.html>>. Acesso em 10 de janeiro 2012.

CÂNDIDO, E, L. **Avifauna do IFMT Campus Juína: Uma proposta para Educação Ambiental.** Relatório PROIC – Programa de Iniciação Científica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT, 2010.

COSTA, M. A; COSTA, M. F. B. **Metodologia de Pesquisa Conceitos e Técnicas.** Rio de Janeiro. Interciência. 2009

EMBRAPA. **Monitoramento por Satélite.** 2005. Disponível em: <<http://www.qmdmt.cnpem.embrapa.br/73.htm>>. Acesso em 03 de novembro 2012.

FEARNSIDE, P. M. **DIAGNOSTICO CROCODILIANOS.** Disponível em: <philip.inpa.gov.br/.../DIAGNOSTICO%20CROCODILIANOS.pdf>. Acesso em 28 de dezembro de 2012.

FERREIRA, A. C. **As investigações da medicina tradicional de Giacometti e a Amazônia.** Ano Internacional da Química. Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, Fórum Landi – Universidade Federal do Pará. Cruz de Pau, Amora. Portugal, Outubro de 2011. Disponível em: <www.museudaciencia.org>. Acesso em 03 de janeiro, 2012.

FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e Seus Municípios. 19º ed.** Governo do Estado do Mato Grosso – Secretaria de Estado da Educação. 2001. 660 pg

FARACO, C. B. **INTERAÇÃO HUMANO – CÃO: O SOCIAL CONSTITUIDO PELA RELAÇÃO INTERESPÉCIE.** Tese (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Doutorado em Psicologia). 109p. Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

FRANCO, C; BRAGA, M. C; MELZ, L. J; TORRES, A. L. **Análise dos Custos de Produção na Pecuária de Corte em Juína/MT em pequenas, médias e grandes propriedades.** XVI Congresso Brasileiro de Custos – Fortaleza - Ceará, Brasil, 03 a 05 de novembro de 2009.

FREIRE, P. **PEGAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à pratica educativa.** Edt. Paz e Terra. Coleção Leitura. Rio de Janeiro. 1996. 147p.

_____. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO.** 17ª Ed. Edt. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1987.

FUNDAÇÃO JULIO CAMPOS. **Municípios de Mato Grosso**. Projeto Memória Viva. Parte 08, 1993.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em 28 de outubro de 2012.

GUIA GEOGRAFICO. Disponível em: <<http://www.mapas-brasil.com/mato-grosso.htm>>. Acesso em 01 de novembro, 2012.

HOOGESTEIJN, R. **Manual sobre os problemas de predação causados por onças pintadas e onças pardas em fazendas de gado**. Disponível em: <www.panthera.org/.../JaguarDepredationManualPORTUGUESE.pdf>. Acesso em 01 de janeiro de 2013.

IBGE. **História de Juína**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=510515#>>. Acesso em 01 de novembro, 2012.

IBGE TEEN. **A FAMÍLIA BRASILEIRA**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/familia.html>>. Acesso em 29 de outubro, 2012.

JUNIOR, P. C. B. **Caracterização do uso comercial e de subsistência da fauna silvestre no município de Abaetetuba, PA**. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Ciência Animal) 117p. Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Central e Universidade Federal Rural da Amazônia. Belém P.A,2006.

JURAS, I. A. G. M. **Biodiversidade Perdida: O desmatamento**. Conservação da Biodiversidade, Legislação e Políticas Públicas. Disponível em:<www.aslegis.org.br>. Acesso em 02 de janeiro de 2012.

WIKAVES. **A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>. Acesso em 23 de outubro, 2012.

WWF. Projeto 2012. **Desenvolvimento Sustentável no Noroeste do Mato Grosso**. Brasília. D.F. 2012. 101p.

MACEDO, R. L. G. **Percepção e conscientização ambientais**. UFLA/FAEPE, 2001. 132p.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M.. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. Edt. Atlas. São Paulo. 2010.

MESQUITA, R; DUARTE, F. **Dicionário de Psicologia**. Edt. Plátano. 1ª ed. 1996. 272p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 003, DE 26 DE MAIO DE 2003**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/179/_arquivos/179_05122008034002.pdf>. Acesso em 29 de agosto, 2013.

MORIM, E. **EDUCAÇÃO E COMPLEXIDADE: Os Sete Saberes e outros ensaios**. 5ªed. Edt Cortez. Trad. Edgard A. Carvalho. São Paulo, 2009.

_____. **A CABEÇA BEM FEITA. Repensar a reforma, Reformar o pensamento**. 8º Ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2003.

MOTTA, M. C; LEONELLI, P. F. A; BRATS, D. **Zoofobia entre crianças e adolescentes e sua relação com a conservação da fauna silvestre nativa**. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP CAMPUS GUARUJÁ, 2010.

MOURA, F. B. P; MARQUES, J. G. W. **ZOOTERAPIA POPULAR NA CHAPADA DIAMANTINA: UMA MEDICINA INCIDENTAL?** Ciência e Saúde, dezembro. Vol.13, Suplemento 2. Associação Brasileira de Pós- Graduação em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. Brasil. 2008.

NETO, E. M. C. **Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira. Resultados preliminares**. 2000. Interciencia, diciembre, ano/vol. 25, N° 009. Asociación Interciencia. Caracas, Venezuela. Pp. 423 – 431.

NETO, V. J. **FRONTEIRAS DA CRENÇA. Ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970**. Ed. UFMT. Cuiabá. 2007. 241 pg

NOVAIS, A. M; et al. **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MATO GROSSO**. IFMT - Juína, 2010.

OLIVEIRA, M. **Bacias Hidrográficas Brasileiras**. 2010. Disponível em: <<http://olivergeo.blogspot.com.br/2010/09/bacias-hidrograficas-brasileiras.html>>. Acesso em: 08 de setembro de 2012.

PEDERSOLI, T. F. **ETNOZOOLOGIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: unindo os saberes para a aprendizagem**. UFPE. Disponível em: <http://www.ufpe.br/cead/concursosmonografias/documentos/tatiana_%20de_%20faria%20.pdf>. Acesso em 01 de julho, 2012.

PIZZATO, L. **Série Leis de Crimes Ambientais IV – Caçar sem autorização além de deixar de ser crime inafiançável, também limitou sua tipificação**. 2005. Disponível em:<<http://noticias.ambientebrasil.com.br/exclusivas/2005/08/03/20287-serie-lei-de-crimes-ambientaisbriv-cacar-sem-autorizacao-alem-de-deixar-de-ser-crime-inafiancavel-tambem-limitou-sua-tipificacao.html>>. Acesso em 12 de dezembro, 2012.

PORTAL DO PANTANAL. **Queixada**. Disponível em: <<http://www.portalpantanal.com.br/animaisdafauna/55-ungulados/133-queixada.html>>. Acesso em 18 de novembro, 2012.

REIS, N. R; PERACCHI, A. L; PEDRO, W. A; EDS, I.P.L. **MAMÍFEROS DO BRASIL**. 2º Ed. Edt do autor. 2011. Londrina. 439p.

RENTAS. **1ª Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre**. 2001. Disponível em: <<http://www.rentas.org.br/pt/trafico/default.asp>>. Acesso em 03 de janeiro de 2012.

RESENDE, J. P; SCHIAVETTI, A. **Conhecimento e usos da fauna cinegética pelos moradores indígenas “Tupinambá de Oliveira” (Bahia).** *Biota Neotrop.* 2010, 10(1): 175-183. Disponível em:

<<http://www.biotaneotropica.org.br/v10n1/pt/abstract?article+bn03210012010>>. Acesso em 03 de janeiro de 2013.

RIBEIRO, C. M. X. **COMUNIDADE DE NINFALÍDEOS DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE IQUÊ JUINA – MT.** Dissertação (Programa de Pós- Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais). 124p. Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT, 2009.

SANTOS, M. Q. C; OLIVEIRA, A. T; LEMOS, J. R. G; SILVA, M. G; DIAS, M. T; MARCON, J. L. **Características hematológicas do Jacaré – Açú (*Melanosuchus niger*) da bacia do Rio Negro, Amazonas, Brasil.** 62ª Reunião Anual SBPC. 2012.

SEGER, K. R; SANTOS, I. M. C; SOLÉ, M; SCHIAVETTI, A. **Etnoecologia de Anfíbios na comunidade do Revis de Una – BA.**X Congresso de Ecologia do Brasil, 16 a 22 de Setembro de 2011, São Lourenço – MG.

SEVERINO, A.J. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO.** 23º ed, rev. Atual. São Paulo: Cortez 2007.

SILVA, A. L. **Animais Medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Vol. Nº03. Belém. 2008.

SILVA, D. C. F. **RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL: O CASO DO SETOR MADEIREIRO DE JUÍNA – MT.** Monografia (Curso de graduação Ciências Contábeis). 44 p. Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena. Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena, 2010.

SILVA, M. G. **Avaliação da interação da fauna com a vegetação em área proposta para manejo florestal: Um estudo de caso na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT.** Monografia (Curso de graduação em Engenharia Florestal). 70 p. Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. Cuiabá M.T. 2006.

SIQUEIRA, A. B. **Aproximações da Etnobiologia com a educação básica.** 2011. Disponível em: <www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/.../0052.pdf>. Acesso em 06 de janeiro, 2013.

_____. **Etnobiologia como ferramenta no ensino de Ciências.** Anais do IV Simpósio sobre Formação de Professores – SIMFOP Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus de Tubarão. Tubarão, de 7 a 11 de maio de 2012.

SOUZA, H. S. **Os aracnídeos (Arachnida: Araneae, Scorpiones) na comunidade quilombola de Mesquita, Goiás: um estudo de caso sobre Etnobiologia.** Disponível em: <<http://www.academicoo.com/artigo/os-aracnideos-arachnida-araneae-scorpiones-na-comunidade-quilombola-de-mesquita-goias-um-estudo-de-caso-sobre-etnobiologia>>. Acesso em 02 de janeiro de 2013.

TERRA, A. K; RABÊLO, G. H. **O USO DA FAUNA PELOS MORADORES DA COMUNIDADE SÃO JOÃO E COLÔNIA CENTRAL.** Edt. INPA. Cap. 10. Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central. Manaus. 2005.

TRINCA, C. T; FERRARI, S. F. **Caça em assentamento rural na Amazônia Mato-Grossense.** Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. II Encontro da ANPPAS, 26 a 29 de maio de 2004. Indaiatuba. São Paulo – Brasil.

TVU, UFMT. **O comércio de carne de jacaré no Mato Grosso.** Veiculado em 19/04/11. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/tvu/galeria/index/0/22/140>>. Acesso em 03 de janeiro, 2012.

ZERWES, L. C; SCHWENK, L. M. **Desmatamento em Mato Grosso: Uma Análise do Processo no Município de Brasnorte em 2009.** Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, Curitiba, PR, Brasil, 30 de abril a 05 de maio de 2011, INPE p.8536

9 ANEXOS

Anexo A.

Roteiro de perguntas aplicadas em bate papo com moradores do entorno do IFMT Juína e alunos do primeiro ano do curso de Técnico em Agropecuária.

PARA MORADORES

Nome:

Idade:

Estado de origem:

Escolaridade:

Comunidade da residência?

Quanto tempo reside no local?

A propriedade é própria, alugada, emprestada ou arrendada?

Que atividade exerce atualmente?

Quantas pessoas moram na residência/propriedade?

Existe cultivo de plantas ou criações de animais na propriedade? Quais?

-animais:

-plantações:

Qual o uso?

Existe mata ou rio na propriedade?

Conhece o IF Juína, já entrou no instituto?

Sabe o que o IF Juína faz?

Qual a sua opinião sobre o IF Juína?

Questões sobre a fauna da região

Primeira questão: Que animais existem aqui que você conhece?

-Domésticos:

-Do mato:

Segunda questão: Você acha que tem alguns animais da região sumindo? Você sabe por quê?

Terceira questão: Quais animais da região as pessoas daqui utilizam para:

Alimentar:

-domestico

-do mato

Animais utilizados no uso do couro, pêlo e pele, se souber, comentem para que:

Animais utilizados no uso medicinal, fazer remédios caseiros, se souber, comente para que:

Animais utilizado no uso artesanal, para fazer artesanatos:

Animais utilizados no uso de atividades místicas ou religiosas:

Animais utilizados no uso de enfeite:

Animais utilizados na Criação de animais silvestres, do mato, como animal de estimação.

Quarta questão:

De que animal (is) vc mais gosta? Por quê?

De que animal (is) vc tem medo? Por quê?

Quinta questão

Você acha importante a proteção a vida silvestre?

Qual é a importância da vida silvestre para o homem? Se não souber, não responda!

Sexta questão

Conhece ou já ouviu falar sobre as leis ambientais que protegem os animais? Onde ouviu?

PARA ALNUNOS

Identificação do entrevistado

Nome:

Sexo:

Idade:

Estado de origem:

Curso:

Local da residência?

Quanto tempo reside em Juína?

A família tem propriedade rural? Própria ou alugada? Existe cultivo de plantas ou criações de animais na propriedade? Quais? Qual o uso? Existe mata ou rio na propriedade?

Quantas pessoas moram na residência/propriedade?

Qual a sua opinião sobre o IF Juína?

Conhecimento Etnozoológico

Primeira questão: Que animais da região que você conhece?

-domestico

-silvestre

Segunda questão: Que animais você acha que esta desaparecendo ou diminuindo a quantidade na região? Se você sabe o por quê, comente!

Terceira questão: Que animais você já viu no IFMT – Juína e seu entorno? Comentários sobre as visualizações!

Quarta questão: Quais animais do mato e domésticos as pessoas da região utilizam para:

-Alimentar:

-Uso do couro, pêlo e pele:

-Uso medicinal:

-Uso artesanal:

-Atividades místicas religiosas:

-Enfeie:

-Xerimbabo: criação de animais silvestres como animal de estimação.

Quinta questão:

De que animal (is) você mais gosta? = Filia

De que animal (is) você tem medo? = Fobia

Sexta questão. Você acha importe a proteção à vida silvestre?Qual é a importância da vida silvestre para o homem?

Sétima questão: Conhece a as leis ambientais que protegem os animais?

Anexo B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: ETNOZOOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MATO GROSSO CAMPUS JUÍNA – BIODIVERSIDADE IN LOCO.

Pesquisador Responsável: Prof. Nedda Garcia Rosa. UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Email: neddagr@gmail.com

Pesquisador participante: Prof. Edilson Luiz Cândido. IFMT- Campus Juína

Telefones para contato: 66 – 81221563

Email: edilson.candido@jna.ifmt.edu.br

O objetivo desta pesquisa é levantar dados sobre a fauna da região ao entorno do IFMT-Juína. Trata-se de um estudo de caso, com coleta de informações sobre a relação entre fauna e moradores. Serão levantados o máximo possível de informações sobre animais da região, no intuito de elaboração de material didático para o ensino de ciências no IFMT- Campus Juína. Não há nenhum risco, prejuízo, desconforto que podem ser provocados pela pesquisa. Tendo assim, a garantia do anonimato do participante na pesquisa, com garantia de sigilo e direito de retirar o consentimento a qualquer tempo.

Eu, _____, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador _____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local e data _____/_____/_____/_____/_____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MATO GROSSO
Campos Juína

"É espantoso que um homem possa ser
tão mau a ponto de quebrar um galho da árvore
depois de lhe comer os frutos." Buda (século V a.C.)

CATÁLOGO ETNOZOOLOGICO IFMT CAMPUS JUÍNA

PROF. EDILSON LUIZ CÂNDIDO
2013

Apresentação

O presente catálogo é fruto de observações e fotografias faunísticas realizadas dentro da área do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso, Campus Juína. Esta instituição de ensino ocupa uma região de transição entre o bioma cerrado e amazônico, na zona rural do município de Juína, a 5 km do centro da cidade. Esta área é composta por diferentes paisagens ecossistêmicas, passando por uma densa vegetação ciliar que segue o curso d'água do Rio Perdido, e uma mata de terra firme que circunda o campo de futebol próximo aos prédios administrativo e educacional. Por todo o campus pode-se observar a biodiversidade local, tanto da flora como da fauna.

A riqueza silvestre encontrada nesta área e em seu entorno implica numa grande responsabilidade desta Instituição de Ensino Federal para com a preservação e sustentabilidade ambiental local. Nesse sentido, conhecer o acervo natural do Campus é fundamental, e por isso, como parte da pesquisa de minha dissertação de mestrado, foi realizado este primeiro levantamento e registro da biodiversidade encontrada dentro do IFMT- Campus Juína.

As imagens de animais estão organizadas em ordem alfabética para facilitar a procura no sumário, fazendo com que o leitor inicie sua leitura de acordo com seu conhecimento etnozoológico em relação aos nomes comuns da fauna local.

Esperamos que no futuro, este catálogo possa ser ampliado, e que a comunidade possa perceber o valor, a beleza e a importância de um bem natural dessa magnitude.

*Prof. Edilson Luiz Cândido
Juína, Fevereiro de 2013*

Sumário

Acauã	123
Anu; anu preto.	123
Araçari; tucaninho; araçari miudinho de bico riscado.	124
Aranha caranguejeira; tarântula.	124
Arara canindé; arara azul e amarela.	125
Araracanga, arara vermelha.	125
Ariramba; ariramba da cauda ruiva.	126
Bicho preguiça; preguiça real e preguiça.	126
Biguatinga; biguá.	127
Borboleta.	127
Bugio; guariba; guariba vermelho.	128
Calango; lagarto.	128
Caninana; papa pinto; papa ovo.	129
Capivara.	129
Caranguejo de água doce.	130
Cardeal da amazônia.	130
Chora chuva preto.	131
Cobra verde; cobra cipó.	131
Coruja buraqueira.	132
Cuxiú; cuxiú de nariz branco.	132
Frango d'água; frango d'água pequeno.	133
Garça vaqueira.	133
Gavião caramujeiro.	134
Gavião carijó.	134
Inhambu-chintã.	135
Irerê; marreca; paturi.	135
Jabuti tinga; jabuti.	136
Jacu; jacu de spix.	136
Jararaca.	137
Jibóia.	137
Libélula.	138
Lontra; ariranha.	138
Loro; papagaio; papagaio campeiro.	139
Macaco barrigudo.	139
Macaco prego; macaquinho.	140
Macaco-aranha Aranha;; coatá.	140
Macaco-de-cheiro; mão-de-ouro; macaco amarelo.	141
Maitaca da cabeça azul.	141
Maracanã; maracanã verdadeira; papagaio.	142
Martim pescador; martim pescador grande.	142
Mico; sagui de rabo preto; sagui marrom.	143
Muçurana.	143
Pato do mato.	144
Periquito; periquito de encontro amarelo.	144
Quero-quero.	145
Quiriquiri; gaviãozinho.	145
Sapo cururu.	146

Sapo; sapo cururu.	146
Socó; socó boi.	147
Tatu; tatu-peba.	147
Tucaninho; araçari e araçari castanho.	148
Zogue-zogue.	148
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	149



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: acauã

Nome Científico: *Herpetotheres cachinnans*

Este falcão alimenta-se de lagartos, morcegos e cobras, das quais se tornou famoso exterminador, apesar de caçar principalmente espécies inofensivas, como a cobra-cipó. É comum nas bordas das matas do campus, visualizados comumente em galhos da parte mais alta das árvores, sempre a espreita de sua presa.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: anu; anu preto

Nome científico: *Crotophaga ani*

É comum observar esta ave em caça de pequenas presas dentro do campus, como insetos, de uma forma bem curiosa. Eles atuam em bando fazendo uma varredura e às vezes fechando em círculos grandes áreas de gramado, desta forma a presa não tem escapatória.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: araçari e tucano; araçari castanho

Nome científico: *Pteroglossus castanotis*

Ave que sempre é vista em bando nas margens das matas do campus. Da família Ramphastidae, que são aves que apresentam enormes bicos, e chamado de tucano e araçari na região. Alimentam-se principalmente de frutos, o que os coloca como grandes dispersores de sementes e, algumas vezes, de flores e também de insetos e filhotes de outras aves, além de ovos.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: aranha caranguejeira; tarântula

Taxonomia científica: Artrópode da Família Theraphosidae

Esta aranha é comum na região, aparecendo em grande quantidade na época das chuvas, que se inicia no mês de setembro e termina em março. Apesar de se apresentarem de uma forma assustadora por motivo de seu tamanho (5 a 15 cm), as aranhas caranguejeiras brasileiras não estão na lista de aranhas ameaçadoras para o homem. Deve-se ter cuidado ao aborda-las, pelo motivo de lançarem pelos urticantes que podem irritar a pele e mucosas. No campus é comum encontra-las em todos ambientes, desde o ginásio até as salas dos prédios.



Imagem IFMT-Juína 2012.

Nome comum: arara canindé; arara azul e amarela

Nome científico: *Ara ararauna*

Ave de fácil visualização na região, sendo apreciada por sua beleza nas cores e para criação doméstica (que é proibido por lei). É vista no campus Juína sempre em casais, a mata atrás do refeitório é uma área de reprodução desta ave.

Índios da região utilizam suas penas de forma cultural na arte plumária para confecção de seus artefatos culturais como o cocar e arco e flecha.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: araracanga, arara vermelha.

Nome Científico: *Ara macao*

Essa arara é comumente confundida com a arara vermelha grande (*Ara chloropterus*), diferenciando-se principalmente pela listra de penas amarelas na asa. Nas plantações de Teca (*Tectona grandis*), as araracangas se tornam uma atração dentro do campus, quando são atraídas pelos frutos produzidos entre o mês de fevereiro a março.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: ariramba; ariramba da cauda ruiva

Nome Científico: *Galbula ruficauda* (macho)

Esta ave é vista nas bordas das matas, mas com certa dificuldade, pois sua coloração verde se camufla com o ambiente, enganando até bons olhos. Fica parada em uma posição só, até que tenha certeza de um ataque fatal a um inseto voador.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: bicho preguiça; preguiça real e preguiça.

Nome científico: *Choloepus didactylus*

É um mamífero que habita as matas do entorno do campus e a mata do campo de futebol. Não tem o costume de se locomover em solo, pois se locomove lentamente, tornando presa fácil de predadores. A preguiça real se diferencia de outras preguiças brasileiras pelo motivo de ter a face esbranquiçada e somente dois dedos nas mãos, outras espécies apresentam três dedos.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: biguatinga; biguá

Nome Científico: *Anhinga anhinga*

Uma ave com aptidão a natação, costuma deixar apenas a cabeça e o pescoço fora d'água, parecendo uma cobra. Voa e plana bem, apesar de ter certa dificuldade para levantar vôo a partir da água. Alimenta-se principalmente de peixes, o qual captura em mergulho. Ave aquática que compõe a comunidade de seres vivos da represa do campus.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: borboleta

Taxonomia científica: Inseto da ordem Lepdoptera

As borboletas são insetos comuns na área do campus. Devido sua sensibilidade relacionada a cadeia alimentar é alvo de interesses em pesquisas científicas no que tange a indicação ambiental, pois sua presença ou não pode estar relacionada com a preservação ambiental de uma determinada localidade.

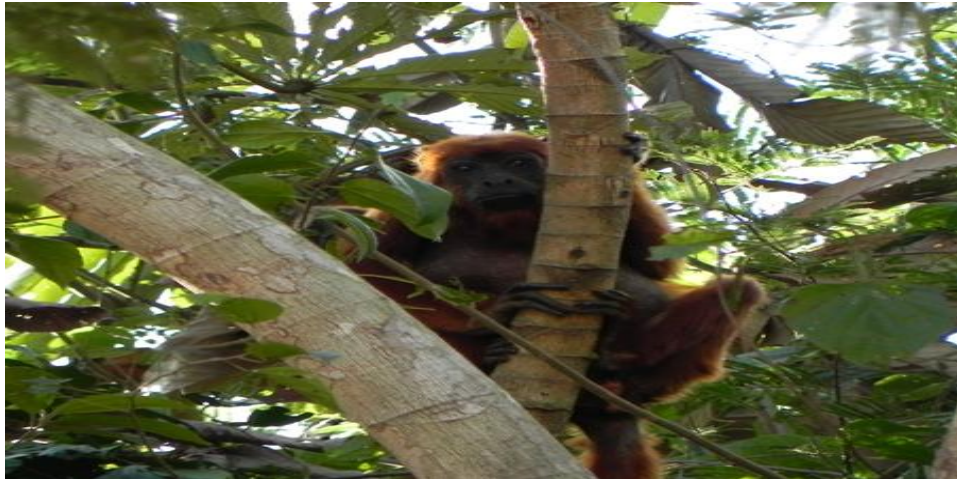


Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: bugio; guariba; guariba vermelho

Nome científico: *Alouatta seniculus*

Junto com o macaco prego, o bugio está entre os primatas mais vistos na área do campus. É possível avista-lo e escutar seu rugido no início da manhã próximo à mata do campo de futebol. No final do ano de 2012 este animal foi foco de atenção entre servidores e alunos da escola em um episódio que um indivíduo adulto sofreu uma descarga elétrica na rede de energia do campus. Infelizmente o macaco chegou ao óbito cerca de uma semana depois de ser socorrido e encaminhado para o IBAMA local.



Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: calango; lagarto

Taxonomia científica: Réptil da Ordem Squamata

Em todos ambientes do campus pode-se encontrar indivíduos desta ordem. O calango da imagem demonstra a interação ecológica através da camuflagem, sendo comum avistá-los somente quando estão em locomoção .



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: caninana; papa pinto; papa ovo.

Taxonomia científica: Réptil da Família Colubridae

Essa cobra não está na lista das peçonhentas, sendo que o seu nome popular está relacionada com sua dieta que também incluem ovos e pintos. Uma serpente de médio a grande porte, podendo chegar a três metros de comprimento. Foi vista próxima ao portão de entrada do campus e área desmatada atrás da suinocultura, sendo um animal difícil de fotografar, pois mesmo com tamanho avantajado exibe agilidade em sua locomoção.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: capivara.

Nome científico: *Hydrochoerus hydrochaeris*

É um mamífero comum na região. Apreciado nas refeições cotidianas, sofre pressão pelas caças. Os ossos do crânio são utilizados com fins medicinais no tratamento de reumatismo, que também é tratada com sua banha. Está entre os animais que buscam alimentação em roças de milho e outras culturas na área do campus e comunidades do entorno.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: caranguejo de água doce

Nome científico: Artrópode da Subfamília Trichodactylidae

Este crustáceo é visto em áreas próximas a represa e o Rio Perdido. São indivíduos que vivem as margens e barrancos do rio e da represa.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: cardeal da amazônia

Nome Científico: *Paroaria gularis*

Vive aos pares ou em pequenos grupos familiares, frequentemente voando baixo sobre a água ou pousado em troncos de árvores mortas. Esse pássaro é encontrado na vegetação das margens da represa. A cor vermelha da região cefálica é de um tom chamativo, onde se destaca facilmente entre o verde da vegetação.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: chora chuva preto

Nome Científico: *Monasa nigrifrons*

Uma ave com belo canto ao entardecer, e após chuvas quando a luz solar volta a ser majestosa. De fácil visualização nas bordas das matas do campus e vegetação ciliar da represa.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: cobra verde; cobra cipó

Nome científico: *philodryas olfersii*

Esta cobra geralmente é dada como não peçonhenta, mas a literatura científica relata que a serpente é perigosa, contendo um forte veneno em dentição localizada na região posterior de sua boca. O indivíduo da imagem estava em uma porta da sala dos professores na área central do campus.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: coruja buraqueira

Nome Científico: *Athene cunicularia*

Esta ave alimenta-se principalmente de insetos, mas pode caçar pequenos roedores, répteis, anfíbios e até pássaros pequenos. É comum vê-la próximo a postes de luz dentro do campus durante a noite, fica a espreita de insetos que são atraídos pela luminosidade promovida pelas lâmpadas.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: cuxiú; cuxiú de nariz branco.

Nome científico: *Chiropotes albinasus*

Primata que está na lista da fauna brasileira ameaçada, de acordo com a Lista Oficial da Fauna Ameaçada de Extinção - IBAMA (Portaria nº 1522, de 19 de Dezembro de 1989). Já foi visto bandos de cerca de 15 indivíduos na mata que margeia o Rio Perdido dentro da área da escola. Alunos do alojamento masculino também tiveram visualizações em mata atrás daquele prédio.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome científico: frango d'água; frango d'água pequeno.

Nome Científico: *Porphyrio flavirostris*

Esta ave é encontra em vegetações que flutuam nas margens da represa do campus. Sua locomoção é rápida neste ambiente, às vezes somente se vê a movimentação da vegetação. Alimenta-se de sementes e artrópodes.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: garça vaqueira

Nome Científico: *Bubulcus ibis*

É uma espécie exótica de ave, vinda do continente africano e adaptada bem ao continente americano. Aparentemente não causou danos desastrosos na cadeia alimentar. Caça seu alimento longe da água. É uma garça insetívora, principalmente dos insetos espantados pelos animais pastadores, essa garça tem também uma fonte de alimentação nas moscas do dorso destes animais. É vista na região junto à atividade pecuarista bovina.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: gavião caramujeiro

Nome científico: *Rostrhamus sociabilis*(jovem)

Este gavião alimenta-se quase exclusivamente de grandes caramujos aquáticos, utilizando o bico curvo para retirar as partes moles dos caramujos, deixando cair a casca vazia, por este hábito alimentar sempre é visto nas proximidades da represa do campus.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: gavião carijó

Nome Científico: *Rupornis magnirostris*

Este gavião é o terror dos galinheiros! Como toda ave de rapina tem um papel indispensável no equilíbrio da fauna como reguladores da seleção. Evitam uma superpopulação de roedores e aves pequenas, além de eliminar indivíduos defeituosos e doentes. É o gavião mais comum do campus.



Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: inhambu-chintã

Nome científico: *Crypturellus tataupa*

O inhambu-chintã foi imortalizado na composição de Athos Campos e Serrinha, nas vozes de Tônico e Tinoco. Dando inspiração e origem ao nome da dupla Chitãozinho e Xororó: “É o inhambu-chintã e o xororó”. Seu canto pode ser escutado ao amanhecer próximo ao prédio administrativo do campus. O indivíduo da imagem foi visto no alojamento feminino quando ficou preso em um quarto, sendo que depois de capturado foi solto em seu habitat natural.



Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: irerê; marreca; paturi

Nome Científico: *Dendrocygna viduata*

Assim como outros marrecos alimenta-se basicamente de plantas submersas e gramíneas nas margens dos lagos, mas também come invertebrados aquáticos, pequenos peixes e girinos. Habitante da represa do campus.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: jabuti tinga; jabuti.

Nome científico: *Chelonoidis denticulata*

No Brasil há duas espécies de jabuti, o tinga da região amazônica e o piranga no restante do país. Este quelônio é um habitante das matas da região, sendo que às vezes se apresenta nas proximidades dos prédios de sala de aula e refeitório do campus, causando um alvoroço entre alunos, que querem vê-lo de perto. É relatada a domesticação deste réptil na região com o intuito de xerimbabo (estimação).



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: jacu; jacu de spix

Nome Científico: *Penelope jacquacu*

Esta ave da família galliforme habita a vegetação ciliar do Rio Perdido, podendo ser vista nas bordas das matas atrás do refeitório e alojamento masculino. Sofre pressão antrópica devido à caça, sendo uma fonte tradicional de proteína para comunidades indígenas e camponesas.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: jararaca

Taxonomia científica: Réptil do gênero *Bothrops sp*

É a serpente peçonhenta com maior visualização na área da escola. Já foi vista em quartos de alojamentos e salas do prédio administrativo. Um animal que requer atenção, pois o maior nº de acidentes ofídicos da região está relacionada com este indivíduo. Andar sempre com atenção onde se pisa não é um conselho a se desprezar em se tratando de um encontro com esta cobra.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: jibóia

Nome científico: *Boa constrictor*

É uma serpente não venenosa. Talvez seja a serpente mais comum dentro da área do IFMT Juína, isso pelo nº de visualizações de indivíduos adultos e filhotes. Sofre uma pressão antrópica na região pelo fato de desconhecimento de sua forma não peçonhenta e também por ser uma cobra que se alimenta de pequenos animais domésticos, como as galinhas caipiras.



Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: libélula

Taxonomia científica: Inseto da ordem Odonata

Vivendo próximas a regiões de água limpa, local onde vivem no estágio larval, podem ser consideradas bioindicadoras da qualidade ambiental. Próximo a espelhos d'água do campus como o Rio Perdido e a represa, as libélulas são representadas por varias espécies, o que pode indicar a preservação destes ambientes aquáticos na área do instituto e a seu entorno.



Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: lontra; ariranha

Nome científico: *Lontra longicaudis*

Este mamífero da ordem dos carnívoros fica a espreita de peixes no período de piracema em uma pequena cachoeira da vazante da represa do campus. O animal é ligeiro e fica submerso na água quando avista o perigo chegar.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: loro; papagaio; papagaio campeiro

Nome Científico: *Amazona ochrocephala*

Este psitacídeo é uma das aves mais apreciadas da família para domesticação na região. No campus se alimenta das frutas que são produzidas no pomar. Vive em bandos de tamanhos variáveis, podendo reunir-se, para descansar, em grandes grupos de indivíduos.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: macaco barrigudo

Nome científico: *Lagothrix lagotrichia*

Este macaco também é visualizado na vegetação ciliar do Rio Perdido dentro da área do campus. Fica observando o visitante do alto das copas das árvores, às vezes tentando assustar, balançando galhos da árvore. Na região amazônica é capturado para animal de estimação por ser dócil e calmo.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: macaco prego; macaquinho.

Taxonomia científica: Primata do gênero *Cebus sp*

Este primata é muito admirado na área do campus por sua esperteza. Um macaco que sempre anda em bandos, tendo em sua dieta alimentar as bananas e roças de milho do IFMT Juína. Já foram vistos em pleno ato social em suas investidas no milharal do campus, sendo que um indivíduo faz a vigia na estrada, que é a entrada principal da escola, e os outros do bando ficam no encargo do transporte, às vezes com mais de um sabugo de milho, entrelaçados por suas folhas.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: aranha; macaco-aranha; coatá.

Nome científico: *Ateles chamek*

Indivíduo difícil de fotografar, mas ao avistá-lo na mata que circunda o campus de futebol, não teve escapatória. Quando é visto na mata tem o costume de se esconder atrás dos troncos em grandes alturas, mas nota-se que o animal fica seguindo o visitante estranho conforme há locomoção dentro da mata.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: macaco-de-cheiro; mão-de-ouro; macaco amarelo

Nome científico: *Saimiri sciureus*

Geralmente este primata é visto na mata que circunda o campo de futebol. Provavelmente não é um macaco com grande população na área do campus, sendo visto poucas vezes, talvez a procura de alguma fruta existente naquele lugar. Conforme o Centro Nacional de Primatas é um macaco onívoro que tem em sua dieta alimentar além de matéria vegetal, pequenos insetos.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: maitaca da cabeça azul

Nome Científico: *Pionus menstruus*

É um psitacídeo que normalmente pousa em galhos sem folhas e no alto de palmeiras. Voa fazendo bastante barulho. A ave da imagem estava com um ninho em um tronco oco de palmeira próximo a represa do campus, mas infelizmente foi constatada que seus filhotes foram retirados do ninho após derrubarem seu local de nascimento. Ao que tudo indica, pode ter sido ação para o xerimbabo ou até mesmo comercialização da espécie.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: maracanã; maracanã verdadeira; papagaio

Nome Científico: *Primolius maracana*

A maracanã-verdadeira tem uma preferência especial por palmeiras, de cujos frutos se alimentam, mas na imagem está se alimentando do fruto da Teca em plantações no campus. Fazem barulhos altos quando sobrevoam a área do campus.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: martim pescador; martim pescador grande

Nome Científico: *Megaceryle torquata*(macho)

Alimenta-se preferencialmente de peixes que são visualizados de um poleiro alto, em geral, próximo às coleções de águas limpas. Ao localizar a presa, mergulha sobre ela e, após a captura, retorna ao poleiro; com o peixe entre as maxilas provoca-lhe a morte, batendo-o contra uma superfície dura. É comum próximo a represa do campus.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: mico; sagui de rabo preto; sagui marrom

Nome científico: *Callithrix melanura*

Talvez seja o menor da ordem primata a habitar as matas do IFMT Juína. Sempre é visto no pomar das laranjas e mata do campo de futebol. Alimenta-se de frutas e insetos.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: muçurana

Nome científico: *Pseudoboa nigra*

É uma serpente que às vezes é visualizada entre os prédios de sala de aula e administrativo, é ligeira e sempre se esconde ao avistar perigo. Apesar de possuir veneno, na literatura é relatado que não traz perigo ao homem, pois possui dentição Opistóglifa com dentes inoculadores de peçonha se encontram na parte posterior do maxilar superior.



Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: pato do mato

Nome científico: *Cairina moschata*

O pato do mato foi domesticado pelos grupos indígenas da América do Sul por sua carne. É uma ave aquática de fácil visualização na represa do campus, às vezes acompanhada de sua ninhada. Sofre grande pressão antrópica devido caça para alimentação humana. É também criado como animal doméstico na região, onde cruza com facilidade com patos comuns gerando mestiços.



Imagem IFMT Júnia 2012.

Nome comum: periquito; periquito de encontro amarelo

Nome Científico: *Brotogeris chiriri*

Deslocam-se em bandos, muitas vezes de muitos indivíduos. Adaptou-se aos ambientes urbanos, onde se tornou muito comum. No campus, pousam centenas em uma figueira ao lado da lanchonete, fazendo um alto alvoroço sonoro nos fins das tardes.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: quero-quero

Nome científico: *Vanellus chilensis*

O quero-quero é sempre o primeiro a dar o alarme quando algum intruso invade seus domínios, auxiliando outros animais como a capivara e anta no aviso de perigo. É comum em áreas gramadas do campus, alimentando de pequenos artrópodes.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: quiriquiri; gaviãozinho

Nome científico: *Falco sparverius*(macho)

É uma das menores aves de rapina do Brasil. Pode ser observado em fios de condução de energia nas imediações do campus, ficando às vezes horas a espera de sua presa, que podem ser cobras, lagartos, roedores, morcegos, pardais e filhotes de pombos. Prestando assim um grande trabalho no fluxo populacional de diversas espécies na cadeia alimentar.



Imagem IFMT Juína, 2012.

Nome comum: sapo; sapo cururu.

Taxonomia científica: Anfíbio do gênero *Rhinella*

Este sapo é comum na área do IFMT Juína. Animal que traz aversão de forma fóbica, mas com grande atuação na cadeia alimentar no controle de insetos e moscas.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: sapo cururu

Nome científico: *Rhaebo guttatus*

Pesquisadores do Butantan descobriram que ao contrário dos outros anfíbios, que expõem veneno somente para se defender de um ataque, o *Rhaebo guttatus* tem um mecanismo de veneno ativado voluntariamente, tornando-o famoso, pois este comportamento é algo incomum entre os anfíbios. Este indivíduo foi fotografado na cozinha de uma residência dentro da área da escola, onde mora um professor.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: socó; socó boi

Nome Científico: *Tigrisoma lineatum*

Esta ave alimenta-se de quase tudo que encontra: crustáceos, répteis, anfíbios, peixes e insetos. Vive em áreas úmidas, como brejos, pântanos e veredas e também regiões florestais. Costuma esconder-se na vegetação ribeirinha. Também é um animal que faz parte da comunidade ecológica da represa.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: tatu; tatu-peba

Nome científico: *Euphractus sexcinctus*

São indivíduos solitários, e abundantes em plantações, causando grandes prejuízos, pois se alimentam de brotos de milho e outras plantas. Vários acidentes ocorrem com cavalos por causa das inúmeras tocas construídas por esta espécie, quebrando-lhes as patas. O tatu da imagem foi fotografado em uma de suas investidas no gramado do canteiro central das salas de aula.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: tucaninho; araçari; araçari miudinho de bico riscado

Nome Científico: *Pteroglossus inscriptus*

Vivem solitários, aos pares ou em pequenos grupos na copa de florestas altas, tanto em seu interior quanto nas bordas, várzeas, florestas de galeria, capoeiras e clareiras. É grande predador de ninhos e pode descer ao sub-bosque para seguir correições de formigas. Esta imagem foi capturada numa área de pastagem bovina do campus, em um tronco seco.



Imagem IFMT Juína 2012.

Nome comum: zogue-zogue

Taxonomia científica: Primata do gênero *Callicebus sp*

Este macaco também é visto na mata que circunda o campo de futebol. Alimenta-se de frutas, folhas, sementes e insetos. Sua população não é alta na área do campus, pois as visualizações não são frequentes.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

REIS, N. R; PERACCHI, A. L; PEDRO, W. A; EDS, I.P.L. **MAMÍFEROS DO BRASIL**. 2º Ed. Edt do autor. 2011. Londrina. 439p.

WIKAVES. **A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>. Acesso em 23 de outubro, 2012.

BERNARDE, P. S. **Anfíbios e Répteis. Introdução ao Estudo da Herpetofauna Brasileira**. Anolisbook, Curitiba, PR . 2012. 320 p.

BERNARDE, P. S; ALBUQUERQUE, S; BARROS, T.O. & TURCI, L.C.B. **Serpentes do estado de Rondônia, Brasil**. Biota Neotrop. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br/v12n3/en/abstract?inventory+bn00412032012>>. Acesso em 28 de dezembro de 2012.

BUCKUP, P.A.; MENEZES, N.A.; GHAZZI, M.S. **Catálogo das espécies de peixes de água doce do Brasil**. Rio de Janeiro, Museu Nacional. 2007. 195p.

CÂNDIDO, E, L. **Avifauna do IFMT Campus Juína: Uma proposta para Educação Ambiental**. Relatório PROIC – Programa de Iniciação Científica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT, 2010.

AMBIENTE BRASIL. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/>>. Acesso em 27 de janeiro, 2013.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/animais/invertebrados.htm>>. Acesso em 27 de janeiro, 2013.

CENTRO NACIONAL DE PRIMATAS. Disponível em: <<http://www.cenp.org.br/guia.php>>. Acesso em 26 de janeiro, 2013.

FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.zoologico.com.br/>>. Acesso em 28 de janeiro, 2013.

MUNDO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/biologia/>>. Acesso em 26 de janeiro, 2013.